

DO FUNDO DO BAÚ

Pioneirismos no futebol brasileiro

2ª edição – revista e ampliada



Laércio Becker
Curitiba – 2012

À memória da minha mãe e da minha tia, que me deram a primeira bola e o primeiro livro.

Becker, Laércio
Do Fundo do Baú

Esporte. 2. Futebol. 3. Almanaque

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou utilizada de qualquer maneira, armazenada em sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocopiador, gravador ou de qualquer outra forma, sem o consentimento por escrito do autor e da editora.

Editora Campeões do Futebol

Estrada Lucinda de Jesus Silva, 781, Jardim Paulista, Itapevi, SP. CEP 06665-025

Email: contato@campeoesdofutebol.com.br

CNPJ: 07.041.904/0001-04

SUMÁRIO

AQUECIMENTO.....	5
JOGOS.....	5
Primeiros jogos.....	5
Primeiros jogos com times estrangeiros.....	10
Primeiros jogos noturnos.....	12
Primeiros jogos de futebol feminino.....	14
Primeira suspeita de suborno.....	17
Primeiro bicho.....	18
Primeira zebra.....	19
TORNEIOS.....	21
Primeiros torneios.....	21
Primeira liga.....	27
Primeiro troféu.....	28
Primeira volta olímpica.....	28
CLUBES.....	30
Primeiros clubes.....	30
Primeira mascote.....	34
Primeiras cisão, fusão, incorporação, troca de nome, de cores e de cidade.....	35
Primeiro departamento médico.....	38
ESPAÇOS.....	38
Primeiro campo marcado.....	38
Primeiros estádios.....	39
Primeiro placar.....	40
Primeira contagem de público.....	41
Primeira cobrança de ingressos.....	41
TORCIDAS.....	42
Primeiro torcedor.....	42
Primeiros sons da torcida.....	44
Primeira saudação à torcida.....	47
Primeiras vaias.....	48
Primeira separação de torcidas.....	49
Primeira invasão de campo.....	50
Primeira torcida organizada.....	51
Primeira queima de fogos.....	53
Primeiro olé.....	53
PESSOAS.....	54
Primeiros apelidos.....	54
Primeiros afrodescendentes.....	55
Primeiros treinadores.....	59
Primeiros cartolas.....	60
Primeiros “feras”.....	61
Primeiro “cobra”.....	62
Primeiro frangeiro.....	63
Primeiro gandula.....	64
Primeiro volante.....	65
Primeira árbitra.....	66
MATERIAIS.....	66
Primeiras bolas.....	66
Primeiras caneleiras.....	67

<u>Primeiras chuteiras.....</u>	<u>68</u>
<u>Primeiro juiz de tênis.....</u>	<u>68</u>
<u>Primeiro jogador de óculos.....</u>	<u>70</u>
<u>Primeiras luvas de goleiro.....</u>	<u>71</u>
<u>Primeira camisa dois.....</u>	<u>71</u>
<u>Primeiras camisas com faixa diagonal.....</u>	<u>73</u>
<u>Primeiras camisas numeradas.....</u>	<u>75</u>
<u>Primeira camisa com patrocínio.....</u>	<u>76</u>
<u>LANCES.....</u>	<u>76</u>
<u>Primeira tabelinha.....</u>	<u>76</u>
<u>Primeiro gol de bicicleta.....</u>	<u>77</u>
<u>Primeiro gol olímpico.....</u>	<u>79</u>
<u>Primeira domingada.....</u>	<u>81</u>
<u>Primeiro carrinho.....</u>	<u>83</u>
<u>Primeiro gol de letra.....</u>	<u>85</u>
<u>Primeira folha-seca.....</u>	<u>85</u>
<u>Primeira paradinha.....</u>	<u>87</u>
<u>Primeiro soco no ar.....</u>	<u>87</u>
<u>Primeiro fair-play.....</u>	<u>89</u>
<u>Primeiro gol de placa.....</u>	<u>89</u>
<u>COMUNICAÇÃO.....</u>	<u>90</u>
<u>Primeiros nomes do jogo.....</u>	<u>90</u>
<u>Primeiras publicações.....</u>	<u>92</u>
<u>Primeiras transmissões.....</u>	<u>94</u>

AQUECIMENTO

Minha relação com o futebol não é exatamente um amistoso. Em vez de praticar ou assistir, prefiro ler sobre o futebol do passado. Dessas leituras é que resultaram alguns artigos no site *Campeões do Futebol*.

Um dia, o editor Sidney Barbosa da Silva sugeriu que eu transformasse os artigos publicados e inéditos num livro. É que muitos deles tinham uma coisa em comum: falavam sobre pioneirismos do futebol brasileiro – primeiro isso, primeiro aquilo... Seria um bom critério de seleção, que eliminava outras curiosidades do mundo da bola, como recordes etc. Organizei-os em grandes grupos de assuntos, numa ordem meio lógica, meio cronológica, e o resultado aqui está.

Muitos capítulos são um resgate da origem de algumas expressões do jargão boleiro. Mas poucos os que não foram objeto de controvérsias. É claro que não tenho a pretensão de dar a palavra definitiva sobre elas. É bem provável que algumas outras versões tenham me escapado, não é possível saber tudo. Tudo é discutível. De qualquer modo, fiz questão de colocar as fontes ao final de cada capítulo, para auxiliar o leitor que pretenda aprofundar as pesquisas que foram aqui somente esboçadas. O baú está aberto, divirtam-se!

PS: meus agradecimentos a Ernani Buchmann e Osvijomar de Seixas Queiroz, pelo material enviado.

JOGOS

Primeiros jogos

A história oficial gosta de registrar como sendo a partida entre dois times de funcionários de companhias inglesas, em 14.04.1895, na Várzea do Carmo, em São Paulo. Nessa partida, o The São Paulo Railway Team bateu o The Gas Works Team por 4x2. No entanto, há registros de que o futebol já era praticado antes.

Práticas pré-esportivas

Quando estive viajando e fazendo suas pesquisas de campo pelo interior do Brasil, em 1816, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire viu brasileiros brincando com bola. Em livro publicado originalmente em 1851, em Paris, ele conta que:

“Pareceu-me que em Sorocaba os homens eram mais adeptos dos jogos de baralho do que em qualquer outro lugar. Havia também ali um jogo-de-bola muito bem montado. Itu contava igualmente com um, sendo esses dois os primeiros que eu havia visto desde que chegara ao Brasil. É bem verdade que ninguém se dedicava a esses jogos quando eu me achava presente, mas não é de supor que tenham sido montados sem uma finalidade prática. O simples fato de terem sido feitos prova que havia nessa região um pouco menos de indolência do que nas outras partes do Brasil que percorri. As pessoas muito preguiçosas só se mexem quando precisam trabalhar para a sua própria sobrevivência, e nunca se animam a fazer exercício apenas como diversão.”

Quando o Marechal Cândido Rondon desbravava a região que, não por outro motivo, hoje tem o nome de Rondônia, ele viu que os índios pareciam jogar bola. Pelo modo com que jogavam, chamou o jogo de “headball”, certamente para contrastar com

o “football”. Sobre essa descoberta, relata Roquette-Pinto, em livro publicado pela primeira vez em 1917, que:

“Da borracha da mangabeira [os parecis] fabricam (...) bolas com que jogam o Mataná-Arití, Headball, na justa expressão de Rondon (11.311). Nesse jogo, dividem-se os rapazes em dois campos e cada qual procura mandar a bola ao contrário, impelindo-a por uma cabeçada...”

Desde quando o “mataná-arití” era jogado? Impossível saber. Sendo uma tradição indígena, não seria de duvidar que fosse anterior à própria chegada de Cabral. De estilo semelhante, há ainda outro jogo indígena, mencionado por Gilberto Freyre no clássico *Casa grande & senzala*, de 1933. Vejamos o que ele diz:

“Há, entretanto, uma contribuição ainda mais positiva do menino ameríndio aos jogos infantis e esportes europeus: a da bola de borracha por ele usada em um jogo de cabeçada. Este jogo brincavam-no os índios com uma bola provavelmente revestida de caucho, que aos primeiros europeus pareceu de um pau muito leve; rebatiam-na com as costas, às vezes deitando-se de borco para fazê-lo.”

É o precursor do “peixinho”... E para que não se pense que os índios só jogavam com bola de borracha, como nos casos acima, temos ainda o relato do antropólogo Arthur Ramos, sobre a bola de palha dos índios bacairis – infelizmente, sem detalhar se eles a jogavam com os pés:

“Entre as atividades recreativas dos Bacairi, citam-se ainda os jogos infantis, como as pelotas de palha de milho, tiros de flecha, propulsores e outros brinquedos.”

Embora muito interessantes, esses relatos não podem ser considerados como jogos de futebol porque, bem diria João Lyra Filho, não constituem nem sequer “esportes”, no sentido de Norbert Elias. São práticas pré-esportivas que poderiam revelar as supostas raízes da intimidade do brasileiro com a bola – ou “memória filogenética”, na expressão de Álvaro Magalhães. Digo “supostas” porque os astecas jogavam o *tlachtli*, os maias jogavam pelota e, nem por isso, mexicanos e guatemaltecos são campeões mundiais, pelo menos ainda não. Isso faz supor que – com o devido respeito – esses exemplos de “futebol” pré-colombiano não implicam uma superior “intimidade com a bola” – o que, evidentemente, não lhes retira o inquestionável valor histórico, cultural e antropológico.

Marinheiros

Há notícias de que, desde 1864, marinheiros ingleses, franceses e holandeses, de navios de guerra e mercantes, quando ancoravam nos nossos portos aproveitavam para jogar futebol. Consta que, no Rio de Janeiro, uma partida foi disputada nas areias da Glória, em 1874, e outra foi jogada por tripulantes da corveta inglesa *Criméia*, num capinzal diante da residência da Princesa Isabel (atual Palácio Guanabara, vizinho ao Fluminense), em 1878. No entanto, Patrícia e Vitor Iorio informam que uma pesquisa publicada no *Jornal do Brasil* de 31.10.1971 descobriu que nenhum navio inglês de nome *Criméia* aportou no Rio de Janeiro naquele distante ano.

Fato é que, nesses casos, terminada a partida, os jogadores iam embora com bola e tudo. Não era plantada a semente do jogo na população local.

Colégios

Fala-se da introdução do futebol pelos jesuítas no Colégio São Luís, em Itu (novamente Itu; lembram do relato de Saint-Hilaire?), por volta de 1872 e 1873, bem como no Ginásio Nacional (atual Colégio D. Pedro II), conforme consta em seu regulamento de 1892: *“São permitidos como jogos escolares: a barra, a amarela, o futebol, a peteca, o jogo da bola, o ‘cricket’, o ‘lawn-tennis’, o ‘croquet’,* corridas,*

saltos e outros, que a juízo do diretor, concorram para desenvolver a força e destreza dos alunos, sem pôr em risco a sua saúde” (apud Penna Marinho).

* Observação: num livro de Penna Marinho consta “cronhet” e noutra “crochê”. Como desconheço esporte com o nome de “cronhet” e considerando que crochê nunca foi modalidade esportiva, provavelmente são dois erros de revisão. Pesquisei em dois livros sobre a história do Colégio (Escragnolle Dória e Fernando Segismundo) mas não encontrei nada a respeito. Creio, então, que o autor estava se referindo ao *croquet* – na precisa definição de Tubino, “*um esporte no qual as pessoas competem contra cada um dos adversários e têm por objetivo passar a bola por arcos, depois de batida por tacos*”.

Gabriel Kopke Fróes (*apud* Paulo Ferreira) dizia que, em 1882, já se jogava futebol no Colégio Paixão, de Petrópolis (RJ). Roberto Mércio, citando outras fontes, também faz referência à prática do futebol no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo (RJ), desde 1886, bem como em colégios maristas gaúchos. Gustavo Pinto de Faria, autor de um livro sobre o futebol friburguense, confirma: os padres jesuítas trouxeram bolas e uniforme e ensinaram o futebol a seus alunos desde a fundação do Colégio Anchieta, em 12.04.1886.

Ferroviários

Suspeita-se que, por influência de funcionários ingleses, eram organizados jogos improvisados e sem definição clara das regras, antes de 1895. P.ex., consta que, em 1882, um tal de Mr. Hugh teria introduzido o jogo em Jundiaí, entre ferroviários ingleses e brasileiros da São Paulo Railway. E que, entre 1875 e 1876, no campo da rua Paissandu, no Rio de Janeiro, funcionários da Leopoldina Railway e de bancos ingleses teriam jogado uma partida, liderados por um tal de Mr. John.

Entre os indícios que ficaram da prática do futebol entre ferroviários, há um estudo para construção da Vila Martin Smith (depois Paranapiacaba), da década de 1890, com espaço reservado para um “foot ball ground”.

Juiz de Fora

O *Atlas do esporte no Brasil* traz um texto que afirma que os primeiros jogos de futebol, no Brasil, foram disputados em Juiz de Fora (MG), em 1892. Jogos organizados pelo Instituto Granbery, da Igreja Metodista.

Santana do Livramento

Segundo José Nunes Orcelli, há registros de partidas de futebol jogadas na cidade de Santana do Livramento (RS), entre 1889 e 1890. O grupo de jogadores teria sido o embrião do EC 14 de Julho, fundado em 14.07.1902.

Pará

Pesquisadores paraenses reivindicam a primazia da introdução do futebol no Brasil para aquele estado. Dizem eles que, se é verdade que partidas já eram disputadas com frequência em 1896, na Praça Batista Campos, em Belém, é de se imaginar que foi introduzido anos antes, pois havia necessidade de tempo para que o jogo e suas regras fossem assimilados pelos brasileiros.

De acordo com essa linha de raciocínio, o futebol teria sido introduzido no Brasil em 1892, por sócios do Club de Esgrima, que batiam bola na frente da sede da entidade, no Largo de Nazaré, em Belém, sob a liderança de João Luís de la Roque. Loris Baena Cunha vai mais longe: fala em jogos de funcionários ingleses da Amazon

Steam Navigation Company Ltd., da Parah Gaz Company e da Western Telegraph já em 1890.

Segundo o geógrafo Gilmar Mascarenhas de Jesus (*apud* Franzini), na condição de porta de entrada para a Amazônia (leia-se: borracha, o ouro verde), tinha contato precoce com as novidades européias. Só que essas novidades não se enraizavam, motivo pelo qual as equipes organizadas no final do século XIX tiveram vida muito curta.

Bangu

Segundo Carlos Molinari, o futebol já era jogado em Bangu desde abril de 1894, por iniciativa de Thomas Donohoe, um escocês contratado pela Companhia Progresso Industrial que era apaixonado pelo jogo e trouxe, da Inglaterra, uma bola de couro, uma bomba e alguns pares de chuteiras.

Assim, mesmo desconsiderando as partidas entre marinheiros, Oscar Cox (futuro fundador do Fluminense FC) não foi o introdutor do futebol no Rio de Janeiro, já que as primeiras bolas ele trouxe da Suíça em 1898, a partir de quando passou a divulgar o jogo entre os sócios do Clube Brasileiro de Cricket (antigo Rio Cricket Club, depois Paysandu Cricket Club, Paysandu Athletic Club e, finalmente, Paissandu AC), do Rio, e até entre os ingleses do Rio Cricket & Athletic Association (RC&AA), de Niterói. Se bem que, segundo Vitor e Patrícia Iorio, as bolas trazidas por Cox foram usadas mais no rúgbi, devido à impropriedade do terreno para o futebol.

No entanto, pode-se dizer que Oscar Cox organizou a primeira partida interestadual, em 01.08.1901, no campo do RC&AA, entre jogadores brasileiros sócios do Paysandu Cricket Club (do então Distrito Federal) e ingleses do RC&AA, de Niterói (estado do Rio), respectivamente chamados de Rio Team e England Team. O jogo durou apenas 40 minutos, com um intervalo de 15. Resultado: empate em 1x1. Creio que foi a **primeira contagem de torcedores** do futebol brasileiro: exatamente 15 pessoas. Eram elas: o pai e a irmã do zagueiro Vitor Etchegaray, Mário Rocha, Domingos Moutinho e 11 tenistas que estavam na sede do Rio Cricket e ficaram para ver o jogo. A partida que ele organizou com paulistas aconteceu logo depois, em 19.10.1901.

Ou seja, Charles Miller, o primeiro divulgador e incentivador do *football association* no Brasil, foi aqui pioneiro em introduzir a prática do futebol organizada em forma de clube. Nas palavras de Arlei Damo, mais que uma modalidade esportiva, Miller trouxe um modelo de sociabilidade. O que não é pouco, pois foi o introdutor de um novo estilo de lazer que, alavancado pela estrutura clubística, acabou se transformando na manifestação cultural hegemônica que conhecemos hoje em dia como: futebol brasileiro. Mas tudo indica que, ao contrário do que diz a história oficial, não foi o introdutor do futebol no país.

Fontes:

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 24-5, 29.

BARA FILHO, Maurício Gattás *et alii*. Cluster esportivo de Juiz de Fora – MG. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 53.

BUCHMANN, Ernani. *Quando o futebol andava de trem*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 4-5.

- COELHO NETTO, Paulo. *O Fluminense na intimidade*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1969. v. 2, p. 75.
- COSTA, João Batista Ferreira da. *A enciclopédia do futebol paraense*. 4ª ed. Belém: ed. do autor, 2007.
- CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: ed. do autor, s/d.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 36-7.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003. p. 535.
- ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992. p. 187 e ss.
- FARIA, Gustavo Pinto de. *Futebol em Nova Friburgo*. Nova Friburgo: ed. do autor, s/d. p. 20.
- FERREIRA, Maria Beatriz Rocha *et alii*. Jogos tradicionais indígenas. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 33-4.
- FERREIRA, Paulo E. Pinto. *A história do esporte em Petrópolis*. Petrópolis: ed. do autor, 2002. p. 24-5.
- FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 112 e ss.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 47ª ed. São Paulo: Global, 2003. p. 206.
- GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. *Diversão e rivalidade política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950)*. Dissertação (Mestrado) – CFCH, Universidade Federal do Pará, 2005.
- IORIO, Vitor; IORIO, Patrícia. *Paissandu Atlético Clube*. Rio de Janeiro: PAC, 2001.
- IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. *Rio Cricket e Associação Atlética*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008.
- LAVANDER JR., Moysés; MENDES, Paulo Augusto. *SPR, memórias de uma inglesa: a história da concessão e construção da primeira ferrovia em solo paulista e suas conexões*. São Paulo: ed. dos autores, 2005. p. 105 e 292.
- LEMONS, Maria Tereza Toríbio Brittes. Tlachtlí – o jogo de bola na Mesoamérica. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, nº 1, 1995, p. 55 e ss.
- LYRA FILHO, João. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1973. p. 151 e ss., 166, 187.
- MAGALHÃES, Álvaro. *História natural do futebol*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 40.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. São Paulo: RT, 1952. v. 2, p. 15.
- MARINHO, Inezil Penna. *História geral da educação física*. São Paulo: Cia. Brasil, s/d. p. 167.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950.
- MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 75.
- MELO, Victor Andrade de. *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 17-9.
- MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985.

- MILLS, John. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda, 2005.
- MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Brasília: ed. do autor, s/d.
- POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. *Almanaque do futebol Sportv*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1951. v. 1, p. 168.
- RAMOS, Miguel Glaser. *S.C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Furg, 2000. p. 27-8.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 16, 26.
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Rondônia*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 91.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. p. 188.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SHIRTS, Matthew G. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (orgs.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imesp/Daes, 1982. p. 87 e ss.
- TONELLI, Nicélio César. A arqueologia do “futebol” maia: o jogo da pelota. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, nº 5, 1997, p. 21 e ss.
- TUBINO, Manoel José Gomes; TUBINO, Fábio Mazon; GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso. *Dicionário enciclopédico Tubino do esporte*. Rio de Janeiro: Senac, 2007. p. 195.
- UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.

Primeiros jogos com times estrangeiros

Tomás Mazzoni informa que eram muito comuns os jogos entre brasileiros e uruguaios, na fronteira: “várias vezes quadros gaúchos tinham jogado com os quadros do Uruguai, porém é certo que esses confrontos não eram oficiais”.

Não podemos esquecer os jogos contra marinheiros estrangeiros. Os dois primeiros jogos do SC Rio Grande com um quadro externo ao clube ocorreram em maio de 1901, quando os gaúchos jogaram contra os marinheiros do navio canhoeiro inglês *Nymphe*. Em Jaguarão, no mesmo Estado, José Nunes Orcelli conta que o primeiro jogo de futebol ocorreu em 1902, entre um selecionado local e marinheiros do navio inglês *South Africa*.

Segundo Antônio Figueiredo e Leopoldo Sant’Anna, o primeiro jogo com time (time mesmo) estrangeiro foi uma goleada de 6x0 imposta por um quadro sul-africano a um selecionado paulista, em 31.07.1906.

Segundo José Jorge Farah Neto e Rodolfo Kussarev Jr., o primeiro clube brasileiro a excursionar no exterior foi o SC Americano, de São Paulo. Jogou na Argentina e no Uruguai, em 1913. Na primeira partida, venceu por 2x0 um combinado local, em Buenos Aires, em 10.08.1913 – cf. Mazzoni.

Já o CA Paulistano foi o primeiro a atravessar o Atlântico e fazer uma excursão pela Europa. Aliás, uma excursão de grande sucesso, em 1925: 9 vitórias e 1 derrota, 30 gols a favor, 8 contra, em jogos com times e selecionados locais e nacionais. A epopéia mereceu um poema de Oswald de Andrade (“A Europa curvou-se ante o Brasil”) e o seguinte comentário de Coelho Netto (*apud* Prado):

“O que muitas de tais embaixadas diplomáticas, que nos custam os olhos da cara, não conseguem fazer com a cabeça, com as mãos e até com a língua,

algaraviando discursos simpáticos, realizaram em hora e meia os rapazes, e brilhantemente, com os pés. O Brasil tem hoje um pé na Cidade-Luz, é o pé do Paulistano e por esse pé fica o mundo conhecendo o valor do colosso sul-americano, como, segundo o adágio, pelo dedo se conhece o gigante.”

Por falar em jogos com times estrangeiros, **Fita Azul** era um título honorário que a CBD conferia aos times que conseguiam ficar 10 jogos invictos em excursão no exterior. A primeira foi conquistada pela Portuguesa de Desportos, devido à excursão que fez em 1951. Por que “fita azul”? Não descobri. A referência mais antiga que encontrei a um apetrecho desses foi o conto “História de uma fita azul”, de Machado de Assis. Em resumo, é a patética saga de um moço que tenta recuperar a fita azul dada de presente pela noiva, que havia perdido. Seria preciso muita criatividade para extrair disso uma metáfora para excursões vitoriosas de times brasileiros no exterior.

Uma “Fita Azul às avessas”, se existisse, quem mereceria era o Bela Vista FC, de Sete Lagoas (MG). Em 1958, ano em que o Brasil conquistou sua primeira Copa do Mundo, o time mineiro recém profissionalizado aceitou um convite para excursionar pela Europa. Resultado: 2 vitórias, 2 empates e 19 derrotas, com direito a uma goleada de 12x1 para o Newcastle. Apesar da campanha que a imprensa, de que eles estavam sujando a imagem do futebol brasileiro campeão mundial, na volta, os jogadores foram recebidos como heróis pelos conterrâneos, cujo lema era: “falem mal, mas falem do Bela Vista” (cf. André Carazza dos Santos).

Segundo José Rezende e Raymundo Quadros, o primeiro (e até agora único) clube brasileiro a dar a **volta ao mundo** numa excursão não foi o Santos de Pelé, Coutinho e Pepe, mas o Olaria, em 1954. Foram 8 vitórias, 8 empates e 14 derrotas num giro pela Europa, Ásia, América do Norte e do Sul.

Ainda segundo os autores, o primeiro time brasileiro a jogar no Japão foi o Madureira, na **maior excursão** já feita por um clube daqui. Em 144 dias de viagem por Europa, Ásia e Estados Unidos, obteve 23 vitórias, 3 empates e 10 derrotas.

Fontes:

- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000. p. 44 e ss.
- CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 294-5.
- DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. *Um século de futebol no Brasil*. s/l: Aplub, s/d. p. 6.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 186.
- FARAH NETO, José Jorge; KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do futebol paulista 2001*. São Paulo: Panini, 2001. p. 404.
- FIGUEIREDO, Antonio. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1918. p. 50 e ss.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa em quatro volumes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 2, p. 1.401 e ss.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 80, 87, 181 e ss.
- ORCELLI, José Nunes. *Os 103 anos do futebol jaguareense*. Jaguarão: ed. do autor, 2005. p. 24-5.
- PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 12.
- PRADO, Decio de Almeida. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 206-7.

- RAMOS, Miguel Glaser. *S.C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Furg, 2000. p. 34-5.
- REZENDE, José; QUADROS, Raymundo. *Vai dar zebra*. Rio de Janeiro: ed. do autor, s/d. p. 7, 21, 176, 251.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 636.
- SANT'ANNA, Leopoldo. *Supremacia e decadência do futebol paulista*. São Paulo: Instituto Ana Rosa, 1925. p. 107.
- SANTOS, André Carazza dos. É proibido perder. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, nº 59, p. 40-3, ago. 2010.

Primeiros jogos noturnos

Há quem diga que foi um treino das equipes da Sociedade Esportiva Linhas e Cabos, formada por funcionários da companhia de energia elétrica Light & Power, em 23.06.1923, no campo do clube, na rua Glicério. Uma idéia de Severino Rômolo Gragnani, presidente do clube, para compensar a imprevisibilidade dos horários de trabalho, devido aos turnos ininterruptos de revezamento. Foram utilizados os holofotes que usavam para os serviços noturnos, que foram instalados em torres nos quatro cantos do campo. Para compensar a iluminação fraca, Severino pintou a bola de branco (originalmente, as bolas eram da cor do couro, alaranjada). Foi o que disse Rubens Ribeiro, grande pesquisador do futebol paulista, que considerou esse como o primeiro jogo noturno no mundo.

Mas, como dizia Didi (ver “Primeira folha seca”), “treino é treino, jogo é jogo”. Daí que, segundo Luiz Fernando Bindi, o primeiro jogo noturno ocorreu em 1926, novamente na rua do Glicério: Sociedade Esportiva Linhas e Cabos 1x2 Associação Atlética República (ou EC Silva Telles, cf. Vicentini). Foram utilizados a iluminação dos galpões de manutenção da Light e também faróis de bondes direcionados para o campo. De quebra, aproveitaram uma noite de luar. A grande maioria dos autores aponta este como o primeiro jogo noturno no Brasil.

Os moradores de Guaxupé (MG), contudo, vindicam para si o primeiro jogo noturno, que teria ocorrido no campo do antigo Seminário São Luiz Gonzaga, na passagem de ano de 1921 para 1922. Placar: XV de Novembro 2x1 Academia de Comércio. Realmente, data anterior à primeira partida em São Paulo. Também anterior ao primeiro jogo noturno em Juiz de Fora (MG), que, segundo Tomás Mazzoni, ocorreu em 1929.

Gilmar Mascarenhas informa que, em 1915, o Sport Club Rio Grande (ver “Primeiros clubes”) inaugurou iluminação noturna em seu estádio, no que seria “muito provavelmente o pioneiro no Brasil”.

No entanto, tudo indica que a primeira partida noturna ocorreu mesmo é no Rio de Janeiro, conforme lembram os pesquisadores do futebol campista Paulo Ourives e Hélvio Santafé, com base em pesquisa do jornalista Jota Efegê (João Ferreira Gomes), publicada no *Jornal do Brasil*, em 02.04.1970. Foi um amistoso entre o Villa Isabel Football Club, então campeão da 3ª divisão, e um “Scratch Campista”, ou seja, um selecionado da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), jogado no campo do antigo Jardim Zoológico de Vila Isabel (ver “Primeiros ‘feras’”) e vencido pelo mandante por 4x0, em 05.09.1914, às 21h. Segundo consta, o campo foi (mal...) iluminado com 12 lâmpadas de 3 mil velas e, na platéia, estavam o prefeito do Rio, o então senador Nilo Peçanha, deputados e outras autoridades. Os autores afirmam que foi provavelmente o primeiro jogo noturno da América do Sul. Na noite seguinte, ambas as equipes se enfrentaram novamente, nova vitória carioca, mas não temos o escore.

No mesmo local, há registro de pelo menos outra partida noturna, em 14.10.1914, às 21h 20min, entre o dono da casa e o America FC, que venceu por 6x1. Sobre as lâmpadas utilizadas, a *Gazeta de Notícias* do dia seguinte estampou a seguinte nota: “consta que as mesmas foram introduzidas, no Brasil, como artigo de contrabando, atenção, senhores fiscais aduaneiros!”. Adolpho Schermann informa outra data, 11.10.1914, e supõe ser o primeiro jogo noturno no Rio de Janeiro. Porém, como vimos acima, houve outro no mês anterior.

Em 31.03.1928, no estádio São Januário, foi o primeiro jogo noturno em estádio, sob a luz de refletores (eram 65). Segundo Roberto Mércio, o primeiro jogo noturno oficial, no Brasil. Foi um amistoso entre o Vasco da Gama e o uruguaio Wanderers, de Montevideu, vencido pelos vascaínos por 1x0. Na preliminar, America e São Cristóvão empataram em 1x1, também à noite. O pioneirismo brasileiro nesse evento está estampado nos livros de John Mills, que destacam o deslumbramento dos ingleses com a iluminação dos campos brasileiros, e de Aidan Hamilton, que afirma que, na Inglaterra, pátria-mãe do futebol, jogos noturnos oficiais só ocorreriam uns 25 anos depois. Só que João Machado Pereira noticia um jogo noturno no campo do Bramall Lane Chesfield (não seria Sheffield?) em 1878, dois anos após a invenção da lâmpada. Dienstmann e Denardin dizem que o primeiro jogo noturno de futebol no mundo ocorreu depois, em 14.10.1879, em Sheffield, entre Wanderers Accrington e Church Clapham Rovers. Enfim, é confusão demais, vamos ficar com os jogos brasileiros mesmo.

Na década de 1940, para um jogo noturno entre São Paulo e Vasco da Gama, Joaquim Simão Gomes, roupeiro e vigia do São Paulo, também pintou de branco uma bola de couro. Seu trabalho foi tão bom que recebeu encomendas até do River Plate, da Argentina. Luiz Fernando Bindi considerou que essa foi a **primeira bola branca do mundo**. Só que, como vimos, teve aquela outra, de 1923, à qual – salvo engano – cabe a glória desse pioneirismo. Detalhe: segundo Claudio Dienstmann e Pedro Denardin, somente a partir de 1951 as bolas brancas passaram a ser utilizadas com regularidade, com vistas a uma melhor identificação nas transmissões televisivas.

Em resumo, podemos concluir que o primeiro jogo no Brasil foi o de 1914, em Vila Isabel; o primeiro no Rio Grande do Sul, o de 1915, em Rio Grande; o primeiro treino em São Paulo foi o de 1923, na rua Glicério, onde foi jogada a primeira bola branca; o primeiro jogo em São Paulo foi o de 1926, no mesmo local; e o primeiro em estádio com refletores foi o de 1928, em São Januário. E o jogo em Guaxupé, de 1921, foi... o primeiro jogo noturno de Guaxupé; no máximo, de Minas.

Fontes:

- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 151-2.
- ARÊAS, Nilo Terra. *Almanaque esportivo jubileu de ouro do futebol campista*. Campos: Nilpress, 1962. p. 58.
- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 64-5, 91-2.
- CUNHA, Orlando. *Cronologia de uma odisséia*. Rio de Janeiro: s/n, 2001. p. 4.
- CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 81-2, 148.
- DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. *Um século de futebol no Brasil*. s/l: Aplub, s/d. p. 22, 28.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 186.

- HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 185.
- MASCARENHAS, Gilmar. Cluster esportivo-recreativo de Pelotas e Rio Grande – RS, 1880-1920. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 59.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 207.
- MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985. p. 55.
- MILLS, John. *Memoriam SPAC*. São Paulo: Price Waterhouse, 1996. p. 114.
- OLIVEIRA, Lili Rose Cruz. *Vila Isabel de rua em rua*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2005. p. 65-8.
- OURIVES, Paulo. *História do futebol campista*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1989. p. 145-8.
- PEREIRA, João Machado Pereira. *Os que correm nos Maracanãs*. Joinville: Letradágua, 2005. p. 53.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 244 e 638.
- RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 89.
- SANTAFÉ, Hélvio. *Ídolos do esporte: a história do esporte de Campos*. 2ª ed. Campos: Grafimar, 2006. p. 127-8.
- SCHERMANN, Adolpho. *A história do futebol carioca*. Rio de Janeiro: Os Desportos em Todo o Mundo, 1960. p. 14.
- VICENTINI, Walter Scott. *O segundo chute*. São Paulo: ed. do autor, 2005. p. 123.

Primeiros jogos de futebol feminino

Se a prática do futebol já era motivo de polêmica (ver nosso artigo “Contra o football”, no site www.campeoesdofutebol.com.br), maior ainda seria a do futebol feminino. (Jorge Knijnik e Esdras Vasconcelos reclamam do termo “futebol feminino”, dizendo que, a rigor, o futebol é um só. Mesmo assim, vamos utilizá-lo, respeitosamente, por se tratar de expressão consagrada.)

Desde o século XIX, esportes já eram praticados pelas mulheres. Joaquim Manuel de Macedo, o famoso autor de *A Moreninha*, chegou a fazer o seguinte comentário, na imprensa (depois republicado nas *Memórias da Rua do Ouvidor*, de 1878): “*Ainda bem que a ginástica já entra seriamente no sistema de educação pública, e na província do Rio de Janeiro adotou-se até a ginástica apropriada para o sexo feminino na escola normal*”. E, antes que alguém achasse que fazia ironia, declarou: “*Eu reconheço a conveniência e aplaudo a aplicação do ensino da ginástica*”. Aliás, devemos reconhecer em Macedo um entusiasta dos exercícios físicos em geral, tanto que, em 1863, pedia a instituição das regatas no Rio de Janeiro (*Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*).

Mas e o futebol feminino?

A dissertação de Mestrado em Educação Física de Eriberto Moura, pela Unicamp, é sobre as relações que há entre lazer, esporte e gênero. Só que a vasta pesquisa de periódicos de época que ela o obrigou a fazer acabou revelando alguns dados sobre qual seria a primeira partida de futebol feminino no Brasil.

Nessa pesquisa, descobriu pistas de jogos entre mulheres entre 1908 e 1909. Mas o que entrou para a história foi um jogo que em tese seria disputado entre homens e mulheres em 25.01.1913, num evento beneficente para construção de um hospital da Cruz Vermelha para crianças pobres – que foi inaugurado em 1917. Atendendo ao discurso dos médicos de então, que pregavam que as pessoas praticassem esportes, os

jornais divulgavam o evento anunciando que “as mulheres podem até jogar futebol”. Só que, nas edições dos dias seguintes, foi informado que a “Madame Lili” da escalação era, na realidade, um homem com vestido, peruca e maquiagem. Na verdade, o time “feminino” era formado por jogadores do Sport Club Americano, campeão paulista daquele ano, vestidos de mulher, misturados a “senhoritas da sociedade”.

Outro jogo de interesse histórico ocorreu em 1921, entre senhoritas dos bairros Tremembé e Cantareira, na zona norte de São Paulo. Essa partida foi noticiada pelo jornal *A Gazeta* como uma atração “curiosa”, quando não “cômica”, em meio às festas juninas. Isso porque, naquele tempo, as mulheres tinham um papel secundário no esporte em geral e no futebol em particular. Em geral, limitavam-se à torcida e a concursos de madrinhas de clubes. Em campo, no máximo, davam o pontapé inicial ou disputavam tiros livres.

Na realidade, apesar dos avanços, havia muita resistência de setores mais conservadores da sociedade contra o futebol feminino. Basta observar que até mesmo Coelho Neto, apesar de ser um grande defensor do futebol (como vimos em nosso artigo “Contra o football”, no site www.campeoesdofutebol.com.br), escreveu o seguinte, na imprensa, em 1926: “*Certamente ninguém exigirá da mulher que jogue o football ou o rugby, que esmurre antagonistas com o guante de boxe, que arremesse barras de ferro, que se engalfinhe em luta romana. Há exercícios que lhe não são próprios e que lhe seriam prejudiciais, não só à beleza como à saúde e até a sujeitariam ao ridículo*”.

Para se ter uma idéia da resistência masculina, segundo Antonio Carlos Nogueira de Oliveira (o “Leivinha”), a primeira partida de futebol feminino em São João da Boa Vista (SP) mereceu excomunhão da Igreja Católica, pelo Padre Antonio David. Isso em 1952!

Muito diferente foi a atitude do Monsenhor Severino, em Campos dos Goitacazes (RJ). Para angariar fundos para o Orfanato São José, ele organizou os primeiros jogos de futebol feminino na cidade, em 06.08.1931. As moçoilas representaram os três principais clubes locais: Americano, Goitacaz e Rio Branco. Conta Nilo Terra Arêas que Monsenhor Severino, no entanto, teve de enfrentar grande resistência de muitos pais austeros que consideravam o futebol um jogo “pecaminoso”. Resultado: suas filhas foram jogar às escondidas...

Salvo engano, em 03.11.1940 ocorreu o que me parece ter sido a **primeira arbitragem feminina** no futebol brasileiro. Foi em Petrópolis, conforme informação de Gabriel Kopke Fróes (*apud* Paulo Ferreira). Naquele dia, o Serrano FC organizou um festival em que a partida principal foi um jogo de futebol feminino de duas equipes cariocas e a preliminar foi um jogo entre marmanjos do Serrano e do America. Nessa preliminar, como o árbitro se indispôs com ambas as equipes (incrível, era um amistoso...), a jogadora Margarida Soares assumiu o apito e levou o jogo até o fim, sem novas reclamações (muitos anos depois, em vez de “a Margarida”, a arbitragem brasileira contou com “o Margarida”, Jorge José Emiliano dos Santos). Depois, ainda participou da partida principal, na qual ainda teve fôlego para entusiasmar a torcida com suas “formidáveis escapadas e correção nas fintas e arremates”, segundo a *Tribuna de Petrópolis*. (Segundo Poli e Carmona, a primeira árbitra brasileira a ser reconhecida pela Fifa foi Léa Campos, em 1971.)

Parece que foi de 1959 o **primeiro jogo interestadual de futebol feminino**: uma partida beneficente entre vedetes cariocas e paulistas.

Em 14.04.1941, o Decreto-lei nº 3.199, em seu art. 54, dispunha que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Esse artigo foi regulamentado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), cuja Deliberação nº 7 dizia que: “não é permitida a prática feminina de lutas de

qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball”.

Quando surgiu o **primeiro clube de futebol feminino**? No remo, o primeiro clube feminino foi o Grupo de Regatas Feminino, da pequena Ilha da Pombeba, na Baía da Guanabara. Fundado em 1901, disputou uma regata com remadoras do Club Cajuense e fechou as portas, devido ao preconceito que sofreram (cf. Victor Andrade de Melo e Penna Marinho).

Quanto ao futebol feminino, uma exposição virtual do Arquivo Público do Estado de São Paulo (www.arquivoestado.sp.gov.br) afirma que os primeiros clubes foram fundados na década de 1940, no Rio de Janeiro, como o Cassino Realengo, o SC Brasileiro e o Eva FC. Pelo que conta Hollanda Loyola (*apud* Silvana Goellner), eram quadros formados por moças dos mais conceituados clubes suburbanos, que disputaram várias partidas, “*com todas as características do jogo masculino, sem mesmo lhes faltar esse complemento que parece imprescindível no famoso esporte bretão – as agressões e os socos*”. No entanto, há notícia de um clube feminino de futebol fundado antes disso, em 1924, em Belém, com o sugestivo nome de Bloco das Palmeiras – cf. *Revista A Semana*, de 16.11.1924, *apud* Magalhães. Tudo indica que foi mesmo o primeiro.

Alex Leonardos chama atenção para um clube fundado em 1965 (ou seja, justamente no ano da proibição do futebol feminino pelo CND): o Canarinhos FC – nome escolhido em virtude do uniforme comprado: camisas amarelas com detalhes em verde. Tudo começou quando, em certo domingo, um grupo de moças da Vila Pan-Americana, na Ilha do Governador, resolveu promover uma “pelada” só de mulheres (vestidas, é claro). O sucesso do evento fez com que, semanas depois, fosse fundado o clube. O detalhe é que, no estatuto, os pais das jogadoras constavam como diretores, mas eram apenas “laranjas” – segundo Alex Leonardos, para “resguardar a imagem das garotas e dar um caráter bem familiar ao clube”. Dos tombos e trombadas iniciais, o clube evoluiu para o sucesso, a ponto de receber convites para apresentações em outras cidades.

Por falta de times adversários, inicialmente, o Canarinhos tinha que levar seus dois quadros para jogarem entre si. Depois, alguns outros times foram surgindo nos bairros da Saúde, Penha e Campo Grande, além de outras cidades como Leopoldina (MG) e Campinas (SP). Infelizmente, porém, o Canarinhos encerrou as atividades em 1968. Onze anos depois, a proibição oficial do futebol feminino foi finalmente revogada, pela Deliberação nº 10/1979 do CND.

Por fim, segundo Márcia Morel e José Geraldo Salles, o EC Radar, do Rio de Janeiro, foi o **primeiro clube de futebol feminino a excursionar pelos EUA e América do Sul**, em 1982.

Fontes:

ARÊAS, Nilo Terra. *Almanaque esportivo jubileu de ouro do futebol campista*. Campos: Nilpress, 1962. p. 86-8.

BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 91.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. O esporte e a beleza. In: MACHADO, Ubiratan (org.). *Melhores crônicas Coelho Neto*. São Paulo: Global, 2009. p. 103.

FERREIRA, Paulo E. Pinto. *A história do esporte em Petrópolis*. Petrópolis: ed. do autor, 2002. p. 87.

FOOT-BALL. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25.01.1913, *Chronica Sportiva*, p. 3.

- FOOT-BALL: o “match” de ontem em benefício da Cruz Vermelha. *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, 27.01.1913, p. 4.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 79 e ss.
- KNIJNIK, Jorge Dorman; VASCONCELOS, Esdras Guerreiro. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: SIMÕES, Antonio Carlos (org.). *Mulheres & esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p. 166.
- LEONARDOS, Alex. *Futebol para mulheres*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. p. 7 e ss.
- LOYOLA, Hollanda. Pode a mulher praticar o futebol? *Revista Educação Physica*, Rio de Janeiro, nº 46, p. 18-20, set. 1940.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Senado Federal, 2009. p. 192.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Brasília: Senado Federal, 2009. p. 530-1.
- MAGALHÃES, Sandra Letícia Ferreira. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. In: MELO, Victor Andrade de (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 325-6.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. São Paulo: RT, 1952. v. 2, p. 29.
- MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 155.
- MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 88.
- MOREL, Márcia; SALLES, José Geraldo do C. Futebol feminino. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 262.
- MOURA, Eriberto José Lessa de. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- OLIVEIRA, Antonio Carlos Nogueira de. *A história do futebol em São João da Boa Vista: 1905 a 2008*. São João da Boa Vista: ed. do autor, s/d.
- PEREIRA, João Machado Pereira. *Os que correm nos Maracanãs*. Joinville: Letradágua, 2005. p. 14-5, 62.
- POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. *Almanaque do futebol Sportv*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p. 312.

Primeira suspeita de suborno

Segundo Penna Marinho, o primeiro caso de suborno, no futebol carioca, ocorreu em 1929, quando o proprietário do Café Estrela d’Alva foi preso em flagrante, quando tentava subornar três jogadores do America (Sobral, Joel e Pennaforte), às vésperas da final contra o Vasco. Segundo o jornal *O Globo* de 29.11.1929, foram os próprios jogadores que avisaram a polícia, que flagrou a entrega de vinte contos de réis. Depois do episódio, o America perdeu a final por 5x0 e novas suspeitas – nunca confirmadas – recaíram sobre Floriano e Osvaldinho.

De qualquer modo, houve um caso anterior. Como vimos em “Primeiros torneios”, a Taça dos Campeões Estaduais foi uma tentativa de estabelecer uma competição entre os campeões paulista e carioca. Sua primeira edição foi disputada em 1914, entre os campeões de 1913, Paulistano e America. Desde 1914, o America

contava com dois jogadores uruguaios, os irmãos A. e J. Bertoni, que haviam protagonizado o que Tomás Mazzoni e Rubens Ribeiro consideraram como o **primeiro caso de acusação de “falso amorismo”** – foi em 1912, quando o SC Americano (de São Paulo) importou-os do Uruguai (e, com eles, conquistou o título paulista de forma invicta no mesmo ano).

Pois bem, na primeira partida, em 24.05.1914, o America perdeu para o Paulistano, no Velódromo, por 3x2. Em seguida, o jornal carioca *O Imparcial* levantou a suspeita de que os Bertoni tinham sido subornados pelo Paulistano. O Paulistano reagiu, acusando o clube carioca de ser o responsável pelos boatos. O America não aceitou a acusação, os dois clubes romperam relações, a segunda partida não foi jogada e ninguém ficou com o título. Quanto aos Bertoni, pivôs desse primeiro caso de suspeita de suborno de jogadores no futebol brasileiro (cf. Mazzoni, Ribeiro, Cunha e Valle), foram afastados do quadro rubro “por disciplina de ordem interna”.

Bem, parece que os Bertoni e o America viviam mesmo às turras. É o seguinte: nesse mesmo ano de 1914, havia um grupo de jogadores que pretendia fundar um clube de futebol em Campos dos Goitacazes (RJ). Belfort Duarte chegou a ir lá e os convenceu a dar ao clube o nome de America FC. Só que, depois, os uruguaios também foram a Campos e, em vez de endossarem o nome do clube pelo qual então atuavam, sugeriram adotar o nome do clube anterior. Os campistas aprovaram a proposta e assim surgiu, em 28.04.1914, o Americano FC.

Fontes:

ARÊAS, Nilo Terra. *Americano Futebol Clube*. Campos: ed. do autor, 1976. p. 12-3.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 150-1.

CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 81, 162-3.

MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física no Brasil*. São Paulo: Cia. Brasil, s/d. p. 64.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 83, 95.

RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 105, 160.

Primeiro bicho

Há um consenso de que o “bicho” – prêmio dado aos jogadores em caso de vitória – tem origem no jogo do bicho. Isso porque, como o futebol era oficialmente amador, os bichos do jogo eram utilizados como linguagem cifrada para indicar ao time qual seria o valor da premiação, o que servia para atrair e incentivar os jogadores pobres. Antes do jogo, os jogadores perguntavam: “qual é o bicho de hoje?” Conforme a importância da vitória, o bicho seria um “cachorro” (5 mil-réis), um “coelho” (10 mil-réis), um “peru” (20 mil-réis), um “galo” (50 mil-réis), uma “vaca” (100 mil-réis), uma “vaca de três pernas” (300 mil-réis) e assim por diante, conforme a força do adversário.

(Em 1995, o craque Jacozinho, já veterano, aceitou jogar no CS Batallense (AL) desde que o “bicho” fosse pago *in natura*. Exigiu seis vacas para cada fase que o time superasse. Vaca mesmo, nada de 600 mil-réis, conforme a tabela de câmbio acima. Como o Batallense não passou da segunda fase, Jacozinho trocou seu pequeno rebanho por um carro.)

Para a maioria dos autores, o bicho teve origem em 1923, no Vasco. Os comerciantes portugueses (em especial, um rico cerealista da Rua do Acre) ofereciam aos jogadores uma “vaca de quatro pernas” se vencessem o America (campeão de

1922), uma vaca de três pernas em caso de vitória sobre o Flamengo (bicampeão de 1920-1), uma ovelha e um porco caso derrotassem o Fluminense e assim vai.

No entanto, Anatol Rosenfeld especula que o “bicho” surgiu provavelmente lá pelos idos de 1910 (sobre o futebol e o bicho na *belle époque* carioca, ver o livro *Lance de sorte*). Mas se foi antes de 1916, não foi invenção dos vascaínos, já que o Vasco ainda não estava no futebol. Então, como é que ficamos?

Pois bem, Mário Filho esclarece a questão: o nome “bicho” surgiu realmente com o Vasco de 1923. Mas a primeira gratificação aos jogadores foi criada em 1915, quando Joaquim Guimarães e Flávio Ramos se encarregaram de organizar uma seleção carioca. Em plena época do amadorismo, surgiu como forma de incentivar os jogadores que não apareciam para treinar, para que pegassem um táxi. Surtiu o efeito desejado: os cariocas treinaram e venceram a seleção paulista.

Fontes:

- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 42, 45.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 22.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990. p. 78-9, 86.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 101-3.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 123.
- FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 72.
- HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. *Lance de sorte*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 19-20.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 41-2.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 118.
- MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985. p. 45-6.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 137.
- PLACAR, nº 1127-A, maio 1997, p. 16.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 85.

Primeira zebra

Há um consenso de que chamar o resultado surpreendente de “zebra” foi obra do folclórico treinador Gentil Cardoso. O problema é o jogo que deu origem à sua utilização.

Gentil Cardoso foi marinheiro do encouraçado *Minas Gerais*. Quando o navio esteve na Inglaterra, em 1925, ele acompanhou as transformações do futebol. De volta ao Brasil, formou-se em Educação Física e foi treinador de vários clubes cariocas. Nessa condição, implantou métodos científicos no preparo físico e nas táticas de jogo. Além dos títulos que obteve pelo Vasco e pelo Fluminense, foi um frasista de mão-cheia (ou melhor, de boca cheia), que contribuiu para a introdução de palavras novas no jargão do futebol. Uma delas foi justamente a zebra.

A Wikipedia dá como um comentário de Gentil Cardoso como treinador do Bangu, a propósito da final do campeonato de 1966, em que bateu o Flamengo por 3x0,

em 18.12.1966. O problema é que o treinador era Alfredo Gonzalez e o episódio não consta na completíssima obra de Carlos Molinari.

Parece que a origem da zebra ocorreu mesmo foi em 1964. Quando um jornalista perguntou a Gentil que resultado ele previa para o jogo contra o Vasco, ele, como técnico da Portuguesa carioca e usando da lógica do jogo do bicho, disse que daria zebra – que não existe no bicho. E deu mesmo: Portuguesa 2x1 Vasco, nas Laranjeiras, pelo campeonato carioca, em 23.07.1964. Foi a primeira zebra batizada. Por esse motivo, aliás, a mascote da Portuguesa carioca é uma simpática zebra cujas listras, em vez de pretas, são rubro-verdes, as cores do clube.

No entanto, numa coleção de encartes publicados no *Diário de Pernambuco*, consta que Gentil inventou essa gíria quando treinava o Bonsucesso e disse que o alvirrubro era a zebra. O detalhe é que Gentil foi treinador desse time em várias oportunidades – 1931-2, 1935-6, 1940-1, 1947, 1951, 1955... – todas anteriores a 1964. Seria então o Bonsucesso a primeira zebra?

Apesar da autoria incontestada de Gentil Cardoso, parece que a inspiração seguiu a velha tendência de utilizar metáforas do jogo do bicho no futebol – ver “Primeiro bicho”. Quanto aos resultados surpreendentes, p.ex., há uma crônica de José Lins do Rego publicada no *Jornal dos Sports* de 12.10.1945, intitulada “Seu Leopoldino” – em referência à personagem criada pelo cartunista Lorenzo Molas (ver “Primeira mascote”) para representar um imaginário torcedor-símbolo do Bonsucesso, uma vez que o clube fica num bairro servido pela Estrada de Ferro Leopoldina. Nessa crônica, o ilustre autor de *Menino de engenho*, ao comentar a inesperada derrota do Botafogo por 1x0 para o Bonsucesso (em 23.09.1945, em Teixeira de Castro), diz que o Seu Leopoldino, “quando acontece sair de suas normas e acertar uma centena, espalham que ganhou no milhar”. Foi, a seu modo, uma forma precursora de ver a zebra pela lente do bicho.

Fontes:

- ARAGÃO, Lenivaldo. Bem ao estilo Gentil. *Diário de Pernambuco*, 20.07.2009. Coleção “Paixão Traduzida em Cores”, fascículo 15, p. 17.
- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 378 e 387.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 132.
- COUTINHO, Edilberto. *Zelins, Flamengo até morrer*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 1995. p. 98.
- FEIJÓ, Luiz César Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 204.
- LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 127.
- LOPES, Nei. *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*. Rio de Janeiro: Dantes, 2001. p. 202-3.
- LOPES SOBRINHO, Hermito. *Futebol e reminiscências*. Santa Maria: Grafos, 1989. p. 205-6.
- MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Brasília: ed. do autor, s/d.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 215.
- PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 96.
- REZENDE, José; QUADROS, Raymundo. *Vai dar zebra*. Rio de Janeiro: ed. do autor, s/d. p. 9-13.

TORNEIOS

Primeiros torneios

Entre seleções – RJ-SP

No futebol, as duas primeiras partidas entre selecionados paulista (São Paulo Scratch Team, de camisa azul e preta e calção preto) e carioca (Rio Scratch Team, de camisa branca e calção preto) ocorreram em 19 e 20.10.1901. No campo do São Paulo Athletic Club (Spac), dois empates, não havendo concordância das fontes quanto aos placares. Segundo o jornal *O Comércio de São Paulo* de 17 e 21.10.1901 (*apud* Iorio), esses dois jogos constituíram o **Campeonato Brasil-1901**, sem vencedor em virtude do duplo empate.

Em 04 e 05.10.1902, no campo do Paysandu Cricket Club, foi realizado o Campeonato Brasil-1902. São Paulo foi representado por jogadores do Sport Club Internacional, enquanto o Rio foi por um combinado do Paysandu com o Fluminense Football Club – fundado meses antes (em 21.07.1902) por dissidentes do Paysandu, capitaneados por Oscar Cox. Dupla vitória carioca: 2x0 e 3x0.

Em 1907, ocorreu o auto-intitulado primeiro **Campeonato Brasileiro de Futebol**. Apesar do nome, foi disputado somente pelas seleções paulista e carioca. Isso porque a Liga Metropolitana de Footbal (LMF), carioca, criou o torneio apenas para as ligas que ela reconhecia, e só reconheceu a Liga Paulista de Football (LPF). Duas vitórias garantiram a São Paulo o direito à Taça Brasil, oferecida pelo Presidente da República (mas que não foi entregue): 4x1 no Velódromo e 1x0 no campo do Paissandu.

Depois dessa experiência pioneira, foram disputados torneios anuais entre as seleções paulista e carioca, p.ex.: a Taça Correio da Manhã (1913 e 1914), a Taça Rio – São Paulo (1915 e 1916), Taças Fuchs, Hebe e Rodrigues Alves (de 1917 a 1920). Essas disputas entre seleções do Distrito Federal e São Paulo é que deram origem ao Campeonato Brasileiro de Seleções, a partir de 1922.

Entre seleções – Brasil

Em 1907, ocorreu o primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol. Apesar do nome, foi disputado somente pelas seleções paulista e carioca, como vimos acima. Como o nome é o que menos importa, foi considerado no capítulo anterior e não será neste.

Em comemoração ao Centenário da Independência e em preparação para a Copa América, que seria disputada (e vencida) no Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) criou o **Campeonato Brasileiro de Futebol** de 1922. Novamente entre seleções, só que incluindo mais estados, foi vencido por São Paulo.

Diante do sucesso da competição, a partir de 1923, a CBD organizou campeonatos anuais e oficiais de seleções estaduais. Na década de 30, depois de a competição não ser organizada em 1930 e 1932, em virtude das Revoluções ocorridas nesses anos, a Federação Brasileira de Futebol (FBF), defensora do profissionalismo, organizou torneios paralelos de seleções estaduais, até ser incorporada pela CBD, em 1937.

Após várias interrupções, o último torneio, temporão, foi disputado em 1987. Segundo Marco Aurelio Klein, provavelmente por conta da crise entre CBF e Clube dos Treze. Com seleções compostas por jogadores dos reservas dos grandes times, o campeonato não empolgou e não foi mais reeditado.

Entre campeões estaduais – RJ-SP

Entre clubes paulistas e cariocas, o primeiro jogo de futebol foi do Fluminense, no Velódromo paulista, em setembro de 1903. Nos dias 6, 7 e 8, empatou com o Sport Club Internacional em 0x0, venceu o Club Athletico Paulistano por 2x1 e o Spac por 3x0, respectivamente. Ainda não existia um campeão carioca por um motivo bastante singelo: ainda não existia um campeonato carioca.

Entre os campeões dos dois estados, ocorreram primeiramente alguns amistosos. Em 07.09.1906, Fluminense e Germânia jogaram, mas o Fluminense ainda não tinha se sagrado o primeiro campeão carioca. O primeiro confronto entre campeões ocorreu em 15.08.1909, quando Fluminense e Paulistano, campeões do ano anterior, se enfrentaram no Rio: 3x1 para o clube carioca. Pouco depois, em 08.09.1909, o Fluminense, já campeão carioca também desse ano, jogou com a AA das Palmeiras, que ainda não tinha se sagrado campeã paulista.

Em 1911, Botafogo FC e AA das Palmeiras, campeões do ano anterior, disputaram a **Taça Salutaris**, oferecida pelo fabricante de água mineral de mesmo nome, grande patrocinadora dos esportes, em especial o remo, no início do século XX (cf. Melo). A equipe paulista venceu a primeira partida, no Rio, por 4x2, em 11.06.1911, e também a segunda, no Parque Antarctica, por 2x0, em 03.09.1911. Desentendimentos entre as ligas esfriaram a idéia de retomar a disputa nos anos seguintes.

A tentativa seguinte de estabelecer uma competição entre os campeões paulista – pela Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) – e carioca foi a **Taça dos Campeões Estaduais**, cuja primeira edição foi disputada em 1914, entre os campeões de 1913 (para maiores detalhes sobre essa disputa, ver “Primeira suspeita de suborno”).

A segunda edição foi disputada em 25.04.1915, na qual o Flamengo, campeão carioca de 1914, perdeu para o São Bento, campeão pela Apea em 1914, no Velódromo, por 1x0. Só em 1927 foi organizada a terceira edição, vencida pelo Palestra Itália, que superou o São Cristóvão. Em 1930, o Corinthians ganhou do Vasco. Em 1931, o Botafogo venceu o Corinthians. Em 1941, o Corinthians derrotou o Fluminense. Em 1942, o Palmeiras ganhou do Flamengo. Em 1947, o Palmeiras venceu o Vasco. Finalmente, em 1953, o São Paulo bateu o Flamengo. Daí em diante, a disputa entre os campeões acabou abafada pelo Torneio Rio – São Paulo.

Outra tentativa de estabelecer uma disputa anual regular entre os campeões paulista e carioca surgiu com a **Taça Ioduran**, oferecida pelo Laboratório Ioduran. O mando de jogo da primeira disputa seria no Rio de Janeiro; o das disputas seguintes, seria definido pelo estado a que pertencesse o vencedor da Ioduran do ano anterior.

Na primeira edição, referente aos campeões de 1916, o Paulistano (pela Apea) se recusou a jogar no Rio contra o America, que a venceu, portanto, por WO. Na segunda edição, referente aos campeões de 1917, o Paulistano venceu o Fluminense por 3x2, em 07.04.1918, no Velódromo.

Na terceira edição, referente aos campeões de 1918, a Apea comunicou à Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), carioca, que estavam suspensas as disputas da Ioduran, em virtude de desavenças sobre transferências de jogadores. Por isso, em 16.01.1920, a LMDT declarou o Fluminense campeão por WO, já que o Paulistano não compareceu. Como retaliação, a Apea resolveu boicotar a seleção que disputaria o Campeonato Sul-Americano (atual Copa América), no Chile. Para evitar esse prejuízo ao selecionado nacional, em 04.08.1920, o Fluminense abriu mão do troféu, que não foi mais disputado.

Entre campeões estaduais – Brasil

Em março de 1920, no Estádio das Laranjeiras, foi disputada a **Copa dos Campeões**, um torneio entre os times campeões do ano anterior em São Paulo (Paulistano), Rio de Janeiro (Fluminense) e Rio Grande do Sul (GE Brasil, primeiro campeão gaúcho). O Paulistano foi o campeão, ao vencer o Fluminense por 4x1 e o Brasil por 7x3. O Fluminense foi o vice, ao vencer o Brasil por 6x2.

A segunda edição ocorreu em janeiro e fevereiro de 1937, fruto do conflito de poder travado entre a Federação Brasileira de Futebol (FBF), de futebol profissional, e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), ainda presa ao futebol amador. Foi disputada pelos times que, em 1936, tinham se sagrado campeões profissionais dos quatro estados do sudeste: Atlético Mineiro (campeão), Fluminense (vice), Rio Branco e Portuguesa de Desportos.

Semelhante a esse foi o **Torneio dos Campeões** de 1967, do qual participaram o campeão e o vice mineiros (Cruzeiro e Atlético, respectivamente), mais os campeões paulista (Palmeiras) e carioca (Bangu), todos de 1966. O torneio foi vencido pelo Bangu, vice Atlético Mineiro. Porém, nessa época já era disputado um certame de maior amplitude, a **Taça Brasil**, o primeiro torneio anual regular entre os campeões estaduais. Criada para preencher a vaga brasileira na Libertadores, a competição durou de 1959 a 1968. Depois, em moldes inicialmente semelhantes, veio a **Copa do Brasil**, de 1989 em diante.

Entre principais times – RJ-SP

Em 1933, para comemorar a profissionalização do futebol, paulistas e cariocas criam a Federação Brasileira de Futebol, que, à revelia da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), organiza o primeiro campeonato só entre equipes cariocas e paulistas, mas não restrito aos campeões estaduais, o **Torneio Rio – São Paulo** de 1933: Palmeiras campeão, São Paulo vice, mais 10 participantes.

A segunda edição ocorreu em 1940, mas o fracasso de público foi tamanho que o torneio foi interrompido ao fim do primeiro turno, sem campeão oficial, quando Flamengo e Fluminense estavam empatados em primeiro lugar.

Depois, em 1942, houve um torneio **Quinela de Ouro**, vencido pelo Corinthians (Flamengo vice), mas não considerado oficialmente um Rio – São Paulo em virtude da participação de apenas cinco clubes (daí o nome “quinela”).

As edições seguintes do Rio – São Paulo só ocorreram a partir de 1950. A partir de 1955, passou a ter o nome de **Torneio Roberto Gomes Pedrosa**.

A partir de 1967, o passou a contar com times de outros estados, deixando de ser efetivamente um “Rio – São Paulo”. Em 1993, organizou-se uma edição avulsa do **Torneio Rio – São Paulo**, que voltou a hibernar nos anos seguintes, para ser retomado a partir de 1997. Sua última edição foi em 2002.

Entre principais times – Brasil

Segundo Rubens Ribeiro, a primeira idéia de um campeonato brasileiro foi de Francisco Xavier Paes de Barros, que, em 1903, sugeriu ao Paulistano a disputa de uma taça de prata entre clubes de diversas regiões do país.

A idéia só veio a se concretizar a partir de 1967. Como dissemos, o **Torneio Roberto Gomes Pedrosa**, que até o ano anterior contava apenas com times do Rio de Janeiro (estado da Guanabara) e de São Paulo, passou a contar também com times de outros estados, sendo um protótipo do Campeonato Brasileiro. Era o famoso “Robertão”. Tanto o Rio – São Paulo pode ser considerado o ponto de partida para o

Brasileirão que a própria CBF, em 1980, reconheceu isso como justificativa para conceder maior número de vagas para clubes desses dois estados (cf. Assaf). Na realidade, como diz Roberto Assaf, “é esse, de fato, efetivamente o primeiro campeonato – na essência da palavra – de âmbito nacional disputado no Brasil”.

Em 1970, chamou-se **Taça de Prata**. A euforia provocada pela conquista da Copa do Mundo do México levou a CBD a oficializá-la como **Campeonato Nacional**, a partir de 1971. De 1975 a 1979, mudou de nome para **Copa Brasil**. De 1980 em diante, passou a se chamar **Campeonato Brasileiro**.

De 1980 a 1983 e 1985, a 2ª divisão foi chamada de Taça de Prata, em contraste com a Taça de Ouro (1ª divisão) e a Taça de Bronze de 1981 (primeira edição da 3ª divisão). Em 1984, a 2ª divisão se chamou Taça CBF e, em 1986, Torneio Paralelo.

Em 11.07.1987, os principais clubes do país criaram o Clube dos Treze que organizou uma **Copa União** entre 16 times. Depois, a CBF chamou o torneio original do Clube dos Treze de Módulo Verde (1ª divisão), criou os Módulos Amarelo (2ª divisão), Azul e Branco (3ª divisão) e um quadrangular final entre os campeões e vices dos dois primeiros, que não foi aceito pelo Clube dos Treze. Assim, para o Clube dos Treze, o campeão é o Flamengo, primeiro lugar do Módulo Verde. Para a Justiça Comum, é o Sport-PE, do Amarelo, porque o Flamengo não disputou esse quadrangular. A CBF chegou a considerar ambos campeões, cf. Resolução da Presidência nº 2, de 21.02.2011. Só que, em cumprimento a uma ordem judicial, teve de voltar atrás, cf. Resolução da Presidência nº 6, de 14.06.2011. Até o encerramento da redação desta edição do livro, a questão ainda está em aberto.

Em 2000, uma ação judicial do Gama-DF que impedia a realização do Campeonato Brasileiro obrigou a CBF a criar, em seu lugar, a **Copa João Havelange**, dividida nos Módulos Azul (1ª divisão), Amarelo (2ª divisão), Verde e Branco (3ª divisão).

Genealogia

Marco Aurelio Klein defende que a sucessora da Taça Brasil é a Copa do Brasil, não o Campeonato Brasileiro. Concordo, pois o critério básico é mais assemelhado entre a Taça e a Copa. Claro que outros times são incluídos, mas a idéia central de ambos os torneios é a mesma: a reunião de todos os campeões estaduais (além de outros times). Quanto ao argumento da vaga para a Libertadores da América, que passou da Taça Brasil para o Campeonato Brasileiro, não subsiste, uma vez que a Copa do Brasil também garante essa vaga. Quanto às diferenças na organização dos torneios (Taça do Brasil é com chaves regionais), não são suficientes para afastar o parentesco. Afinal, o Campeonato Brasileiro mudou de regulamento incontáveis vezes ao longo dos anos e, nem por isso, deixou de ser considerado um mesmo certame.

Entendo que os mesmos argumentos são aplicáveis – *cum grano salis* – ao “parentesco” existente entre o Roberto Gomes Pedrosa, a Taça de Prata de 1970 e o Campeonato Brasileiro. O Robertão, a partir de 1967, constitui uma versão do “Robertinho” (Rio – São Paulo) com times de outros estados. O critério de composição é basicamente o mesmo: times principais dos estados, independentemente de serem os campeões estaduais do ano anterior. Quanto à diferença de nome, é o que menos importa. Afinal, o próprio Brasileirão já foi chamado de Campeonato Nacional e Copa Brasil e, nem por isso, os campeões de 1971 em diante não deixam de ser considerados campeões brasileiros. Pode-se dizer o mesmo a propósito da Copa União e da Copa João Havelange, não obstante, por questões jurídicas, esses campeonatos eventualmente não sejam considerados edições oficiais do Campeonato Brasileiro. A forma não se sobrepõe ao conteúdo.

Por todos esses motivos, nos capítulos anteriores, resolvi agrupar os títulos obtidos de acordo com o critério básico de composição do certame, não em virtude do nome, do critério de organização nem das vagas que garante à Libertadores – mesmo sabendo que a CBF tem outra opinião, cf. Resolução da Presidência nº 3, de 20.12.2010.

O torneio mais antigo ainda jogado

Confesso que toda a pesquisa acima eu fiz em virtude de afirmações feitas por Vitor e Patrícia Iorio, autores de excelentes livros sobre o Paissandu AC, do Rio de Janeiro, e o Rio Cricket AA, de Niterói. Afirmam eles que o *Interstate Cup* é o torneio mais antigo existente entre Rio de São Paulo. Vamos analisar a questão.

Não há dúvidas de que o Campeonato Paulista, disputado anual e regularmente desde 13.05.1902 (Mackenzie 2x1 Germânia), é o **primeiro campeonato estadual do Brasil**. Também é o mais antigo torneio de futebol ainda jogado no país. Só que é estadual. Como vimos acima, o Campeonato Brasil, entre as seleções carioca e paulista de futebol, é mais antigo ainda e interestadual, só que só teve duas edições: 1901 e 1902. Ainda que consideremos como sucessores os demais certames entre essas duas seleções e até mesmo o Campeonato Brasileiro de Seleções, como já analisamos acima, a última edição foi em 1987. Então, entre os que ainda são jogados e ultrapassam os limites estaduais, qual é o mais antigo?

Antonio Figueiredo conta que, no jornal *A Província* (atual *O Estado de São Paulo*), em 1875, saiu a seguinte notícia: “Realiza-se amanha no campo da rua Mauá (Estação) uma partida de cricket, sport inglez, entre paulistas e cariocas”. Vitória paulista por 11 pontos. Só que, esclarece Figueiredo, os “paulistas” eram ingleses empregados na São Paulo Railway, na Companhia do Gaz e nos bancos; e os “cariocas” também eram ingleses, empregados em empresas britânicas no Rio de Janeiro. Provavelmente foi a primeira partida interestadual de jogos coletivos terrestres, no Brasil.

Em 13 e 14.07.1878, ocorreu um jogo de críquete entre Rio Cricket Club (fundado em 15.08.1872, depois Club Brasileiro de Cricket; é o atual Paissandu Atlético Clube – PAC) e São Paulo Cricket Club (fundado em 1877, clube precursor do São Paulo Athletic Club – SPAC). A partir desse ano, jogos anuais de críquete eram disputados entre as seleções estaduais: consistem no **Interstate Match**. Com o tempo, o time carioca (State of Rio de Janeiro Team) era formado por combinados do Club Brasileiro de Cricket com o Rio Cricket & Athletic Association (RCAA), enquanto o time paulista (State of São Paulo Team) era composto por combinados do SPAC com o Santos Athletic Club (também da colônia inglesa). Até 1918, somente a etapa carioca de 1912 não foi realizada. Pelo visto, foi o primeiro torneio anual, interestadual e regular entre jogos coletivos terrestres, no Brasil.

O que se percebe, na leitura dos livros escritos sobre o SPAC, o PAC e o RCAA é que esses clubes ingleses têm tradição em competições entre si, nas diversas modalidades. Ao conjunto de troféus disputados entre os clubes ingleses do Rio e de São Paulo, com uma etapa em cada Estado, eles dão o nome de **Interstate Cup**. A importância das taças era tanta que, quando conquistadas pelo clube, ficavam guardadas num cofre.

No críquete, havia a taça Conde de Selir, oferecida pelo próprio, em 1908. As competições anuais com o SPAC foram até meados dos anos 80, quando deixou de ser praticado no RCAA.

No rúgbi, a The Alston Rugby Cup, oferecida pelo Sir Beilby F. Alston, ex-embaixador inglês no Brasil, em 1926.

No tênis, ainda existe a Cunningham Cup, entre PAC e SPAC, desde 1936. Troféu oferecido por E. Cunningham Esq., então presidente do SPAC. De 1991 a 1999, deixou de ser disputado, votando em 2000, por iniciativa do presidente Gilberto Geisselmann.

No *bowls* (uma espécie de bocha jogada na grama), tem a President's Cup, entre PAC e SPAC, desde 1922. Somente em 1931 não houve jogos. Em 1925, 1929, 1930, 1932 e 1933, fortes chuvas impediram a realização de uma das etapas. Segundo Vitor e Patrícia Iorio, trata-se do mais antigo torneio esportivo interestadual em atividade contínua no Brasil. A Associação Brasileira de Bowls (www.bowlsbrazil.org) organizou, em 2009, o primeiro campeonato brasileiro de *bowls*, vencido pelo PAC (com a participação do SPAC).

Finalmente, no futebol, existe a **Bon Accord Cup**, oferecida em 1923 por George Anderson Craig, do SPAC, que tinha jogado pelo Aberdeen Football Club, da Escócia. “Bon Accord” (do francês: “bom acordo”), lema que consta no escudo da cidade de Aberdeen, foi a senha utilizada pelas tropas escocesas, durante a guerra pela independência, para sinalizar o início do cerco ao Castelo de Aberdeen, que caiu em 1308. Até hoje a taça é disputada entre os primeiros quadros do SPAC e do RCAA (há também a taça Lindsey Anderson, doada pelo próprio, para ser disputada pelos times “B” de ambos os clubes). Nem a Segunda Guerra Mundial conseguiu interromper. Mesmo considerando que é de futebol amador e não é reconhecida pela CBF, a impressionante longevidade dessa disputa é muito superior à dos demais torneios de futebol que ultrapassam as fronteiras estaduais, no Brasil. “Long live to Bon Accord Cup!”

Fontes:

- ALONSO, Antônio Padilha. *Interior bom de bola*. S.l.: ed. do autor, 2005. p. 114.
- ASSAF, Roberto. *História completa do brasileiro*. São Paulo: Areté, 2010.
- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 27.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 4, 221-2.
- COELHO NETTO, Paulo. *O Fluminense na intimidade*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1969. v. 2, p. 76.
- DUARTE, Marcelo (org.). *Enciclopédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Areté, 2001. v. 2, p. 378 e ss.
- ESCOBAR, Alex; MIGUERES, Marcelo. *Copa do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010. p. 18-21.
- FARAH NETO, José Jorge; KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do futebol paulista 2002*. São Paulo: Panini, 2002. p. 249 e ss.
- FERREIRA DA COSTA, João Batista. *A enciclopédia do futebol paraense*. 4ª ed. Belém: ed. do autor, 2007. p. 144-5.
- FIGUEIREDO, Antonio. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1918. p. 9, 39 e ss.
- FREITAS, Wagner Augusto Álvares de. *Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco*. Belo Horizonte: ed. do autor, 2008. p. 393 e ss.
- GOMES FILHO, Oscar. *Rio Branco Atlético Clube*. Vitória: ed. do autor, 2002. p. 200.
- IORIO, Vitor; IORIO, Patrícia. *Paissandu Atlético Clube*. Rio de Janeiro: PAC, 2001.
- IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. *Rio Cricket e Associação Atlética*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008.
- KLEIN, Marco Aurelio. *Futebol brasileiro: 1894-2001*. São Paulo: Escala, 2001.

- KLEIN, Marco Aurelio; AUDININO, Sergio Alfredo. *O almanaque do futebol brasileiro 97/98*. São Paulo: Escala, 1998.
- LOPES, Everaldo. *Da bola de pito ao apito final*. Natal: ed. do autor, 2006. p. 375 e ss.
- MACHADO, Heriberto Ivan; CHRESTENZEN, Levi Mulford. *Futebol do Paraná: 100 anos de história*. Curitiba: ed. dos autores, 2005. p. 312, 318, 711-2.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 27-8, 66-7, 83, 95.
- MELO, Victor Andrade de. Cariocas x paulistas: disputas entre atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo vêm desde a implantação dos esportes olímpicos no Brasil. *BR História*, ano 1, nº 4, p. 78-83.
- MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 4.
- MENDES, Marcos Carvalho. *Memorando do futebol*. Juiz de Fora: ed. do autor, 2001. v. 1, p. 16-7.
- MILLS, John. *Memoriam SPAC*. São Paulo: Price Waterhouse, 1996.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 28.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 157-8.
- PLACAR Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 8.
- POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. *Almanaque do futebol Sportv*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p. 188 e ss., 203 e ss.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 35-6, 42, 44, 160, 186, 500.
- RSSF Brazil.
- SANT'ANNA, Leopoldo. *Supremacia e decadência do futebol paulista*. São Paulo: Instituto Ana Rosa, 1925. p. 22 e ss., 71 e ss.
- SANTIAGO JR., José Renato Sátiro. *Clubes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2004.
- SANTIAGO JR., José Renato Sátiro. *Os arquivos dos campeonatos brasileiros*. São Paulo: Panda, 2006.
- SILVA, Eulárnio Santos. *História do futebol do norte e nordeste*. Rio de Janeiro: Litteris, 2002. p. 133 e ss.
- UNZELTE, Celso (org.). *Anuário Placar 2004*. São Paulo: Abril, 2004.
- UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- ZAMITH, Carlos. *Baú velho*. Manaus: ed. do autor, 1999. p. 127 e ss.

Primeira liga

Liga Paulista de Football, fundada em 14.12.1901. Primeiro presidente: Antônio Casimiro da Costa, que deu nome à primeira taça (ver “Primeiro troféu”).

Ué, faltou polêmica? Se quiserem uma, Marcos Carvalho Mendes diz que há controvérsias quanto à data, já que algumas fontes (p.ex., Penna Marinho e Rodolfo Rodrigues) indicam como sendo 19.12.1901. No entanto, as demais fontes abaixo citadas são unânimes quanto à data anterior.

Fontes:

FARAH NETO, José Jorge; KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do futebol paulista 2001*. São Paulo: Panini, 2001. p. 460.

- FIGUEIREDO, Antonio. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1918. p. 31.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. São Paulo: RT, 1952. v. 2, p. 30.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 26.
- MENDES, Marcos Carvalho. *Memorando do futebol*. Juiz de Fora: ed. do autor, 2001. v. 1, p. 10, 20.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 34.
- RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 179.
- UNZELTE, Celso; DUARTE, Orlando; KUSSAREV, Rodolfo. *Campeonato Paulista: guia oficial 2009*. São Paulo: FPF, 2009. p. 15.

Primeiro troféu

O Campeonato Brasil-1901 não teve troféu. Mas, para o ano seguinte, o jornal *O Comércio de São Paulo* de 21.10.1901 (*apud* Iorio) anunciava a criação, pelos clubes cariocas e paulistas, mediante cotização e festas de arrecadação, de um troféu de honra, que seria “entregue ao Club, ou aos jogadores unidos do Estado que por 3 annos seguidos ganharem o campeonato de football”. A segunda e última edição do torneio, o Campeonato Brasil-1902, foi em 04 e 05.10.1902. Não encontrei notícia da entrega de um troféu.

Já a primeira edição do Campeonato Paulista, o mais antigo do Brasil ainda jogado, começou em 13.05.1902 e terminou em 26.10.1902. Para ele, foi esculpida uma taça de prata de um ourives francês, estabelecido na rua São Bento: a Taça Casimiro da Costa – nome do primeiro presidente da Liga (ver “Primeira liga”). Segundo Rubens Ribeiro, foi “a primeira taça de futebol do país”. Seu vencedor foi o São Paulo Athletic Club, de Charles Miller.

Fontes:

- IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. *Rio Cricket e Associação Atlética*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008. p. 81-2.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 30.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 34.

Primeira volta olímpica

Não encontrei informações sobre qual teria sido a primeira volta olímpica no Brasil. Apenas encontrei uma entrevista de Heitor D’Alincourt, na internet, em que disse que foi do Fluminense, mas não consegui descobrir em que ocasião.

Teria sido então *no* Fluminense? Digo, no estádio das Laranjeiras? É possível, mas não encontrei elementos suficientes para confirmar essa hipótese. Uma possibilidade seria o título do Campeonato Sul-Americano de 1919. Segundo Tomás Mazzoni e Roberto Sander, citando jornal da época, a torcida invadiu o campo e carregou os jogadores “em triunfo”, num “cortejo glorificador”. Seria essa uma tentativa de descrição de uma volta olímpica?

Outra possibilidade: pouco depois, em 21.12.1919, no mesmo estádio, quando o Fluminense conquistou o tricampeonato carioca, com uma goleada de 4x0 sobre o Flamengo. Nessa ocasião, segundo Paulo Coelho Netto, “os jogadores foram carregados em triunfo e numerosos sócios do Fluminense, com a bandeira do clube

desfraldada e tendo à frente a banda do Batalhão Naval, fizeram uma volta completa no campo, aclamando os vencedores e aplaudidos pelo público”.

Então, por falta de maiores detalhes sobre a primeira volta olímpica no Brasil, falemos um pouco sobre as primeiras voltas olímpicas no mundo.

Segundo muitos autores, a primeira volta olímpica foi dada por Adhemar Ferreira da Silva, nas Olimpíadas de 1952. Com a medalha de ouro do salto triplo no peito e ovacionado pelas arquibancadas, Adhemar deu uma volta no Estádio Olímpico de Helsinque e, com isso, deu origem à tradição. (Lembremos que, até então, a seleção de futebol ainda não tinha nenhum título mundial, de modo que talvez tenha sido o primeiro brasileiro a dar a volta olímpica num torneio internacional.)

Só que, segundo outras fontes, a volta olímpica já existia desde a Grécia antiga, quando o vencedor de cada prova, ao retornar à sua cidade, desfilava pelas ruas principais do centro de sua cidade, quando era saudado pela população local.

No futebol, há um consenso de que a primeira volta olímpica foi dada em 09.06.1924 (ou julho, segundo a *Placar Tira-Teima*), no estádio de Colombes, em Paris, pela seleção uruguaia, quando da conquista da medalha de ouro de futebol, após a vitória de 3x0 sobre a Suíça. A conquista do torneio olímpico foi repetida nas olimpíadas de 1928, motivo pelo qual a seleção uruguaia, da tradicional camisa azul-celeste, ganhou a partir de então o apelido de Celeste Olímpica.

Note-se que os vencedores dos torneios olímpicos de futebol de então eram considerados campeões mundiais. O então presidente da Fifa, Jules Rimet, pretendia organizar um campeonato mundial de futebol fora das olimpíadas. O bicampeonato da Celeste motivou-o a oferecer ao Uruguai a oportunidade de sediar a primeira Copa do Mundo. Os uruguaios aceitaram o desafio e fizeram jus à fama, conquistando a edição de 1930.

Fontes:

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 22.

CARDOSO, Maurício. *Os arquivos das olimpíadas*. São Paulo: Panda, 2000. p. 123.

CARMONA, Lédio; RODRIGUES, Jorge Luiz; PETRIK, Tiago. *Brasileiros olímpicos*. São Paulo: Panda, 2000. p. 33.

COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 62.

LOVISOLO, Elena (org.). *Olimpíada 100 anos: história completa dos jogos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1996. p. 2.

MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 64.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 151.

MENDES, Marcos Carvalho. *Memorando do futebol*. Juiz de Fora: ed. do autor, 2001. v. 1, p. 95.

PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 73.

PLACAR Tira-Teima, nº 1, nov. 1997, p. 68.

RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 79.

SANDER, Roberto. *Sul-Americano de 1919*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009. p. 77.

CLUBES

Primeiros clubes

“Qual é o clube de futebol mais antigo do Brasil?”

As inúmeras discussões são causadas pelas respostas são provocadas pela imprecisão da pergunta. Na realidade, é preciso esclarecer melhor o que se quer saber.

Antes de tudo, é preciso frisar que estamos tratando de clubes mesmo, não de times. E qual é a diferença? Por um lado, nem todo time é de um clube. P.ex., o famoso Hans Nobiling Team, em São Paulo. Por outro lado, nem todo clube tem time de futebol. P.ex., o Country Club e o Iate Clube do Rio de Janeiro. Em compensação, certos clubes têm mais de um time. P.ex., o Internacional FC de Curitiba tinha pelo menos três times entre seus sócios: além do que jogava com o próprio nome de Internacional (primeiros quadros), o América (que ganhou asas em 24.05.1914) e o Americano (idem, em 08.01.1915).

Por isso, vamos falar sobre os primeiros clubes, não times, senão seria um simples retorno à discussão sobre os primeiros jogos (ver “Primeiros jogos”).

Qual foi o primeiro clube a jogar futebol, embora fundado para outras modalidades esportivas?

Seguindo as pesquisas feitas pelos paraenses, teria que ser o Club de Esgryma, cujos sócios já batiam bola na frente da sede do clube, no Largo de Nazaré, em Belém, em 1892.

No entanto, segundo a maioria, foi o São Paulo Athletic Club (SPAC), fundado em 13.05.1888 (aliás, mesmo dia em que foi assinada Lei Áurea), para a prática do críquete (não confundir com o São Paulo FC atual, fundado em 16.12.1935). Foi o primeiro clube a praticar o esporte bretão, a partir de 1894, quando Charles Miller trouxe da Inglaterra o material necessário. O SPAC participou desde o primeiro campeonato paulista, em 1902, até o de 1912, quando abandonou os torneios. Foi tricampeão de 1902 a 1904 e campeão novamente em 1911. Existe ainda hoje, se dedicando ao “bowls” (uma espécie de bocha jogada na grama), tênis, squash, rúgbi, críquete e até futebol amador. Ver “Primeiros jogos”.

Qual foi o clube mais antigo que, embora fundado para outras modalidades esportivas, já jogou futebol?

O atual Paissandu Atlético Clube, do Rio de Janeiro, foi fundado antes do SPAC, em 15.08.1872, com o nome de Rio Cricket Club (depois Clube Brasileiro de Cricket), para a prática do críquete. Mas só começou a praticar futebol em 1898, pelas mãos (e pés) de Oscar Cox, futuro fundador do Fluminense Football Club. Participou desde o primeiro campeonato carioca, sendo vice no primeiro (1906), campeão em 1912 (pela Liga Metropolitana de Sports Athléticos) e abandonou os torneios após terminar em último em 1914. Existe até hoje, dedicado ao “bowls”, tênis e squash.

Não confundir com o Rio Cricket e Associação Atlética, uma dissidência fundada exatos 25 anos depois, em 15.08.1897, em Niterói, com o nome de Rio Cricket & Athletic Association.

Entre os que ainda jogam futebol, qual é o mais antigo, embora fundado para outras modalidades esportivas?

Essa é a questão mais complicada. Porque, na história, verifica-se que há quatro possibilidades básicas pelas quais um clube que não era de futebol passa a jogá-lo: a) porque os sócios decidiram; b) por incorporação de sócios que jogavam em outro clube; c) por incorporação de outro clube; e d) por fusão com outro clube.

Na primeira categoria, encontra-se o Esporte Clube Vitória, fundado como Club de Cricket Victória, em 13.05.1899, para a prática do críquete. Só que a intenção dos fundadores era jogar futebol, o que fazem logo em seguida.

Pelas poucas informações de que dispomos, parece ser também o caso da Sociedade Esportiva Recreativa Operários Mafrenses, fundado em 12.09.1897 como Club Atlético Operário, em Mafra (SC). Isso porque, em consulta aos livros que falam da história do futebol barriga-verde (César do Canto Machado e Maury Dal Grande Borges), não há menção à prática do futebol em terras catarinenses antes de 1904. Ou seja, tudo indica que foi fundado para a prática de outras modalidades. Desativado por alguns períodos, retornou ao futebol e atualmente disputa a Divisão de Acesso do Campeonato Catarinense.

Na segunda categoria, está o Clube de Regatas do Flamengo, fundado como Grupo de Regatas do Flamengo, em 15.11.1895, para a prática do remo. De acordo com Adolpho Schermann, a seção terrestre foi criada em 1902. Só que, segundo Ruy Castro, ela se dedicava a esportes um tanto... heterodoxos: carnaval, trotes e molecagens em geral. Em geral, o pessoal do remo não gostava do futebol. Mesmo assim, consta que os remadores do Flamengo fizeram alguns amistosos com remadores de outros clubes. Dizem que o primeiro deles ocorreu em 27.10.1903, no campo da Rua Paysandu, quando perdeu de 5x1 para o CR Botafogo (que, curiosamente, contou em sua zaga com Oscar Cox, que já havia fundado o Fluminense no ano anterior). Pode-se dizer, com isso, que, a rigor, o primeiro jogo do Flamengo foi essa derrota, não a vitória de 16x2 sobre o Mangueira, em 03.05.1912. E o primeiro gol não foi de Gustavo de Carvalho, o primeiro dos 16 tentos, mas de A. Simonsen, o gol de honra na goleada do Botafogo. O jogo de 1912 foi a primeira partida oficial, isso sim. Somente em 24.12.1911 (véspera de Natal!), o Flamengo decide criar um departamento para acomodar ex-jogadores do Fluminense Football Club.

Na terceira categoria, está o Club de Regatas Vasco da Gama, fundado em 21.08.1898, que incorporou o Lusitânia Esporte Clube em 26.11.1915.

Por fim, na quarta categoria, está o Club de Regatas São Cristóvão, fundado em 12.10.1898 (com o nome de Grupo de Regatas Cajuense), que, em 13.02.1943, fundiu-se com o São Cristóvão Atlético Club, fundado em 05.07.1909, formando o São Cristóvão de Futebol e Regatas. Na época, tentou-se reunir, na fusão, também o Clube de São Cristóvão Imperial, um clube social fundado em 1863.

Como a fusão com o São Cristóvão Imperial não se concretizou, antes do clube cadete está o Club de Regatas Botafogo, fundado em 01.07.1894, que, em 08.12.1942, fundiu-se com o Botafogo Football Club, fundado em 12.08.1904, formando o Botafogo de Futebol e Regatas. Em ambos os casos, o clube mais novo é que praticava futebol, ao contrário das categorias anteriores, em que é mantida a identidade do clube, i.e.: o mesmo clube, fundado para outro esporte, um dia passou a jogar futebol. Com isso, a resposta à pergunta – “entre os que ainda jogam futebol, qual é o mais antigo, embora fundado para outras modalidades esportivas” – seria: o Flamengo.

Contudo, a já citada partida amistosa de 1903, com remadores do Flamengo, foi jogada pelo CR Botafogo; o Botafogo FC nem tinha sido fundado ainda. Isso deixa o

CR Botafogo no páreo. Como foi fundado um ano antes do Flamengo, a resposta à questão formulada também poderia ser: o Botafogo.

Só que o fato de remadores do CR Botafogo terem jogado uma partida ou outra o transforma num clube de futebol? Mas e se foram várias? Enfim... melhor não fechar questão, ainda.

Qual foi o primeiro clube a ser fundado para a prática do futebol?

Gabriel Kopke Fróes (*apud* Paulo Ferreira) pergunta se não seria o “Foot Rink Club”, fundado em 14.05.1881, por alunos do Colégio Paixão, de Petrópolis (RJ).

Pelo nome, até pode ser. No entanto, por falta de confirmação da hipótese, só podemos dizer, ao menos por enquanto, que foi a Associação Atlética Mackenzie College, fundada em 18.08.1898, para a prática de futebol, basquete e rúgbi. Disputou campeonatos desde o primeiro, de 1902, até o de 1920, quando, após uma fusão fracassada com a Associação Portuguesa de Desportos, retirou-se dos torneios em 1923. Foi vice-campeã em 1913 e 1915.

Depois do Mackenzie, foram fundados, para a prática do futebol: Sport Club Internacional (em 19.08.1899) e Sport Club Germânia (em 07.09.1899; atual Esporte Clube Pinheiros), ambos em São Paulo, e o Sport Club Savóia (em 01.01.1900; atual Clube Atlético de Votorantim), em Votorantim, então distrito de Sorocaba. O primeiro está extinto, o segundo não participa mais dos campeonatos de futebol e o terceiro ficou com campeonatos amadores.

No Rio de Janeiro, o primeiro clube a ser fundado para a prática do futebol foi o Rio Football Club, de 12.07.1902 (após uma primeira tentativa em 30.11.1901, frustrada). De curta duração, viveu o suficiente para, pelo menos, levar uma goleada de 8x0 no primeiro jogo do Fluminense, em 19.10.1902, no campo do Paissandu.

Entre os que ainda jogam futebol, qual foi o primeiro clube a ser fundado para a prática do futebol?

É inquestionável a primazia do Sport Club Rio Grande, fundado em 19.07.1900 e campeão gaúcho de 1936. Mas nem sempre esteve nos torneios, ficando inativo por alguns períodos. Daí que, pelo critério amplo da pergunta, se o Mackenzie ou o Pinheiros por acaso voltassem ao futebol profissional, o Rio Grande seria automaticamente desbancado.

Qual é o mais antigo em atividade contínua no futebol?

Segundo levantamento feito nos arquivos da *Gazeta Esportiva*, em 1987, bem como de acordo com as pesquisas de Sérgio Rossi e José Moraes dos Santos Neto, é a Associação Atlética Ponte Preta, fundada em 11.08.1900, 28º aniversário da viagem inaugural do trecho entre Campinas e Jundiaí, da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Fontes:

AUGUSTO, Gilberto de Palma Augusto (org.). *Álbum do centenário do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: Alameda, 1999.

BERTAZZOLI, José. *Ponte Preta 100 anos: luta, obstinação e vitória*. Campinas: ed. do autor, 2000.

BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 120-1.

- BORGES, Maury Dal Grande. *85 anos de bola: a memória do futebol catarinense*. Florianópolis: ed. do autor, 1996.
- BUCHMANN, Ernani. *Quando o futebol andava de trem*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- DIENSTMANN, Claudio. *Campeonato gaúcho: 68 anos de história*. Porto Alegre: Sulina, 1987. p. 51.
- CASTRO, Ruy. *Flamengo: o vermelho e o negro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 38.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 5, 19-20.
- COMO tudo começou. *Diário do Povo*, Campinas, 14.07.2004. Caderno: Planeta Esporte, p. 1.
- COSTA, João Batista Ferreira da. *A enciclopédia do futebol paraense*. 4ª ed. Belém: ed. do autor, 2007.
- CUNHA, Loris Baena. *Flamengo: tua vida e tuas glórias*. Rio de Janeiro: Maanaim, 2002. p. 6.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 38, 43.
- DOCUMENTOS comprovam 100 anos. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 30.09.2000. Caderno: 100 anos de emoção, p. 4.
- DUARTE, Marcelo (org.). *Enciclopédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Areté, 2001. v. 1.
- FARAH NETO, José Jorge; KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do futebol paulista 2001*. São Paulo: Panini, 2001.
- FERREIRA, Paulo E. Pinto. *A história do esporte em Petrópolis*. Petrópolis: ed. do autor, 2002. p. 25, 84.
- FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 122 e ss.
- IORIO, Vitor; IORIO, Patrícia. *Paissandu Atlético Clube*. Rio de Janeiro: PAC, 2001.
- LEAL, Alfredo. Mais antigo em atividade. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 30.09.2000. Caderno: 100 anos de emoção, p. 2.
- MACHADO, César do Canto. *História do futebol catarinense*. Florianópolis: Insular, 2000.
- MIGUERES, Marcelo; UNZELTE, Celso. *Grandes clubes brasileiros*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, s/d.
- MILLS, John. *Memoriam SPAC*. São Paulo: Price Waterhouse, 1996.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006.
- PEREIRA, Luís Miguel. *Bíblia do Flamengo*. São Paulo: Almedina, 2010. p. 44, 119.
- PONTE foi mesmo fundada em 1900. *Revista Ponte Preta*, nº 1, ago./set. 2000, p. 10-1.
- QUADROS, Raymundo. *Chuva de glórias: a trajetória do São Cristóvão de Futebol e Regatas*. Campinas: Pontes, 2004.
- QUEM começou primeiro? *Gazeta Esportiva*, 20.09.1987, p. 2.
- RAMOS, Miguel Glaser. *S.C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Furg, 2000. p. 14.
- RIBAS, Mário Graco. *História do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: ECP, 1968.
- ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. 2ª ed. Campinas: R. Vieira, 1997. v. 1.
- SANTIAGO JR., José Renato S. *Clubes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2004.

- SANTOS NETO, José Moraes dos. *O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000.
- SANTOS NETO, José Moraes dos; CARVALHO, Djota. *Ponte Preta: 110 anos 110 fatos*. Campinas: AAPP, 2010.
- SCHERMANN, Adolpho. *A história do futebol carioca*. Rio de Janeiro: Os Desportos em Todo o Mundo, 1960. p. 26.
- TOYOSHI, Cláudia (org.). *Esporte Clube Pinheiros 110 anos*. São Paulo: ECP, 2009.
- VIANA, Alceu de Mello. *Germânia, Pinheiros: IX décadas*. São Paulo: Alameda, 1992.

Primeira mascote

Ter uma mascote não é monopólio brasileiro. Nos EUA, os times profissionais de basquete, beisebol e futebol americano são sempre “totemizados”, identificados com águias (Philadelphia Eagles), cavalos (Denver Broncos, Baltimore Colts), gaviões (Atlanta Hawks), golfinhos (Miami Dolphins), leões (Detroit Lions), peixes (Los Angeles Lakers), tigres (Detroit Tigers), touros (Chicago Bulls), ursos (Chicago Bears) etc.

Nem toda mascote é produto da imprensa. Mas inventar mascotes para clubes de futebol é uma tradição dos jornais. P.ex., nos EUA, o burro do Partido Democrata e o elefante do Partido Republicano foram inventados pelo caricaturista político Thomas Nast, a partir de 1874, na revista *Harper's Weekly*.

Na imprensa brasileira, segundo Jal e Gual, o jornalista Tomás Mazzoni e o cartunista Nino Borges inventaram, na *Gazeta Esportiva*, o Periquito palmeirense, o Mosqueteiro corintiano e o São Paulo são-paulino (com perdão do pleonasma). Fora a Baleia santista e o Moleque Travesso juvenino.

Durante a década de 1940, o desenhista argentino Lorenzo Molas (que viveu no Rio de 1943 a 1955, quando trabalhou no *Jornal dos Sports*, cf. Luís Miguel Pereira), em desenhos que tomaram forma final no traço do cartunista Othelo Caçador, criou símbolos para os principais clubes cariocas, alguns deles personagens de quadrinhos: o Pato Donald botafoguense, o Diabo Rubro americano, o Almirante vascaíno, o Popeye flamenguista, o Leopoldino do Bonsucesso, o Anjo do São Cristóvão, os Índios Bariris do Olaria e o Cartola do Fluminense (ver “Primeiros cartolas”).

Em 1945, o chargista Fernando Pieruccetti, o “Mangabeira”, na *Folha de Minas*, atribuiu mascotes a praticamente todos os times mineiros: a Raposa cruzeirense, o Galo atleticano, o Coelho americano, o Leão do Villa Nova, a Tartaruga do Siderúrgica, o Tigre do Sete de Setembro e assim vai.

Henfil, em 1969, no *Jornal dos Sports*, inventou o Bacalhau vascaíno, o Cri-Cri botafoguense, o Gato Pingado americano, o Popó tricolor e consagrou definitivamente o Urubu flamenguista (ver nosso artigo “Animais em campo”, na internet).

E na década de 80, Juarez Corrêa, no *Diário do Grande ABC*, inventou o Ramalhão para o Santo André e o Bernardão para o São Bernardo – anos depois, publicou um livro com seus desenhos de muitas mascotes de times brasileiros.

Há, contudo, uma hipótese de mascote anterior a todas essas acima citadas. Segundo o engenheiro Ariovaldo Casimiro Nesso, citado por Aristides Almeida Rocha, no ano da fundação da Ponte Preta, seus jogadores batiam bola junto a uma ponte onde, inesperadamente, apareceu uma macaca. Se for essa a verdadeira, então é preciso concluir que a Macaca é provavelmente a primeira mascote do futebol brasileiro.

Fontes:

- BERTAZZOLI, José. *Ponte Preta 100 anos: luta, obstinação e vitória*. Campinas: ed. do autor, 2000. p. 149.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. *O clube como vontade e representação*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009. p. 224, 274, 509-10.
- CORRÊA, Juarez. *Mascotes do futebol brasileiro*. São Paulo: MHW, 2006.
- DAMATTA, Roberto; SOÁREZ, Elena. *Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 46-7, 137-8.
- ESCOBAR, Alex; MIGUERES, Marcelo. *Copa do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010. p. 116-9.
- JAL, José Alberto Lovetro, dito; GUAL, Gualberto Costa, dito. *A história do futebol no Brasil através do cartum*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004. p. 8-9.
- LINARDI, Pedro Marcos. *É o bicho: o mundo animal no reino do futebol*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1998. p. 8, 10, 30-3.
- MACACA por quê? *Revista Ponte Preta*, nº 3, ago. 2001, p. 32.
- MORAES, Dênis de. *O rebelde do traço: a vida de Henfil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1996. p. 96.
- MORATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO, Jocimar (org.). Campinas: Autores Associados, 2005. p. 97.
- PÉCORA, André; CAMPINEIRO, Stephan. *Ponte Preta: a torcida que tem um time*. Campinas: Pontes, 2010. p. 62-3.
- PEREIRA, Luís Miguel. *Bíblia do Flamengo*. São Paulo: Almedina, 2010. p. 29.
- PLACAR Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 6-9.
- ROCHA, Aristides Almeida. *A simbologia animal no esporte*. São Paulo: Scortecci, 2000. p. 46-8.
- SANTOS NETO, José Moraes dos; CARVALHO, Djota. *Ponte Preta: 110 anos 110 fatos*. Campinas: AAPP, 2010.

Primeiras cisão, fusão, incorporação, troca de nome, de cores e de cidade

Como já vimos, o Paissandu AC, do Rio de Janeiro, foi fundado em 15.08.1872 com o nome de Rio Cricket Club (RCC). Em abril de 1892, sofre uma cisão e os dissidentes fundam o Club Brasileiro de Cricket (CBC). Em 1895, o CBC absorveu o RCC (incorporação). Quando perde o terreno da rua Paysandu, uma parte minoritária dos sócios defende a mudança do clube para Niterói. Em 15.08.1897, essa dissidência (cisão) dá origem ao Rio Cricket & Athletic Association, de Niterói – aportuguesado com a reforma ortográfica de 1943, para seu nome atual: Rio Cricket e Associação Atlética (RCAA). Em 1898, Oscar Cox traz as bolas européias e tenta implantar o futebol no clube, apesar de o campo disponível não ser muito propício.

Em 18.02.1899, o CBC, que permaneceu no Rio de Janeiro, troca de nome para Paysandu Cricket Club. Em 21.07.1902, Oscar Cox e outros sócios que queriam dar mais atenção ao futebol saíram do Paysandu (cisão) para fundar o Fluminense Football Club. Em 1916, muda novamente de nome, para Paysandu Athletic Club. Finalmente, em 1943, o nome é aportuguesado para Paissandu Atlético Clube, seu nome atual.

Bem, o que temos nessa tumultuada história estatutária é que ele sofreu a primeira cisão (1892), a primeira incorporação (1895) e quase protagonizou a primeira mudança de cidade (1897) – mas ainda era um clube só de críquete, ou seja, não dá para considerá-las como as primeiras do futebol brasileiro. No entanto, foi depois da vinda das primeiras bolas de futebol (1898) que passou pela primeira troca de nome (1899).

Então, esta pode ser considerada a **primeira troca de nome de clube de futebol**: de CBC para Paysandu CC, em 1899. O Club de Cricket Victória, de Salvador, mudou para Esporte Clube Vitória em 1901, com a entrada dos esportes náuticos no clube. Outro rubronegro, o Grupo de Regatas do Flamengo, por sugestão do poeta e cronista carioca Mário Pederneiras, mudou para seu nome atual em 1902 – mas ainda não praticava o futebol. O Electro Club, clube de pedestrianismo que já estava extinto e foi, de certa forma, refundado em 12.08.1904 para a prática do futebol, mudou para Botafogo FC em 18.09.1904. A propósito, como é difícil encontrar material sobre o Electro. O que se pode falar, com base no testemunho de Luís Edmundo, é que o pedestrianismo teve seu apogeu com o CA Fluminense (nada a ver com o Fluminense FC), depois substituído por outros, como o CA Santa Tereza, o Rio Cricket. Em 1902, prossegue o autor, o pedestrianismo dava sinais de decadência – que provavelmente atingiram o Electro.

Já a **primeira cisão de clube de futebol** parece ter ocorrido em São Paulo. O Sport Club Internacional, já na data de fundação, 19.08.1899, teve uma dissidência, liderada por Hans Nobiling, que discordou do nome escolhido por votação. A dissidência, dias depois, fundou o Sport Club Germânia (atual Esporte Clube Pinheiros), em 07.09.1899. Como vimos acima, só depois é que ocorreu a dissidência do Paysandu que deu origem ao Fluminense. E só em 1905 ocorreu uma cisão no Paulistano, que serviu para reforçar a AA das Palmeiras.

O que distingue a fusão da incorporação é, basicamente, a questão da perda da identidade dos clubes. Na fusão, dois ou mais clubes se unem para constituir um terceiro. Na incorporação, um clube (incorporado) é “absorvido” por outro (incorporador). O incorporado deixa de existir, perde sua identidade, enquanto o incorporador mantém a sua.

A **primeira incorporação de clube de futebol**, salvo engano, parece ter sido a do Haddock Lobo FC pelo America FC, ocorrida em 1911, no Rio de Janeiro. Já a **primeira fusão**, se levarmos em consideração a versão de Itamar Tavares, seria a que teria dado origem ao Botafogo FC. Segundo Alceu Castro, como não existe a ata de fundação do clube, em 1929, a diretoria do alvinegro fez um inquérito para apurar os fatos. Nesse inquérito, Itamar sustentou que, em 18.09.1904, o que ocorreu não foi uma simples mudança de nome, mas a fusão do Electro Club com o Ideal, que ele mesmo tinha fundado e que jogava na rua Martins Ferreira. Por essa versão, a camisa listrada alvinegra o Botafogo herdou justamente desse Ideal, que se inspirou na Juventus de Turim, onde Itamar havia jogado. O livro de Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues confirma que essa foi a inspiração da camisa listrada, mas aponta que ela só foi adotada a partir de 1906. Antes disso, o uniforme era composto de camisa e calção brancos e meias pretas. Seriam essas cores herdadas do Electro?

Quanto à troca de cores, sempre é lembrada a do Flamengo, que mudou de azul e dourado para vermelho preto, em 23.11.1896. Segundo Emedê, Ruy Castro e a revista Placar, porque as cores anteriores desbotavam ao contato com o sol e o sal da água. Segundo a Enciclopédia Lance, por sugestão de Nestor de Barros, que achava que as cores originais eram de mau agouro, já que os primeiros resultados nas regatas foram decepcionantes. Além disso, os uniformes eram caros (cf. Claudio Nogueira) e havia dificuldades em importar os tecidos da França e da Inglaterra (cf. Luís Miguel Pereira). Só que, então, o Flamengo ainda era um clube que se dedicava somente às regatas.

Assim, parece que a **primeira troca de cores de clube de futebol** foi a do citado Club de Cricket Victória, que nasceu verde-amarelo mas, para a primeira partida (3x2 contra marinheiros, no Campo da Pólvora, em 22.05.1899), não encontrou

uniformes nessas cores e jogou de alvinegro. Seis meses depois, mudaram novamente, para as atuais cores do EC Vitória: vermelho e preto.

O Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense, que nasceu com a cor “havana” no uniforme (uma espécie de marrom alaranjado), mas mudou ainda em 1903, devido à dificuldade de se encontrar tecidos com essa cor. A mudança do Fluminense (que só não nasceu alvi-anil, cores da bandeira do Rio de Janeiro, porque o Paysandu já as usava) de cinza e branco para grená, verde e branco, foi aprovada em 1904.

Quanto à **primeira troca de cidade**, acho que foi a do SC Americano. Fundado em 21.05.1903, na cidade de Santos (SP), em 1907 foi convidado a disputar o campeonato paulista no lugar do Mackenzie, que havia desistido. Aproveitou o momento para se mudar para São Paulo, em 1908.

Fontes:

AUGUSTO, Gilberto de Palma Augusto (org.). *Álbum do centenário do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: Alameda, 1999. p. 25.

BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 154-5.

CASTRO, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo*. Rio de Janeiro: Milone, 1951.

CASTRO, Ruy. *Flamengo: o vermelho e o negro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 33.
DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. *Um século de futebol no Brasil*. s/l: Aplub, s/d. p. 150.

DUARTE, Marcelo (org.). *Enciclopédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Areté, 2001. v. 1, p. 166, 264.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003. p. 538.

EMEDÊ. *Loucuras do futebol*. 3ª imp. São Paulo: Panda, 2005. p. 106.

FARAH NETO, José Jorge; KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do futebol paulista 2001*. São Paulo: Panini, 2001. p. 404.

FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 39.

GINI, Paulo; RODRIGUES, Rodolfo. *A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil*. São Paulo: Panda, 2009. p. 40.

IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. *Rio Cricket e Associação Atlética*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008.

IORIO, Vitor; IORIO, Patrícia. *Paissandu Atlético Clube*. Rio de Janeiro: PAC, 2001.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 23-4, 58.

MANSUR, Carlos Eduardo; RIBEIRO, Luciano Cordeiro. *Clube de Regatas do Flamengo*. Belo Horizonte: Leitura, 2009. p. 11.

MIGUERES, Marcelo; UNZELTE, Celso. *Grandes clubes brasileiros*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, s/d.

NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 88-9, 109.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 33-4.

PEREIRA, Luís Miguel. *Bíblia do Flamengo*. São Paulo: Almedina, 2010. p. 49, 52.

PLACAR, nº 1127-A, maio 1997, p. 6.

PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 7.

- RIBAS, Mário Graco. *História do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: ECP, 1968. p. 16.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 29.
- ROCHA, Antônio Carlos Teixeira. *Fluminense: as conquistas imemoriais*. Juiz de Fora: Editar, 2006. p. 14-6.
- RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 65, 133.
- TOYOSHI, Cláudia (org.). *Esporte Clube Pinheiros 110 anos*. São Paulo: ECP, 2009. p. 16.
- VIANA, Alceu de Mello. *Germânia, Pinheiros: IX décadas*. São Paulo: Alameda, 1992. p. 19.

Primeiro departamento médico

Paulo Coelho Netto diz que foi do Fluminense. Pelo menos, no papel.

É que, no início, o único tratamento que os grandes clubes davam a seus atletas era o dos massagistas improvisados, que freqüentemente acumulavam a função de roupeiros. Toda contusão sem sangramento era tratada mediante massagem com um linimento importado da Inglaterra: o *Embrocation*.

Até que, em 1917, o Fluminense criou uma enfermaria para cuidar dos atletas acidentados. Só que o próprio Coelho Netto reconhece que ela nunca saiu do papel.

Fonte:

COELHO NETTO, Paulo. *O Fluminense na intimidade*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1975. v. 3, p. 53 e ss.

ESPAÇOS

Primeiro campo marcado

Claro que falar sobre o primeiro campo de futebol demandaria uma retomada de toda a discussão sobre o primeiro jogo. Então, o diferencial seria o campo marcado. Nesse sentido, segundo Tomás Mazzoni e Luiz Fernando Bindi, o primeiro foi a Chácara Dulley, em São Paulo, onde estava instalado o São Paulo Athletic Club. Já Miguel Glaser Ramos afirma que o primeiro time do Brasil a ter um campo próprio foi o pioneiro SC Rio Grande.

Fontes:

- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 62.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 20.
- RAMOS, Miguel Glaser. *S.C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Furg, 2000. p. 81.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 21.

Primeiros estádios

Basicamente, a diferença entre o campo e o estádio é que, enquanto aquele é a área, a superfície em que se joga, este é o campo dotado de assentos para espectadores.

O primeiro estádio de futebol do Brasil foi originalmente construído para competições de ciclismo: o Velódromo Paulista, na Consolação, mandado construir em 1892 por Veridiana Prado, projeto de Tommaso Gaudenzio Bezzi – o arquiteto do Museu do Ipiranga. Lá, onde o Veloce Club Olimpic Paulista promoveu corridas de bicicletas desde 1895, depois o Club Atlético Paulistano mandou seus jogos. O clube o considera inaugurado em 18.10.1901. No dia seguinte, seu primeiro jogo: entre as seleções paulista e carioca (ver “Primeiros torneios - entre seleções RJ-SP”). Segundo Newton dos Santos, porém, a maioria das fontes indica a data de 08.05.1902, com o jogo Paulistano 0x4 São Paulo Athletic Club, sendo de Charles Miller o gol inaugural.

O Fluminense reivindica para si o primeiro estádio construído originalmente para o futebol. Trata-se do que possui até hoje, na rua Álvaro Chaves, nas Laranjeiras, inaugurado em 14.08.1904, com uma pequena arquibancada de madeira e uma corda para isolar o campo – ver “Primeira cobrança de ingressos”.

As velhas arquibancadas foram desmontadas e vendidas ao Sport Club Recife, que as instalou em sua praça de esportes. Em seu lugar, o Fluminense construiu o primeiro estádio em alvenaria do Brasil, para a realização do Campeonato Sul-Americano de futebol – vencido pelo Brasil. O jogo de estréia do estádio foi o que abriu o certame, na presença do Presidente da República, Delfim Moreira: Brasil 6x0 Chile, em 11.05.1919, sendo de Friedenreich o primeiro gol (o terceiro e o quarto também). Sobre isso, vejamos a saborosa descrição de Tomás Mazzoni:

“Pela primeira vez surgia em nosso país um estádio moderno, talvez o primeiro na América do Sul. Esse estádio foi o do Fluminense, [construído] especialmente para a realização do certame continental. Foi então julgado o estádio tricolor carioca como uma maravilha.

(...)

O aspecto era sobremado grandioso e deslumbrante: um mar de gente agrupado em torno do quadrilátero gramado, por sobre tudo centenas de bandeiras de nações amigas e de entidades esportivas, e ao longe, circundando este conjunto um círculo de montanhas que, majestosamente, parecia proteger os que ali se achavam vibrantes de vitalidade e entusiasmo, contra qualquer imprevisto que, porventura, pretendesse vir quebrar a harmonia àquela imponência.

Pouco antes de ser iniciada a peleja, dois aeroplanos vieram evoluir por sobre o stadium, praticando proezas de verdadeiros dominadores do ar. Eram campeões de nobre sport, que vieram homenagear a irmãos de um outro sport não menos nobre.”

(Recentemente, foi dado ao estádio o nome de Manoel Schwartz, presidente de 1984 a 1987. De fato, foi um período de ouro, em que o clube conquistou dois títulos estaduais, fechando seu último tricampeonato, mais um campeonato brasileiro, fora a Copa Kirim e o Torneio de Paris. No entanto, costuma-se dar aos estádios o nome de quem foi o responsável pela sua concretização – quem doou o terreno, quem promoveu a construção etc. Nesse sentido, pessoalmente, acho que a homenagem deveria ter sido a Arnaldo Guinle, mas tudo bem, ele já é o patrono do próprio clube.)

Interessante que, por conta dessa condição de primazia, em 1940, o Fluminense ofereceu a bandeira nacional de seu estádio para a inauguração do Pacaembu, como se vê nesta notícia de *O Estado de São Paulo*, de 09.04.1940 (*apud* Negreiros):

“No dia 27 de abril, chegará a S. Paulo uma Bandeira Nacional conduzida por entre as cidades da estrada de rodagem Rio – S. Paulo, e que é oferecida pelo Fluminense FC, e do seu estádio enviada como homenagem do 1º Estádio construído

no Brasil, ao Estádio do Pacaembu. Segundo instruções particulares enviadas aos prefeitos das cidades citadas, será essa bandeira recebida em cada uma delas com festejos cívicos.”

Para encerrar, é preciso recordar que a Portuguesa Santista afirma que seu estádio, Ulrico Mursa, em 1928, teve a primeira arquibancada com cobertura de concreto da América Latina. Em tempo: a arquibancada das Laranjeiras é coberta com telhado.

Fontes:

- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 30-1, 61.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000. p. 17 e ss.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 67 e ss.
- HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 41.
- LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 27, 54.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 56, 109.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 129, 137-8.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História, Questões & Debates*, Curitiba, nº 39, p. 147, jul./dez. 2003.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 66, 100.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 31-2.
- RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 62-3.
- SANDER, Roberto. *Sul-Americano de 1919*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009. p. 49 e ss.
- SANTOS, Newton Ernesto Pacheco dos. *Palco das emoções: uma pequena enciclopédia dos estádios*. Curitiba: ed. do autor, 2005.
- UNZELTE, Celso; DUARTE, Orlando; KUSSAREV, Rodolfo. *Campeonato Paulista: guia oficial 2009*. São Paulo: FPF, 2009. p. 14.

Primeiro placar

Ao que tudo indica, o primeiro placar no Brasil (pelo menos no Rio de Janeiro) foi o do campo da Rua Paysandu, inaugurado no jogo Flamengo 1x2 America, pelo Campeonato Carioca, em 27.08.1916 – ano em que o America ganhou seu segundo título carioca. Segundo a imprensa da época (*apud* Cunha e Valle), a invenção se destinava “a acabar com essas perguntinhas incômodas de todo assistente retardatário: em quanto está o jogo? qual é o escore?”. Naquele tempo, aliás, enquanto quase todas as palavras do jargão futebolístico eram importadas do inglês, essa se escrevia em francês: “placard”. Muito “chic”, o “foot-ball”...

Justamente esses dois times inauguraram também o placar eletrônico do Maracanã. Foi também o primeiro do país? Não sei, mas não deve ser coincidência a escolha da reedição desse clássico para um evento desses. Enfim, foi em 11.02.1979,

novamente pelo Campeonato Carioca, 4x0 para o Flamengo, no ano em que o seria duas vezes campeão carioca. Pelo visto, inaugurar placares, no Rio, dá sorte.

Detalhe: depois, o Maracanã trocou de placar e esse primeiro placar eletrônico foi transferido para o estádio do America, em Edson Passos, onde foi reinaugurado em 27.09.2008. Uma justa homenagem ao time que ajudou a inaugurá-lo em 1979.

Fontes:

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 153.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 480.

CUNHA, Orlando. *Cronologia de uma odisséia*. Rio de Janeiro: s/n, 2001. p. 5.

CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 91.

MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985. p. 35.

VALLE, Fernando. A Tijuca de chuteiras: o America F.C. In: WEYRAUCH, Cléia Schiavo; MOTA, Maria Sarita (orgs.). *Tijuca: memória, história & cultura*. Rio de Janeiro: Uerj, 1999. p. 129.

Primeira contagem de público

Ver “Primeiros jogos – Bangu”.

Primeira cobrança de ingressos

Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares e José Salles dizem que a cobrança de ingressos para assistir aos jogos de futebol começou em 1917, para custear os equipamentos utilizados – bolas, uniformes etc. – que, até então, eram custeados pelos atletas (amadorismo). No entanto, encontramos notícias de cobranças anteriores.

Em 1910, o SC Rio Grande decidiu pela cobrança de ingressos para ajudar a custear as obras que fazia em seu *ground*. E consta que a primeira cobrança teria ocorrido em 03.07.1910, nos festejos de inauguração de seu pavilhão, quando jogou uma partida com o SC Pelotas.

Antes disso, em Salvador, a cobrança de ingressos começou no campeonato de 1906, no campo do Rio Vermelho. Foi uma forma que encontraram para barrar a entrada dos populares que haviam protagonizado aquelas que teriam sido as primeiras vaias do futebol brasileiro – ver “Primeiras vaias”.

Paulo Coelho Netto disse que a primeira cobrança de ingressos, no futebol carioca e quiçá no brasileiro (em sua opinião), ocorreu em 14.08.1904. Foi no amistoso Fluminense 0x3 Club Atlético Paulistano, que marcou a inauguração oficial do campo do clube carioca (ver “Primeiros estádios”), na rua Guanabara (atual Pinheiro Machado), que possuía uma pequena arquibancada de madeira e uma corda que isolava o campo dos assistentes. Para cobrir os custos da construção, foi instituída a cobrança de ingressos. Além dos sócios do Fluminense e convidados que entraram de graça, 806 entradas foram vendidas aos sócios, mais 190 na bilheteria.

De fato, não encontrei registro de nenhuma cobrança anterior no Rio. No entanto, o primeiro campeonato paulista, de 1902, já previa a cobrança de ingressos. Pelo menos, foi essa a intenção da Liga Paulista de Football. Em 13.12.1901, um dia antes de sua fundação oficial, o assunto tinha sido discutido. Perguntado sobre como fazer para sustentar a Liga, Antônio Casimiro da Costa respondeu que seria com a

cobrança de entradas nos campos, sendo que metade do valor seria destinada ao clube e a outra metade à Liga (cf. Mazzoni).

Ocorre que, segundo Rubens Ribeiro, na apresentação do jogo Internacional 1x1 Mackenzie, de 29.05.1902, o jornal *A Província de São Paulo* noticiava que “a entrada para este match será franqueada a toda pessoa decentemente trajada”. Somente um ano depois, em relação à partida entre Paulistano e Mackenzie de 05.07.1903 (que terminou 0x0), o jornal publicou: “Arquibancada reservada aos sócios do Mackenzie e do Paulistano, cuja entrada será franqueada. As Exmas. Senhoras que os acompanharem pagarão apenas um mil réis e terão acesso à arquibancada reservada.”

Fontes:

COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 22.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G.; SALLES, José Geraldo do Carmo. Futebol. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 257.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento *et alii*. Esporte, cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 236-7.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 28.

RAMOS, Miguel Glaser. *S.C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Furg, 2000. p. 67-8.

RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 25, 37, 45.

TORCIDAS

Primeiro torcedor

Segundo o dicionário, torcer significa dobrar, virar. Daí que o torcedor é quem faz fíga, se contorce (Rosenfeld).

Torcer também significa desvirtuar o significado ou a proporção de algo. Assim, o torcedor é quem interpreta os fatos conforme a emoção, ou seja, distorce (Franco Jr.).

Inicialmente, o torcedor era chamado de “o torcida”. Tanto que Oswald de Andrade, o célebre autor de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, publicou uma “Carta a um torcida” (soa estranho, mas era assim mesmo), dirigida ao seu desafeto da ocasião, José Lins do Rego, torcedor fanático do Flamengo.

Segundo Gustavo Poli e Lédio Carmona, o primeiro a utilizar a palavra “torcedor” com esse sentido foi Coelho Netto, numa crônica em que fala de “torcedoras”. Dele, encontramos uma crônica, “Bola a gol!”, de 1922, em que realmente fala em “torcedor” em vez de “torcida”, na frase final: “Perguntem a um torcedor se há coisa que enfeze mais do que estar a ver o adversário fazer *goals* e a gente... nada.”

Mas a melhor história (que alguns chamam de mera lenda ou mito) para justificar a origem da palavra “torcedor” nos é contada por Rubens Ribeiro e é a seguinte: no início, o futebol era um esporte essencialmente elitista. Cada partida era um acontecimento social, com a presença inclusive das senhoras e senhoritas da “mais distinta sociedade”, i.e., “very selected” (Hamilton). Havia toda uma etiqueta a ser cumprida. Nos “fields”, a entrada era “franqueada a toda pessoa decentemente trajada”. No início do século, as luvas eram acessório indispensável no vestuário feminino.

Em determinado jogo, um jornalista teria relatado que uma “linda e elegante jovem da nossa sociedade, diante da virilidade que se verificava no campo de jogo, passou a torcer nervosamente as luvas”. Em outra edição, o jornalista perguntou: “será que encontraremos novamente a bela torcedora de luvas?”

O termo pegou. Quem se dirigia ao estádio – e não para jogar – era para “torcer luvas”. Se essa é a verdadeira história da origem da palavra “torcedor”, pouco importa: é de longe a melhor delas.

Toda essa introdução para dizer... que é praticamente impossível dizer quem foi o primeiro torcedor. Antônio Figueiredo diz que, em 1900, “os torcedores, coitados, estavam por nascer”. Espectadores, os primeiros jogos já tinham, mas quem torcia perante um jogo desconhecido? Eu, p.ex., não consigo torcer durante uma partida de beisebol.

Pois bem, Paulo Coelho Netto identifica quem considera ser o primeiro torcedor carioca: Chico Guanabara. De poucos recursos, teria escolhido o Fluminense já nos primeiros jogos do time, pois morava nos fundos do campo do clube. Reservava para o dia do jogo o seu melhor lenço, a melhor camisa, o melhor par de sapatos, o chapéu de palha de aba bem cortada – assim como outro afrodescendente, Ovídio Dionísio, o “Johnson”, que mandava engraxar a botina e passar a ferro a calça branca (com todo cuidado para não amassar os vincos), para torcer pelo “aristocrático tricolor das Laranjeiras”. Berrava a plenos pulmões durante os 90 minutos. Brigava e comemorava, xingava o juiz e defendia o Fluminense a qualquer custo. Para anular o jogo, a lei da Liga dizia que bastava ter cinco minutos de confusão em campo. Então, quando era necessário, Chico e Ovídio (além de Coelho Netto, ver o capítulo “Primeira invasão de campo”) não negavam fogo: invadiam o campo e adeus roupa de domingo. Segundo Nelson Rodrigues:

“O pó-de-arroz plebeu dá tudo na sua torcida. Põe todo o seu ser, toda a sua alma, toda a sua paixão no berro do gol. Um jogo, para ele, não representa apenas um passatempo inconseqüente, mas uma decisiva experiência vital. A derrota passa a ter um sentido transcendente. E a vitória significa apenas isto – a Ressurreição e a Vida.”

Capoeirista corajoso, volta e meia Chico era levado à delegacia por brigar pelo seu time. E dela era liberado por interseção (leia-se: “carteirada”) de sócios “bem relacionados” e dirigentes do clube. Afinal, era um soldado do Fluminense, tinha que ser defendido assim como defendia o tricolor.

Na verdade, acho que podemos considerá-lo o primeiro *hooligan*...

Fontes:

ANDRADE, Oswald de. Carta a um torcida. In: *Ponta de lança*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p. 16-20.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. O esporte e a beleza. In: MACHADO, Ubiratan (org.). *Melhores crônicas Coelho Netto*. São Paulo: Global, 2009. p. 100.

COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 311.

FIGUEIREDO, Antonio. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1918. p. 18.

FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 41, 62-3.

- FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 292.
- HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 77, 154.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 121-2.
- POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. *Almanaque do futebol Sportv*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p. 175.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 25.
- RODRIGUES, Nelson. *O profeta tricolor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 75.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 94.

Primeiros sons da torcida

Gritos de guerra

Gritar “vivas” a alguém ou a algum momento não é monopólio de nenhum povo. Segundo Câmara Cascudo, aqui no Brasil, durante o Império, havia a obrigação de dar três vivas nas festas em público: “Viva a Religião Católica, Apostólica e Romana! Viva a Constituição do Império! Viva Sua Majestade, o Imperador!”.

Mas ao importarmos o futebol, veio com ele, além do jargão, até as comemorações. O primeiro grito de guerra importado parece ter sido o britânico “hip, hip, hurra”, já que há registros de que foi gritado até mesmo por alemães, na fundação do SC Rio Grande, em 19.07.1900. Então, é de se supor que também foi gritado antes, pelos ingleses do São Paulo Athletic Club, pelos marinheiros que aqui bateram suas peladas etc. (ver “Primeiros jogos”).

Os esportistas do Fluminense também gritavam “hip, hip, hurra” e cantavam “for he is a jolly good-fellow” (“fulano é bom companheiro...”), conforme Mário Filho.

Com o tempo, os gritos de guerra passaram a ser mais... digamos, originais. P. ex.:

Aleguá, guá, guá! Aleguá, guá, guá! Hurra, hurra, hurra! Paulistano!

Segundo as fontes, seria a fusão do francês *allez*, do inglês *go*, e um “termo indígena” (?) *ack*, os três significando: “avante, avante, avante!”. O grito, que a torcida do Paulistano fez ecoar nas arquibancadas durante anos, foi obra de Olavo Paes de Barros e Renato Miranda. John Mills diz que a terminação vem das três últimas letras de *Adirondack*, montanhas do nordeste americano. Consta que, divulgado em 1902, foi o primeiro grito de torcida inventado no Brasil. Depois espalhou-se pelas torcidas dos outros times.

Come on, SPAC! (São Paulo Athletic Club, o clube dos ingleses)

Back teteque! Back teteque! Éque, éque, éque! Mackenzie!

Aqui se vê! Aqui se vê! AAMC! Mackenzie! (AAMC = Associação Atlética Mackenzie College)

Pim, pam, pum! Pim, pam, pum! São Paulo, São Paulo, São Paulo!

Uaiq paiq chaiq uaiq! Tchingô, tchingô, tchingô! Rah, rah, rah! São Paulo, São Paulo, São Paulo!

Arakan baranbakan! Mekambê mekambeká! Reco reco, rico rá! São Paulo!

A nossa turma é boa, é boa, é boa! E é do Patriarca, arca, arca! Palestra! Palestra!

Esseperreanos! (SPR = São Paulo Railway Atlético Club – SP)

Chiribiribi! (A.A. das Palmeiras – SP)

Biribiribi, quá, quá! Mais uma surra pra variá! (Colégio Militar, de Barbacena – MG)

Chim-plum, pla, bola, bolinha-bolá! (Brasil de Pelotas – RS)

Casaca, casaquinha! (SC Pelotas – RS)

Casaca! Casaca! Casaca-zaca-zaca! A turma é boa, é mesmo da fuzarca! Vasco! Vasco! Vasco!

Iu-rá-ré! Iu-rá-ré! Fluminense!

Por que o espanto? “Olê, olê-olê-olá” significa alguma coisa? E “ê, lelelê-ô, lelelê-ô, lelelê-ô, lelelê-ô”?

Hinos e músicas

Os gritos de guerra foram, aos poucos, dando origem a manifestações sonoras mais elaboradas: os hinos. Como bem disse Celso Unzelte, “ter um hino, antes de tudo, é uma questão de identidade. Assim como bandeira, cores, uniforme, escudo”.

O primeiro hino do Fluminense FC, letra de Coelho Netto sobre a tradicional música inglesa *It's a long way to Tiperrary*, de H. Williams, era de 1915. Também consta como sendo de 1915 o Hino à Bandeira do América FC. De 1918 é o hino da Tuna Luso, de 1919 é o primeiro Hino do CR Flamengo, de 1922 o Hymno do América FC e de 1923 o primeiro hino do Corinthians.

Pelos meus levantamentos, pode ser que eu esteja enganado, mas parece que o primeiro hino foi o *Glória Ponte Preta*, de Diogo Teodoro Bratfisch, cantado em 1910. Depois, a Ponte ainda teve o hino *Sou da Ponte Preta*, de 1929, e o *Hynno de Guerra dos Cestobolistas da A.A. Ponte Preta*, de 1930. Mas faltava um hino oficial. Segundo José Moraes dos Santos Neto, em 1971, foi feito um concurso para o hino oficial da Ponte. Venceu *Avante Ponte Preta*, de Maria Aparecida Motta de Aguiar. Ocorre que ele ficou envolvido em intensa polêmica sobre um suposto plágio. Em 1977, o jornalista Renato Silva compôs, para a Torcida Jovem, a música *Raça de campeã*, que acabou virando o hino oficial da Macaca a partir de 1979.

Beto Xavier tem um valioso estudo sobre a histórica “tabelinha” entre música e futebol no Brasil. No livro, o autor aponta as primeiras músicas sobre futebol. A primeira teria sido *Amadores da pelota*, de A. Borges Teixeira, gravada entre 1913 e 1915. Isso porque o choro *Flamengo*, de Bonfiglio de Oliveira, de 1912, parece que foi

composto para o bairro, não para o clube, que então dava seus primeiros pontapés na bola. O primeiro sucesso, porém, foi *1x0*, de Pixinguinha e Benedito Lacerda, uma homenagem à final do Campeonato Sul-Americano de 1919, vencida pelo Brasil, contra o Uruguai, no estádio das Laranjeiras (sobre esse título, há um livro inteiro de Roberto Sander).

Outra obra indispensável no estudo da música no futebol é a de Paulo Luna. Segundo o autor, o primeiro clube brasileiro a ter seu nome cantado em prosa e verso foi o Fluminense. Afirma que as grandes vitórias eram comemoradas com banquetes ao som de canções com letras de Ana Amélia e de Luís de Mendonça, em homenagem ao clube. Infelizmente não informa as datas, o que impede comparar com as outras aqui citadas. Em compensação, o livro traz outra informação importante: que a primeira música gravada com tema futebolístico foi a polca *Foot-ball*, de Francisco de Oliveira Lima, gravada na Odeon, entre 1912 e 1913, pelo Grupo Lima Vieira e Cia.

Pelas datas apresentadas, devemos concordar com Gilmar Mascarenhas e concluir que a primeira música brasileira dedicada ao futebol foi *Football*, uma marcha composta pelo maestro Angelo Tagnin, em 1905 (na realidade, dezembro de 1904, cf. Ramos), em homenagem ao Sport Club Rio Grande. Já a primeira gravada foi a polca *Foot-ball* (1912-3) e a segunda, *Amadores da pelota* (1913-5).

Fontes:

- ALVES, Eliseu de Mello. *O futebol em Pelotas*. Pelotas: Mundial, 1984. v. 1, p. 113.
- ÂNGELO, Assis. *A presença do futebol na música popular brasileira*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 24-5.
- BELLENZANI, Walter. *O basquete nos 100 anos de vida da A.A. Ponte Preta*. Campinas: R. Vieira, 2000. p. 22-3.
- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 164.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000. p. 21.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 504.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. v. 2, p. 795.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10ª ed. São Paulo: Global, 2001. p. 734-5.
- COELHO NETTO, Paulo. *O Fluminense na intimidade*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1955. v. 1.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 37.
- CUNHA, Orlando; CASTRO, Therezinha de. *O America na história da cidade*. Rio de Janeiro: ed. dos autores, 1990.
- DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. *Um século de futebol no Brasil*. s/l: Aplub, s/d. p. 6.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 35.
- HELENA JR., Alberto. *Palmeiras: a eterna academia*. São Paulo: DBA, 1996. p. 15.
- LUNA, Paulo. *No compasso da bola*. São Paulo: Vitale, 2011. p. 20-1, 37, 273.
- MARQUES REBELO, Eddy Dias da Cruz, dito. *Cenas da vida brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d. p. 144.

- MASCARENHAS, Gilmar. Cluster esportivo-recreativo de Pelotas e Rio Grande – RS, 1880-1920. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 59.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 26, 30.
- MENEZES, Pedro da Cunha e (org.). *Fluminense Football Club: 100 anos de glórias*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2002.
- MILLS, John. *Charles Miller*. São Paulo: Panda, 2005. p. 108-9, 179.
- MORRIS, Desmond. *A tribo do futebol*. Lisboa: Europa América, s/d. p. 252 e ss., 304 e ss.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 76.
- OLIVEIRA, Manoel. *Tuna: sua vida e glória*. Belém: Smith, 2003. p. 80-1.
- PÉCORÁ, André; CAMPINEIRO, Stephan. *Ponte Preta: a torcida que tem um time*. Campinas: Pontes, 2010. p. 45 e ss.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 71.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 54.
- RAMOS, Miguel Glaser. *S.C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Furg, 2000. p. 16, 49-50.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 31, 350.
- ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. 2ª ed. Campinas: R. Vieira, 1997. v. 1, p. 262 e 298.
- ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: R. Vieira, 1998. v. 4, p. 19-22.
- ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: R. Vieira, 1998. v. 5, p. 121-2.
- SANDER, Roberto. *Sul-Americano de 1919*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009. p. 65 e ss.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komed, 2000. p. 55, 81-2.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *História do Hino Oficial da Ponte Preta*. www.pontepretano.com.br.
- SANTOS NETO, José Moraes dos; CARVALHO, Djota. *Ponte Preta: 110 anos 110 fatos*. Campinas: AAPP, 2010.
- STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. *A história do campeonato paulista*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 1997. ref. anos 1910 e 1931.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 62.
- UNZELTE, Celso. Questão de identidade. *Revista Gol*, nº 99, p. 52, 2010.
- XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda, 2009. p. 25 e ss.

Primeira saudação à torcida

Segundo João Machado Pereira, a saudação à torcida era um costume inglês, praticado desde meados do século XIX. Os jogadores do time visitante se dirigiam ao centro do gramado, levantavam os braços, gritavam os tradicionais “hip, hip, hurra” (ver “Primeiros sons da torcida – os primeiros gritos de guerra”) e o nome do clube anfitrião.

No Brasil, é do maranhense João Evangelista Belfort Duarte, inesquecível jogador do America, a autoria da saudação à torcida e ao adversário. A *Placar Tira-Teima* diz que foi na década de 10, numa partida com o Fluminense, em Campos Sales. No entanto, segundo Orlando Cunha e Fernando Valle, a novidade foi inaugurada numa partida entre America e Fluminense, em 13.06.1909. Seria um amistoso? Pergunto isso porque, no livro de Roberto Assaf e Clóvis Martins, os primeiros quadros dos dois times jogaram em outras duas datas: 30.05 (Flu 4x1) e 05.09 (1x1).

Antes disso, em 1906, segundo Carlos Molinari, o America entregou uma *corbeille* de flores ao Bangu – não seria também uma forma de saudação? O gesto não foi isolado. Mário Filho conta que o Fluminense – ao contrário do Botafogo – não jogava em Bangu sem levar uma *corbeille* de flores vermelhas e brancas para cortejar a torcida do clube alvirrubro. Resultado: a platéia local aplaudia até derrotas para o tricolor mas não aceitava derrotas para o Botafogo.

Fontes:

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 44-5.

CUNHA, Orlando. *Cronologia de uma odisséia*. Rio de Janeiro: s/n, 2001. p. 2.

CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 52.

FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 43.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o mundo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 20.

MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Brasília: ed. do autor, s/d. p. 23.

PEREIRA, João Machado Pereira. *Os que correm nos Maracanãs*. Joinville: Letradágua, 2005. p. 7.

PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 66.

VALLE, Fernando. A Tijuca de chuteiras: o America F.C. In: WEYRAUCH, Cléia Schiavo; MOTA, Maria Sarita (orgs.). *Tijuca: memória, história & cultura*. Rio de Janeiro: Uerj, 1999. p. 129.

Primeiras vaias

No Velódromo, onde jogava o Club Athletico Paulistano, havia uma placa: “é proibido vaiar”. A princípio, desnecessária, porque a platéia então era “very selected” (cf. Hamilton).

No início, a torcida aplaudia até mesmo os melhores lances dos adversários. Leonardo Pereira conta, com base no jornal *O Paiz* de 17.07.1905, que, no dia anterior, num jogo entre Fluminense Football Club e Club Athletico Paulistano, no Rio de Janeiro, um gol paulista foi saudado pelos cariocas com gritos de “Bravo! Bravo! Bravíssimo!”. Deve ter funcionado como incentivo, pois os paulistas venceram por 3x2.

Contudo, se dar “vivas” não é monopólio de nenhum povo, vaiar também não é. Segundo Câmara Cascudo, são mais de vinte e cinco séculos de experiência. É claro que o futebol não poderia ficar imune. P.ex., consta que xingar o juiz e seus parentes é uma tradição que vem de Cambridge, desde 1883...

Por isso, relata Leopoldo Sant’Anna, com base no *Correio da Manhã* de 12.10.1908 que, no dia anterior, num jogo entre Fluminense e AA das Palmeiras, no Rio, um numeroso grupo de “rapazes educados e distintos”, nas arquibancadas, “divertia-se a dirigir pilhérias (...) tolas e ridículas” contra os jogadores paulistas.

Segundo o autor, pode ser uma das primeiras vaias no futebol brasileiro. Mas surtiu melhor resultado que os aplausos: vitória carioca por 3x0.

Parece que em Salvador as vaias chegaram antes desse jogo. É que o Club Internacional de Cricket, dos ingleses, ganhou o campeonato de 1905 e estava indo bem no ano seguinte. Foi então que os torcedores brasileiros passaram a vaiar os ingleses, como se vê no *Diário de Notícias* de 11.06.1906 (*apud* Leite), que assim lamenta o fato:

“É de lamentar que uma malta de desocupados perturbem as belas partidas a que o público acorre tão cheio de curiosa satisfação, prejudicando os movimentos dos jogadores, fazendo-os escutar ofensas quando perdem e dando triste idéia dos nossos foros de civilização. Convém notar que o Internacional é composto de ingleses que devem ter de nossa parte, como hóspedes que são, todas as distinções. Achamos que a polícia bem podia sanar esta inconveniência que vai se tornando um péssimo costume.”

Mas antes mesmo dessa partida, houve um outro episódio em São Paulo. Foi em 1904, durante uma partida entre Germânia e São Paulo AC. Assim noticiou o *Jornal do Commercio* (*apud* Mazzoni):

“Antes de terminarmos esta notícia, temos que fazer uma grave censura a grande parte dos espectadores que assistiram ao match de ontem. Esses assistentes, por diversas vezes, vaiaram jogadores e juiz, quando algum fato por eles praticado não era de seu agrado, e, o que mais nos dói dizer (oh! vergonha), notamos com grande sentimento que até rapazes de outros clubes, cegamente interessados pela vitória de um ou de outro team, também se excediam, fazendo protestos pouco dignos de suas posições. Esperamos que tão reprováveis cenas não se repitam, sob pena de não haver mais quem aceite o cargo esse interessante esporte, e isso, afinal de contas, pela má orientação do público.”

Fontes:

A MÃE do juiz: história dos xingamentos coincide com mudanças de regras. *Língua Portuguesa*, ed. esp. “Futebol e Linguagem”, abr. 2006, p. 5.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000. p. 21.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *História dos nossos gestos*. São Paulo: Global, 2003. p. 47-9.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 77.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento *et alii*. Esporte, cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 235-6.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 48.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 54.

SANT’ANNA, Leopoldo. *Supremacia e decadência do futebol paulista*. São Paulo: Instituto Ana Rosa, 1925. p. 24-5, 60-1.

Primeira separação de torcidas

Em 03.05.1913, na primeira partida do campeonato carioca do ano, em Campos Sales, America 9x1 Americano (não é o de Campos dos Goytacazes, que nem tinha sido fundado ainda – ver “Primeira suspeita de suborno”), o time da casa estreou uma

novidade no futebol do Rio: a diretoria do America reservou uma parte das arquibancadas para seus sócios, para evitar os já costumeiros desentendimentos entre torcedores mais entusiasmados de ambos os clubes. Fez isso com o uso de cordas grossas. A novidade foi bem recebida e copiada nos demais campos da cidade.

Fontes:

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 64.

CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 65.

Primeira invasão de campo

O maranhense Henrique Maximiliano Coelho Netto (1864-1934) foi um romancista consagrado em sua época, mas que, depois, com o Modernismo, caiu no esquecimento do grande público. Ele defendia com unhas e dentes o futebol.

Assistia às partidas, virou sócio do Fluminense e levou com ele toda a família. Um de seus filhos, João, o famoso Preguinho, atuou em oito (!) modalidades esportivas (futebol, basquete, natação, pólo aquático, saltos ornamentais, atletismo, vôlei e hóquei) e foi o autor do primeiro gol brasileiro em Copas do Mundo (na derrota de 2x1 para a Iugoslávia, no jogo de estréia da seleção, em 1930).

Coelho Netto ganhou fama por participar do que teria sido, segundo seu filho Paulo, a primeira invasão de campo na história do futebol carioca, um Fla-Flu em 22.10.1916. O Flamengo vencia por 3x2 quando o árbitro marcou um pênalti contra o Fluminense, mas Riemer chutou para fora. Depois, nova penalidade é marcada. Sidney chutou e Marcos Carneiro de Mendonça defendeu. Mas o árbitro mandou repetir o lance. Foi o suficiente: Coelho Netto, então deputado federal, e o delegado Ataliba Corrêa Dutra pularam a grade das sociais e, de bengalas em riste, comandaram a invasão da torcida tricolor, interrompendo a partida. (Segundo Rubens Ribeiro, esse uso, digamos, mais “bélico” de bengalas, pelos aristocráticos e nervosos torcedores, fez com que elas fossem proibidas nos estádios paulistanos em 1903 e depois novamente em 1925.) Mais tarde, a Liga Metropolitana anulou o jogo e marcou outro, no campo do Botafogo, para 08.12.1916, com outro juiz. Resultado: Fluminense 3x1.

Todavia, Orlando Cunha e Fernando Valle noticiam uma invasão anterior. Em 18.07.1915, em Campos Sales, o America perdia para o Fluminense por 2x1 quando o árbitro não reconheceu um gol legítimo do time da casa. Os rubros, revoltados, invadiram o campo e o juiz, coagido, acabou validando o gol. Segundo Roberto Assaf e Clóvis Martins, nessa oportunidade, pela primeira vez, a autoridade do juiz, até então intocável, foi publicamente contestada. O *Correio da Manhã* de 19.07.1915 chegou a lançar a questão: “quem manda no campo: o público ou o juiz?”. Por esse motivo, depois a partida foi anulada e a nova, disputada em 01.11.1915, vencida pelo America por 5x3, tirou o título do tricolor: Flamengo campeão.

Se a primazia dos cariocas, nesse quesito, depende dos dois episódios acima, então foram suplantados, pelo menos, pelos riograndenses e pelos soteropolitanos.

No início de maio de 1912, durante uma partida entre SC Rio Grande e SC São Paulo, o árbitro Mr. Williams marcou uma penalidade que revoltou a assistência, a ponto de a torcida gritar “palavrões que ofenderam as famílias presentes”, além de invadir o gramado. Isso gerou mal-estar entre os clubes conterrâneos, que chegaram a romper relações devido ao incidente.

Para terminar, temos o *Diário da Bahia* de 16.04.1905 (*apud* Leite), que depois de noticiar uma partida entre São Salvador e Internacional, pediu para o “*público não*

invadir o campo de jogo durante o match, pois tanto atrapalha os jogadores quanto impossibilita as famílias de ver”. Salvo engano, o jornal não publicaria esse pedido se o fato já não tivesse ocorrido antes.

Fontes:

- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 74.
- COELHO NETTO, Paulo. *O Fluminense na intimidade*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1969. v. 2, p. 81.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 176-7.
- CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 85.
- LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento *et alii*. Esporte, cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 235.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de M. (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- RAMOS, Miguel Glaser. *S.C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Furg, 2000. p. 83-4.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 43, 268.

Primeira torcida organizada

Como bem sintetizou Bernardo Buarque de Hollanda, a década de 30 foi marcada pela profissionalização do futebol, pela construção de estádios maiores e pela maior participação da imprensa (jornal e rádio – ver “Primeiras transmissões”) na cobertura esportiva. Nesse contexto, Mário Filho, que já havia lançado o concurso de escolas de samba em 1932 (vencido pela Mangueira), instituiu, em 1936, o *Duelo de torcidas*, uma espécie de competição entre ambas as torcidas presentes no estádio das Laranjeiras, revivida pelo *Jornal dos Sports*, nos Fla-Flus de 14.10.1951 e 25.11.1951, ambos vencidos pelo tricolor, em campo (1x0 nas duas vezes) e nas arquibancadas. (Em São Paulo, o primeiro campeonato de torcidas uniformizadas foi organizado em 1943, pela *Gazeta Esportiva* e pela *Rádio Gazeta*, cf. Toledo.)

Pois bem, segundo Roberto Assaf, Clóvis Martins, Roberto Mércio e Geraldo Monteiro de Barros, a primeira torcida organizada do Rio, talvez do Brasil (cf. Luís Miguel Pereira e Paulo Luna), foi a Charanga do Flamengo, liderada por Jaime de Carvalho. Sua primeira atuação foi em 11.10.1942, num Fla-Flu que terminou em 1x1, pelo campeonato carioca, nas Laranjeiras, quando ele e sua esposa, Dona Laura, entraram em campo com uma faixa em que se lia: “Avante, Flamengo”.

De acordo com Janet Lever, Jaime foi “o primeiro no Brasil a equipar os membros de sua torcida organizada com uniformes e música (...). Ele queria também bandeiras do clube. Como as bandeiras não eram produzidas comercialmente na década de 1940, a mulher de Jaime costurou as bandeiras para vender aos membros da torcida organizada.”

Fato é que Jaime reuniu um grupo de pessoas com instrumentos ficarem para tocando marchinhas e hinos durante o jogo. Ari Barroso, rubro-negro fanático mas também músico exigente, disparou: “isso não passa de uma charanga!” – para dizer que

não passava de um bando de músicos que, na maioria das vezes, desafinava (cf. Beto Xavier). O nome pegou.

Poucos dias antes do primeiro jogo da Charanga, foi fundado em Campinas o Grêmio Pontepretano, em 01.10.1942, que Sérgio Rossi garante ser a primeira torcida uniformizada fora da capital paulista.

Já a primeira torcida organizada do Brasil, segundo Luiz Henrique de Toledo, foi a Torcida Uniformizada do São Paulo (Tusp), fundada em 1940 por Laudo Natel, futuro governador de São Paulo (1971-5), e pelo tenente Manoel Porfirio da Paz, autor do hino do clube, futuramente general e vice-governador. Só que ela se originou do Grêmio São-Paulino, da Mooca, fundado em 1939 por Manoel Raymundo Paes de Almeida (cf. Toledo e Buarque de Hollanda) – que, por isso, pode ser considerada a primeira torcida organizada do Brasil.

Ou melhor, poderia, não fosse Oscar Gomes Filho dizer que, na década de 1920, o Rio Branco, de Vitória (ES), já tinha duas torcidas organizadas: a de Manoel Donêncio e a de Rubens Barbosa, conhecido pelo estranho apelido de Rubinante Bacurau.

Fontes:

- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa: futebol e identidade nacional* em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.
- ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003. p. 226.
- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 248.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 37.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. *O clube como vontade e representação*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009. p. 48-51, 108-10, 491.
- CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 66 e ss.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 316-21.
- CUNHA, Loris Baena. *Flamengo: tua vida e tuas glórias*. Rio de Janeiro: Maanaim, 2002. p. 81-2.
- DINIZ, André. *Almanaque do carnaval*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 57.
- GOMES FILHO, Oscar. *Rio Branco Atlético Clube*. Vitória: ed. do autor, 2002. p. 58.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983. p. 132-3.
- LUNA, Paulo. *No compasso da bola*. São Paulo: Vitale, 2011. p. 214-5.
- MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985. p. 84.
- PEREIRA, Luís Miguel. *Bíblia do Flamengo*. São Paulo: Almedina, 2010. p. 183.
- ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: R. Vieira, 1994. v. 2, p. 100-2.
- SANTOS, Jorge Ferreira dos. Orgulho alvinegro. *Revista Ponte Preta*, nº 4, dez. 2001, p. 34.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 226.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 59-60.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 21-2.

XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda, 2009. p. 35-6, 84-5.

Primeira queima de fogos

Segundo Carlos Molinari, a primeira queima de fogos foi a que a torcida do Bangu fez no Estádio das Laranjeiras, em 12.11.1933. Foi uma idéia do tenente Jocelyn Brasil que, na véspera do jogo, saiu pelas ruas de Bangu pedindo dinheiro para comprar foguetes e rojões de São João. No dia seguinte, os banguenses foram para o estádio com dois pacotes: um contendo comida, outro com os fogos de artifício. Quando o time alvirrubro saiu do vestiário, o estádio foi ensurdecido pelo foguetório e tomado pela fumaça.

A novidade funcionou a contento: o Bangu venceu o Fluminense por 4x0 e, com isso, conquistou seu primeiro título estadual.

Fontes:

FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 35, 201.

MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Brasília: ed. do autor, s/d. p. 94.

Primeiro olé

São várias as versões para o primeiro jogo de futebol em que se ouviu o “olé” das touradas.

Há quem diga que foi na famosa goleada de 6x1 que o Brasil aplicou na Espanha, nas finais da Copa do Mundo de 1950. Beto Xavier, p.ex., diz que “*impulsionados pelos gritos de ‘olé!’*”, após o quarto gol brasileiro, os torcedores passaram a cantar *Touradas de Madri*, de Braguinha e Alberto Ribeiro, sucesso do carnaval de 1938. Armando Nogueira, porém, afirma que assistiu ao jogo no Maracanã e não ouviu nenhum olé. Alega, inclusive, que o ritmo da seleção era tão vertiginoso que nem combinava com o olé, que marca um jogo de troca de passes mais cadenciada.

Outros dizem que foi no jogo Botafogo 2x1 América do México, final do Torneio Pentagonal da Cidade do México, em 04.02.1962. Como os mexicanos estavam batendo muito, o time de Garrincha, Didi, Nilton Santos e Quarentinha respondeu com um jogo de toque rápido, para “botar os cabeçudos na roda”, como diria Didi. Os mexicanos chegavam atrasados na bola e a torcida local começou a gritar olé para o alvinegro.

João Saldanha, no livro *Subterrâneos do futebol*, reeditado sob o título *Histórias do futebol*, tem uma terceira versão, que tem sido a mais aceita. O primeiro olé teria ocorrido no amistoso Botafogo 1x1 River Plate, da Argentina, também jogado no México, só que em 20.02.1958. O baile que Garrincha aplicou no lateral Roque Vairo fez o argentino cair sentado. A cada drible, o estádio Universitário gritava olé. A humilhação foi tanta que o técnico argentino Minella substituiu Vairo, que agradeceu sorrindo, com o seguinte comentário: “não há nada a fazer; é impossível”.

Outra partida que ficou conhecida como “jogo do olé” foi Brasil 4x1 Argentina, em 07.08.1968, no Maracanã. O Brasil, representado por um combinado formado por jogadores do Botafogo, Vasco e Fluminense, ficou batendo bola sob gritos de olé durante quatro minutos, até Jairzinho marcar o quarto gol, para delírio da torcida.

Já que falamos em olé, tentei encontrar algum registro da **primeira “ola”**. Nada. O máximo que encontrei foi um comentário de Ben Schott, de que as *olas* fazem parte das comemorações em estádio há muito tempo, mas que só ganharam esse nome na Copa de 1986, no México.

Fontes:

- ALENCAR, Edigar de. *O carnaval carioca através da música*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. v. 1, p. 264-5.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 97-8.
- BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 90.
- Blog Papagaio Net. <http://papagaionet.blogspot.com>
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. 13ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 124-5.
- DUARTE, Marcelo. O “olé”. www.guiadoscuriosos.com.br
- NOGUEIRA, Armando. A história do olé. *Jornal do Brasil*, 02.10.2002.
- SALDANHA, João. Histórias do futebol. Rio de Janeiro: Revan, 2001. p. 136 e ss.
- SCHOTT, Ben. *A miscelânea de esportes, jogos & ócio de Schott*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. p. 26.
- SOTER, Ivan. *Quando a bola era redonda*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008. p. 112.
- XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda, 2009. p. 73.

PESSOAS

Primeiros apelidos

Como não temos as escalações dos times que jogaram antes, parece que é de Charles Miller o primeiro apelido de jogador brasileiro de futebol: Nipper, apelido que lhe deram no colégio em que estudou, na Inglaterra, e que significava moleque veloz e ágil. No entanto, não consta que fosse chamado por Nipper nas partidas jogadas no Brasil, muito menos nas escalações. Assim como Oscar Cox com seu apelido: Bembem.

Aliás, antes que alguém pense que até essa história de apelidos foi importada da Inglaterra, Gilberto Freyre, no clássico *Casa grande & senzala*, vê a origem dos apelidos brasileiros no contato da criança com a ama negra, que “amoleceu” o idioma português:

“A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-a, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. (...) Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. As Antônias ficaram Dondons (...); os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manés; os Franciscos, Chico, Chiquinho, Chicó; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Isto sem falarmos das Iaiás, dos Ioiôs, (...) Bembens [Oscar Cox!], Dedés, (...) Nocas, Nonocas, Gegês.”

Uma curiosidade: em setembro de 1945, o Conselho Nacional de Desportos (CND), então presidido por João Lyra Filho, baixou uma resolução recomendando aos clubes que substituíssem os apelidos de seus jogadores pelos seus sobrenomes. A idéia, segundo Rubens Ribeiro, era evitar constrangimentos como o de um meia da Portuguesa

de Desportos chamado Pinga. Porque “pinga”, no Peru, é palavra obscena. Só faltou avisar que “peru”, no Brasil, também pode ter conotação obscena.

Fontes:

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 47ª ed. São Paulo: Global, 2003. p. 414.

IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. *Rio Cricket e Associação Atlética*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008. p. 53.

RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 544.

Primeiros afrodescendentes

Sempre é apontado o CR Vasco da Gama como a primeira democracia racial no futebol brasileiro. Pode ser a primeira a ter um mulato presidente, que não dispensava um cravo na lapela: Cândido José Araújo. Mas em 1904, quando ainda não tinha departamento de futebol. Pode ser a primeira democracia racial campeã carioca (1923), já que o São Cristóvão e o Bangu foram campeões depois: 1926 e 1933, respectivamente. Mas teria sido a primeira democracia racial a existir?

Nos clubes de então havia, de modo geral, uma inegável segregação contra afrodescendentes. Daí que, em alguns casos, eles resolveram criar seus próprios clubes. George Reid Andrews cita, em São Paulo, a AA São Geraldo, fundada em 1910 (provavelmente o **primeiro clube de futebol fundado por negros no Brasil**), e o Clube Cravos Vermelhos (depois CA Brasil), fundado em 1916. Antes disso, contudo, alguns driblaram o bloqueio racial.

Carlos Molinari informa que, em 14.05.1905, no jogo Bangu 5x3 Fluminense, estreou Francisco Carregal, o primeiro jogador negro aceito num time de futebol do Brasil: o The Bangu Athletic Club. Mas nesse ano ainda não existia um campeonato carioca. Assim, o primeiro a disputar um jogo do campeonato carioca foi Manuel Maia, que estreou em 1906, também pelo Bangu. (Carregal ficou nos campeonatos de segundos quadros até 1909, quando finalmente jogou no time principal.)

No Rio de Janeiro, o pioneirismo do Bangu parece realmente imbatível. Mas, no Brasil, há pelo menos dois casos anteriores. Um deles é o de Joaquim Prado, pontaesquerda do CA Paulistano, negro que, de acordo com Mário Filho, era aceito no clube devido às suas origens aristocráticas. Será porque o preconceito social se sobrepõe ao racial? Segundo Caio Prado Jr., “*a classificação étnica do indivíduo se faz no Brasil muito mais pela sua posição social*”. Foi mais ou menos o que percebeu o pintor alemão Rugendas, em 1835. Em 1900, o conde de Affonso Celso lembra que, já no tempo de colônia, pela provisão de 09.05.1731, o rei determinou que a diferença de cor “não constituía obstáculo para que um homem exercesse o cargo de procurador da coroa”, e por um alvará de 12.01.1733, o rei aprovou o alistamento de afrodescendentes nos corpos de infantaria, sem distinção de raça. Lembra também Henrique Dias que, pela bravura na guerra contra os holandeses, foi nomeado governador e mestre-de-campo. Por essas e outras, em 1863, o escritor francês Charles Expilly disse que “*no Brasil são as funções que determinam a cor da pele*”.

Pois bem, em consulta à obra de Rubens Ribeiro, o mais antigo jogo de campeonato em que vi o nome de Joaquim Prado escalado foi Paulistano 1x1 São Paulo Athletic Club, em 19.06.1904. Detalhe: o Paulistano foi o campeão paulista de 1905 e em pelo menos um jogo dessa campanha (Paulistano 3x0 Mackenzie, em 13.05.1905) jogou Joaquim Prado. Isso nos leva a concluir que o primeiro time com jogador negro a

ser campeão estadual foi o Paulistano, em 1905. (Lembrando que, segundo Mário Filho, ele era aceito no time por ser de família ilustre.)

Contudo, parece haver um caso ainda anterior: o da Associação Atlética Ponte Preta. Isso porque o negro Miguel do Carmo, conhecido como “Migué”, um jovem ferroviário que trabalhava com Thomaz Scott, foi pura e simplesmente um dos fundadores da Ponte e seu primeiro tesoureiro, como se vê na ata de fundação. Foi também quem escolheu o local da fundação, à sombra de duas paineiras, em frente à casa nº 1 da rua Abolição. Como se não bastasse, Migué foi jogador titular do primeiro time alvinegro, ainda no ano de fundação. Com isso, conclui José Moraes dos Santos Neto que *“muito possivelmente, foi o primeiro caso de democracia racial em um time de futebol no Brasil”*.

Ainda em relação aos afrodescendentes, segundo André Ribeiro, Petronilho de Brito (ver “Primeiro gol de bicicleta”), foi o **primeiro negro brasileiro a jogar num clube estrangeiro**. No caso, o San Lorenzo de Almagro, de 1930 a 1936, pelo qual foi campeão argentino em 1933. Fausto e Jaguaré foram para o Barcelona em 1931.

Finalmente, segundo muitas fontes, Gentil Cardoso (ver “Primeira zebra”) foi o **primeiro treinador brasileiro negro**, que iniciou carreira no Sírio e Libanês, em 1929. Não é de duvidar, já que os primeiros treinadores eram importados (ver “Primeiro treinador”). Provavelmente, Gentil foi também o primeiro a treinar um time estrangeiro: o Sporting de Lisboa, em 1963 e 1964.

Já que falamos nos primeiros, falemos neste caso também dos últimos. No caso, os últimos clubes a aceitarem negros em seus times. O Fluminense carrega essa fama, graças ao apelido “pó-de-arroz”, mas será ela merecida?

O Fluminense, observa Ricardo Pinto dos Santos, “não possuía nenhuma referência à cor no seu estatuto”. Fundado em 1902, recebeu o primeiro afrodescendente em seu time em 1914: o meia-esquerda Carlos Alberto Fonseca Neto, “um bom rapaz, muito fino”, filho de um fotógrafo (cf. Mário Filho). Ele veio do America junto com outros jogadores, como Marcos Carneiro de Mendonça, devido a uma grande desavença entre os rubros – uma cisão semelhante à que o próprio tricolor sofrera anos antes e que deu origem ao futebol do Flamengo (ver “primeiros clubes”).

Segundo Orlando Cunha e Fernando Valle, Carlos Alberto já se empoava nos tempos do America. Só que, certa vez, já no Fluminense, esse jogador “esforçado, leal e muito estimado pelos sócios e companheiros de equipe” (cf. Paulo Coelho Netto), foi chamado de “mulato pernóstico” por um torcedor grosseiro – e racista. Magoado, antes do jogo seguinte, trancou-se no vestiário e fez uma “polvilhação completa”, até ficar cinzento (cf. Coelho Netto e Mário Filho). Já o citado Marcos Mendonça (*apud* Brasil Gerson) tinha outra versão: dizia que Carlos Alberto tinha a barba muito cerrada e, por isso, usava muito talco no rosto depois de se barbear.

Ocorre que esse jogo, em pleno aniversário da Lei Áurea, em 13.05.1914, foi justamente contra seu time anterior: pelo campeonato carioca, 1x1 com o America, nas Laranjeiras. Nos minutos iniciais, tudo bem, mas depois o pó-de-arroz se dissolveu, escorreu com o suor e a torcida adversária não perdoou: hostilizou-o com gritos de pó-de-arroz. Como Carlos Alberto fez que não era com ele, o apelido acabou passando para o Fluminense. Tanto que, mesmo sem ele em campo, os gritos de pó-de-arroz ainda eram ouvidos. A torcida tricolor, no início, não gostava disso e retribuía com gritos de pó-de-mico e pó-de-carvão, para a torcida rubro-negra, e pó-da-pérsia (um vermífugo da época), para a torcida vascaína. Depois assimilou o apelido, que mantém até hoje com orgulho. (Antonio Jorge Soares considera toda essa história de Carlos Alberto insólita. Diz que ela enfatiza o racismo quando, a seu ver, a verdadeira tensão então presente era do amadorismo *versus* profissionalismo. Segundo Marcos de Castro, há tricolores que

apresentam outra versão para o pó-de-arroz: que sua origem estaria nos cuidados de toucador das vaidosas mulheres dos aristocráticos tricolores. Era a *belle époque* tropical, com suas preocupações cosméticas e de higiene. A propósito, Roberto Medici lembra que o último comício de Jânio Quadros, em Porto Alegre, foi coberto com cortinas de pó-de-arroz. O pó-de-arroz era considerado um símbolo de “homem trabalhador”.)

Quem acha estranho esse hábito de Carlos Alberto deve lembrar que o também mulato Arthur Friedenreich não ficou muito longe disso, segundo Mário Filho e Rubens Ribeiro. Filho de pai alemão e mãe negra, Fried, também conhecido como “El Tigre”, untava o cabelo com brilhantina, depois passava o pente até colá-lo no couro cabeludo, como se fosse uma carapaça. Depois, amarrava uma toalha na cabeça como um turbante e esperava um bom tempo, até que considerasse “amansado” – tanto que era sempre o último a sair do vestiário. Quando jogava, o cabelo parecia postiço, colado na cabeça com goma arábica. Outro expediente era o de simplesmente esconder o cabelo com um gorro. Segundo Mário Filho, era o que fazia o mulato Miranda, para não chamar a atenção no time de brancos do America.

O Botafogo FC, fundado em 1904, teve o mulato Basílio Viana nos primeiros jogos (segundo Mário Filho) e Paulino de Souza no segundo time de 1906 (segundo Aquino), mas no primeiro time só teve seu primeiro jogador negro em 1935: Waldemar de Brito, irmão de Petronilho e descobridor de Pelé. Waldemar ficou pouquíssimo tempo, indo logo em seguida para o San Lorenzo de Almagro, onde jogava o irmão. Foi só depois da saída de Waldemar que Leônidas foi contratado pelo Botafogo, porque o presidente Paulo Azeredo não admitia a hipótese de ter dois negros com a camisa alvinegra.

Segundo Rubens Ribeiro, até o Corinthians barrou o centromédio David, com medo de represálias por parte da Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), que permitia, no máximo, jogadores “morenos”.

O Coritiba FC é conhecido como Coxa-Branca porque, fundado por imigrantes europeus, era o time da colônia. Por isso, era acusado de racismo pelas torcidas adversárias, sob protestos do Major Antônio do Couto Pereira (que depois deu nome ao estádio do Alto da Glória). Pelo levantamento fotográfico feito por Carlos Roberto de Oliveira, o primeiro jogador negro do clube foi Moacir Gonçalves, em 1931.

Seu arquirrival, o Atlético Paranaense, também demorou a ter jogadores negros. Tanto que, assim como o Fluminense, também era conhecido como “pó-de-arroz”, desde 1926. Mais: segundo Vinicius Coelho e Carneiro Neto contam que, quando um afrodescendente buscava uma vaga no time, o goleiro Laio, o “Fortaleza-Voadora”, de pele morena, avisava: “o limite da cor é a minha!”. Ainda segundo esses autores, o primeiro negro a atuar no Atlético foi Amauri, em 1962. No entanto, Carlos Roberto de Oliveira, na pesquisa citada, encontrou o jogador Maranhão, no time de 1929.

A Società Sportiva Palestra Italia, fundada em 26.08.1914, só foi ter seus primeiros jogadores negros em 1942. José Renato de Campos Araújo crê que a resistência do clube se devia ao fato de que os *oriundi* se consideravam discriminados e temiam aumentar o preconceito contra o time. No entanto, no ano em que, por causa da Segunda Guerra Mundial, se viu obrigado a provar sua “brasilidade” (a ponto de mudar de nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, em 20.09.1942), o clube chamou Og Moreira (estréia em 04.04.1942) e Zezé Procópio (estréia em 10.05.1942) – que, segundo Aquino, fez uma cirurgia plástica para afinar o nariz, assim como Carlos Alberto passava pó-de-arroz e Friedenreich alisava o cabelo.

O Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, fundado em 15.09.1903, só foi ter seu primeiro jogador negro em 1952: Tesourinha. Segundo Arlei Damo, a contratação causou grande oposição entre os sócios do clube, inclusive com protestos pela imprensa.

Fontes:

- ANDREWS, George Reid. *Branços e negros em São Paulo: 1888-1988*. Bauru: Edusc, 1998. p. 222.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 38, 43.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Sumaré, 2000. p. 130.
- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 70.
- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 44-5.
- BUENO, Eduardo. *Passando a limpo: a história da higiene pessoal no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Gabarito, 2007. p. 51.
- CARDOSO, Francisco Genaro. *História do futebol paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1978. p. 396.
- CARELLI, Mario. *Brésil, épopée métisse*. Paris: Gallimard, s/d. p. 104 e ss.
- CASTRO, Marcos de. Notas. In: REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008. p. 172.
- COELHO, Vinicius; CARNEIRO NETO, Antonio Carlos. *Atletiba, a paixão das multidões*. Curitiba: ed. dos autores, 1994. p. 21-2, 31-2.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 321-2.
- CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 80.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 100 e ss.
- DE todas as cores. *Diário do Povo*, Campinas, 14.07.2004. Caderno: Planeta Esporte, p. 6.
- DEL PRIORE, Mary. Lindas e sedutoras desde 1500. *Nossa História*, nº 23, p. 56 e ss., set. 2005.
- EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. p. 197.
- FIGUEIREDO, Affonso Celso de Assis. *Por que me ufano do meu país*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001. p. 104-5.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 32-3, 36-7, 39, 60-1, 119, 190, 205, 210.
- GERSON, Brasil Görresen, dito Brasil. *História das ruas do Rio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000. p. 278.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 38, 50, 58.
- MEDICI, Roberto Nogueira. *Medici, o depoimento*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. p. 82-3.
- MENEZES, Pedro da Cunha e (org.). *Fluminense Football Club: 100 anos de glórias*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2002. p. 48.
- MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985. p. 31, 33.
- MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Brasília: ed. do autor, s/d. p. 15.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 19.

- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 55-6, 141.
- OLIVEIRA, Carlos Roberto de. *O negro no futebol paranaense: o caso do Coritiba Football Club (1909-1942)*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005. p. 30, 32-3.
- PÉCORÁ, André; CAMPINEIRO, Stephan. *Ponte Preta: a torcida que tem um time*. Campinas: Pontes, 2010. p. 60-1.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 114.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 104.
- REZENDE, José; QUADROS, Raymundo. *Vai dar zebra*. Rio de Janeiro: ed. do autor, s/d. p. 9, 12.
- RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. p. 13, 62-3.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 51, 57, 80, 184, 502, 504, 514.
- RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 65.
- ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. 2ª ed. Campinas: R. Vieira, 1997. v. 1, p. 75-6.
- RUGENDAS, João Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. 8ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. p. 274-7.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 15-6.
- SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 202.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000. p. 57.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 70.
- SANTOS NETO, José Moraes dos; CARVALHO, Djota. *Ponte Preta: 110 anos 110 fatos*. Campinas: AAPP, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: *História da vida privada no Brasil*. 5ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v. 3, p. 561.
- SURGE a Ponte Preta, novo time de *foot-ball*. *Correio Popular*, Campinas, 14.07.2004. Caderno: 1900-1928: da febre do *foot-ball* à industrialização emergente, p. 2.
- SUSSEKIND, Hélio. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 19.

Primeiros treinadores

Nos primeiros tempos, o capitão do time acumulava a função de técnico. Nesse sentido, Mário Filho defende que Belfort Duarte foi o primeiro técnico do futebol brasileiro pois, além de capitão do America, comandava os treinamentos com mão de ferro. Isso lá por 1913.

Segundo Aidan Hamilton e José Moraes dos Santos Neto, o primeiro clube brasileiro a separar as funções e a importar um treinador foi o Paulistano que, em 1907, trouxe da Inglaterra Jock (ou John) Hamilton, do Fulham Football Club, de Londres. Ignácio de Loyola Brandão conta que ele ficou mais interessado nas mulheres das

arquibancadas; depois de pouco tempo, alegou incompatibilidade com o clima e foi embora.

Ainda segundo Aidan Hamilton, Charlie Williams foi o primeiro treinador profissional contratado por um clube do Rio de Janeiro. No caso, pelo Fluminense, em 1911.

Fontes:

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000. p. 25.

CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 103.

FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 81-2.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 79 e ss., 119.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 87.

Primeiros cartolas

Qualquer discussão sobre os primeiros dirigentes do futebol brasileiro teria que retomar a surrada discussão sobre os primeiros clubes – ver “Primeiros clubes”. Ou, se restringisse a dirigentes de liga, o título incontestado seria de Antônio Casimiro da Costa, primeiro presidente da Liga Paulista de Football – ver “Primeira liga”. Mas a questão aqui é como surgiu o termo “cartola”, com o significado de “dirigente”.

Leonam Penna diz que o uso do termo “cartola”, com esse significado, surgiu com a mascote do Fluminense. No entanto, Luiz Fernando Bindi informa que surgiu durante a excursão, pelo Brasil, de um time uruguaio cujos dirigentes se usavam cartolas. Analisemos detidamente as duas hipóteses.

O cartunista argentino Lorenzo Molas (ver “Primeira mascote”) retratava o “aristocrático clube das Laranjeiras” como um grã-fino de fraque, piteira e... cartola. O símbolo lançado por Molas em 1943 é adotado até hoje pelo Fluminense. (Lembremos que o Clube Atlético Paranaense também tem por mascote o cartola e parece que surgiu antes. É que, logo depois que foi fundado, em 26.03.1924, ele era o time preferido da elite curitibana, que ia ao estádio trajando fraques, polainas e cartolas. Por isso, desde 1926 esses torcedores eram então chamados não de atleticanos, mas de “cartolas”).

Todavia, ao contrário do que afirma Leonam – que Molas definiu as mascotes –, Marcos de Castro defende que muitos desses símbolos já eram usados para identificar os respectivos clubes. Afinal, nas palavras de Luiz Henrique de Toledo, “a escolha de cada símbolo ou dos mascotes, que representam toda a torcida de um time, depende uma série de circunstâncias, fatos, imagens, percepções, qualidades recolhidas do imaginário social complexo, que se configura em nossa sociedade”. Sendo assim, Molas, no máximo, teria padronizado uma imagem para um símbolo que já estava no imaginário das torcidas.

De fato, o próprio livro do centenário do Fluminense, além de Loris Baena Cunha e Luiz Fernando Bindi, todos informam que o termo “cartola” foi adotado para os dirigentes desde que o time uruguaio do Dublin veio fazer uma excursão no Rio e São Paulo. Segundo Tomás Mazzoni, a primeira partida foi em 31.12.1916, Dublin 5x1 Botafogo. Para Baena e Bindi, foi nesse jogo, em General Severiano, que dois dirigentes uruguaiois com altas e luxuosas cartolas surgiram correndo na frente de seus jogadores, em direção ao centro do campo (Aquino diz que os dirigentes eram do clube carioca). A

cena impressionou tanto, até os mais aristocráticos cariocas, que o traje ficou associado à figura do dirigente, antes chamado de “prócer” e “paredro” (palavra que, segundo Guimarães Rosa, foi inventada pelo romancista tricolor Coelho Neto).

Fontes:

- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 154.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 34.
- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 43.
- CARDOSO, Francisco Genaro. *História do futebol paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1978. p. 396.
- CASTRO, Marcos de. Notas. In: REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008. p. 145.
- COELHO, Vinicius; CARNEIRO NETO, Antonio Carlos. *Atletiba, a paixão das multidões*. Curitiba: ed. dos autores, 1994. p. 21-2, 32.
- CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: ed. do autor, s/d. p. 57.
- DUARTE, Marcelo (org.). *Enciclopédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Areté, 2001. v. 1, p. 128.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 230.
- GUIMARÃES ROSA, João. Hipotétrico. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2, p. 583.
- MACHADO, Heriberto Ivan; HOERNER JR., Valério. *História do Clube Atlético Paranaense*. Curitiba: ed. do autor, 1994. p. 258.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 112-3.
- MENEZES, Pedro da Cunha e (org.). *Fluminense Football Club: 100 anos de glórias*. Rio de Janeiro: A. Jakobsson, 2002. p. 97-8.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 28.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 70.
- ROCHA, Antônio Carlos Teixeira. *Fluminense: 100 anos de futebol*. Juiz de Fora: ed. do autor, 2001. p. 27-8.
- SIMÕES, Alexandre. *O time do meu coração: Fluminense Football Club*. Belo Horizonte: Leitura, 2009. p. 20-1.
- SOUZA, Ricardo. *Fluminense Football Club: um século de uma vitrine esportiva*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003. p. 179-80.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 53.

Primeiros “feras”

Alguém pode achar que a idéia de chamar os craques que não se deixam intimidar de “feras” surgiu nas Eliminatórias da Copa de 1970. Afinal, em 1969, os jogadores convocados para a seleção brasileira eram chamados de “feras do Saldanha”. Isso porque o treinador João Saldanha dizia que precisava de “onze feras” em campo.

No entanto, tudo indica que a expressão já existia antes. Na realidade, consta que surgiu em virtude do Villa Isabel Football Club. É que o clube, fundado em 02.05.1912, tinha seu campo em pleno Jardim Zoológico da Vila Isabel – onde foi disputado o

primeiro jogo de futebol noturno no Brasil (ver “Primeiros jogos noturnos”). Esse Zoológico, diga-se de passagem, tinha sido propriedade do Barão de Drummond que, para financiá-lo, havia inventado uma loteria diária com base nos animais, que deu origem ao jogo do bicho.

Pois bem, como o campo ficava em meio às jaulas, as feras tinham seu sossego perturbado pelos aplausos dos torcedores e também faziam seus ruídos. Esse ambiente todo fez que com os jogadores do Villa Isabel fossem conhecidos como “feras” – termo que, por extensão, acabou sendo aplicado aos bons jogadores. “Feras” criadas no próprio Jardim Zoológico, já que, segundo Raymundo Quadros (*apud* Lili Rose), o Villa era considerado o melhor clube de base do Rio de Janeiro, sendo provavelmente o **primeiro a criar uma escolinha de futebol**.

Fontes:

- OLIVEIRA, Lili Rose Cruz. *Vila Isabel de rua em rua*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2005. p. 65-6, 68.
- OURIVES, Paulo. *História do futebol campista*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1989. p. 145-6.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 106.
- SANTAFÉ, Hélvio. *Ídolos do esporte: a história do esporte de Campos*. 2ª ed. Campos: Grafimar, 2006. p. 127.

Primeiro “cobra”

Segundo Nei Lopes, autor do famoso samba *Tempo de Dondon*; Valdir Appel, goleiro campeão carioca de 1970 pelo Vasco; e ainda José Rezende, Raymundo Quadros e Ivan Soter, quem trouxe o termo “cobra” para o futebol, no sentido de jogador habilidoso, foi Gentil Cardoso. A origem seria o jogo do bicho.

Mas qual seria a simbologia da cobra, no bicho? Roberto Damatta e Elena Soárez apontam vários significados, quase todos com origem bíblica (devido à serpente que tentou Eva) ou na dança do ventre: astúcia, traição, maquiavelismo, pecado original, sexo profano, prostituição e dança. Com exceção da astúcia, os demais elementos não são exatamente o que melhor caracteriza um craque, um “cobra”.

Luiz Fernando Bindi, porém, tem outra versão para a origem do uso do termo “cobra”, no futebol. Conta ele que, em 1918, havia um time varzeano em São Paulo chamado Heroe das Chamas, composto por membros do Corpo de Bombeiros. Nele, jogava um grande craque de nome Moacir Cobra. Desde então, sempre que surgia um jogador mais habilidoso, era chamado de “cobra”, em referência ao primeiro deles, Moacir.

Fontes:

- APPEL, Valdir. *Na boca do gol*. Itajaí: S&T, 2006. p. 55.
- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 119.
- DAMATTA, Roberto; SOÁREZ, Elena. *Águias, burros e borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 143 e ss.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 119-20.
- LOPES, Nei. *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*. Rio de Janeiro: Dantes, 2001. p. 203.

REZENDE, José; QUADROS, Raymundo. *Vai dar zebra*. Rio de Janeiro: ed. do autor, s/d. p. 12.

SOTER, Ivan. *Quando a bola era redonda*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008. p. 45.

Primeiro frangueiro

O que veio antes, o frango ou o frangueiro? O ovo ou a galinha?

Todo mundo sabe o que é engolir, levar, tomar ou cercar um frango. Quem nunca levou um frango, que atire o primeiro ovo. Quem levou o primeiro frango, impossível dizer. O frango existe desde que existe futebol. Note-se que, ao contrário de outros termos zoológicos do futebol, o frango não tem origem no jogo do bicho, mas no ato de não conseguir pegar o simpático galináceo, de deixá-lo escapar.

Impossível dizer também qual foi o primeiro lance que mereceu esse nome. Aristides Almeida Rocha defende que o termo surgiu nos anos 60. Segundo Mário Filho, foi antes. Para este autor, associar o lance ao frango não foi obra de um cronista, nem inspirado em um lance específico, mas foi uma idéia que surgiu nas arquibancadas, na década de 1930. Antes disso, o frango era considerado uma “pixotada” (lance infeliz, infantil) e o frangueiro era chamado de “peneira”. Ambos os termos constam inclusive no “dicionário” da gíria futebolística usada em 1918, cf. Tomás Mazzoni.

No entanto, associar o lance infeliz do goleiro ao ato de comer ou engolir é mais antigo que o próprio frango – e também está lá no tal “dicionário”. Segundo Mário Filho, os torcedores cobravam: “ainda não almoçaste?” Nesse sentido, merece menção o goleiro Joãozinho, do SC Mangueira. O rubro-negro tijucano Mangueira, que desapareceu em 1924 (cf. Assaf e Martins), não tinha nada a ver com a escola de samba da Estação Primeira, fundada em 28.04.1928 (cf. Araújo) ou 28.04.1929 (cf. Cabral). Era o time dos funcionários da fábrica de chapéus de mesmo nome (cf. Bindi), que deixou na história do futebol carioca um formidável rastro de goleadas... sofridas: 10x2 para o Fluminense (17.08.1913), 11x1 para São Cristóvão (29.06.1919), 11x1 e 12x0 para o Paysandu (22.09.1912 e 23.06.1912), 11x0, 14x0 e 16x2 para o Flamengo (29.06.1913, 08.09.1912 e 03.05.1912) e o lendário 24x0 para o Botafogo (30.05.1909). Sim, é de dar inveja ao Íbis.

Pois bem, conta Mário Filho que, em 1919, num jogo que o Fluminense já vencia por 9 gols, veio uma bola alta e Luiz Lebre, um masoquista torcedor do Mangueira, gritou para Joãozinho: “vê lá se vais engolir mais essa”. Joãozinho virou-se para o torcedor e perguntou: “o quê?”. Foi o décimo gol tricolor. (Assaf e Martins dão o jogo como ocorrido em 22.06.1919, só que com placar de 8x0 e, no arco do Mangueira, Milla.)

Por essas e outras “refeições”, Joãozinho recebeu, do próprio Luiz Lebre, o apelido de Guloso. Esse glutão é o que podemos considerar como o precursor dos frangueiros, a quem só faltou definir o cardápio.

Fontes:

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003. p. 516.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 17-8, 44, 94, 97.

CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 64.

BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 87-8.

- DINIZ, André. *Almanaque do carnaval*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 63.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 150 e ss.
- GERSON, Brasil Görresen, dito Brasil. *História das ruas do Rio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000. p. 420.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 121-2.
- ROCHA, Aristides Almeida. *A simbologia animal no esporte*. São Paulo: Scortecci, 2000. p. 138.

Primeiro gandula

Acho que desde que haja uma partida de futebol, quase sempre haverá pelo menos um candidato a jogador catando as bolas que saíam, como uma forma de chamar atenção ou participar do jogo, mesmo que indiretamente. Vejamos essa descrição de Mário Filho, a propósito dos primeiros treinos do Flamengo, na década de 10: “*Com um pouco o campo estava cheio. De gandulas. A bola ia fora, era uma correria. Dez, vinte garotos querendo pegar a bola primeiro.*”

Oficialmente, porém, a função de gandula só surgiu depois da construção do Maracanã. Segundo Marcelo Duarte, porque era preciso que alguém fosse buscar as bolas que caíam no fosso. Impossível dizer qual foi o primeiro a desempenhar essa função. Mesmo assim, podemos dizer o primeiro “gandula” foi o próprio. Como assim?

Refiro-me ao meia argentino Bernardo Gandulla, também chamado de Nano. Começou nas divisões inferiores do Ferrocarril Oeste, jogou também no Boca Juniors, onde foi campeão em 1940 e 1943. Encerrou a carreira no Atlanta, onde formou o “ataque boêmio”, com Pedemera. No Vasco da Gama, ficou de 1938 a 1939.

Pois bem, como bem sintetizam Luiz Cesar Saraiva Feijó e Aristides Almeida Rocha, há duas grandes versões para como surgiu essa história de gandula. A mais conhecida é desfavorável ao argentino (cf. Marcelo Duarte, Aquino e Luiz Mendes, *apud* Claudio Nogueira). Diz que, no Vasco, ele não jogou muito bem umas partidas e problemas burocráticos o impediram de jogar outras tantas, de modo que ele nunca chegou a se adaptar ao estilo de jogo vascaíno. Por isso, ele ficava à margem do campo, limitando-se a devolver as bolas que saíam, uma mania que teria trazido da Argentina. Foi o suficiente para que os torcedores adversários dissessem que ele só servia mesmo para apanhar as bolas: pronto, surgia nesse momento o substantivo comum “gandula”. Que, avisa Ivan Cavalcanti Proença, também serve para chamar um jogador que, além de reserva, é péssimo, bem como um “bandeirinha desinteressado e medíocre, que só indica a saída da bola pela lateral”.

Contudo, segundo Hans Henningsen (que Nelson Rodrigues chamava de “Marinheiro Sueco”), Gandulla era um jogador notável, muito habilidoso, driblador, excelente cabeceador. Em resumo, um craque, ao contrário do que se costuma dizer no Brasil: “*Não merecia que fosse chamado como um menino que jogava a bola para o bandeirinha quando havia um lançamento de um lateral. É uma das tantas mentiras que se contam no futebol brasileiro.*”

Nesse sentido, a *Placar (Tira-Teima e Dicionário ilustrado)*, com o apoio de Aristides Rocha, informa que, muito cordial, ele ia sempre buscar a bola que saía, mesmo quando a reposição era do time adversário, numa demonstração impecável de *fair-play*. Segundo Luiz Feijó, esse gesto de Gandulla era muito aplaudido pela torcida, com gritos de “viva”. Assim, em homenagem ao dedicado atleta, deu-se o nome dele aos pegadores de bola que, no Rio Grande do Norte, são conhecidos como “Linha de Sapo” e, no Rio Grande do Sul, como “Marrecões”.

Fontes:

- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 156.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 73.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 182.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 144-5.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 57.
- HENNINGSEN, Hans. *Os melhores jogadores sul-americanos do século XX*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2002. p. 61.
- LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 63.
- MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985. p. 44-5.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 77.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 116.
- PLACAR Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 95.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981. p. 107-8.
- ROCHA, Aristides Almeida. *A simbologia animal no esporte*. São Paulo: Scortecci, 2000. p. 122-3.

Primeiro volante

Confesso que, antes de pesquisar, nunca entendi por que o jogador conhecido como cabeça-de-área (termo cuja autoria é reivindicada por Luiz Mendes) também era conhecido como “volante”. Que tipo de metáfora poderia justificar isso? Para mim, a posição defensiva estava mais para um pára-choque que para um volante.

Na realidade, o termo tem origem no nome do centromédio argentino Carlos Volante, que jogou na Itália (Napoli, Livorno e Torino) e na França (Racing de Paris). Depois de trabalhar como massagista da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, atuou no Flamengo até 1944 e, depois, foi treinador na Bahia. Segundo Hans Henningsen, Volante tinha liderança, garra e vontade, era inteligente e sabia distribuir bem o jogo.

Quando estava no rubro-negro, já experiente, a idade começava a pesar e Volante preferia ficar na marcação, sem avançar muito, deixando para Jayme de Almeida a tarefa de fazer o vaivém dos centromédios. Então, quando um técnico queria dizer a um jogador para jogar mais recuado, dizia para “jogar como o Volante”, ou “jogar de Volante”, e o termo pegou. Então, o primeiro volante foi mesmo Carlos Volante.

Fontes:

- HENNINGSEN, Hans. *Os melhores jogadores sul-americanos do século XX*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2002. p. 140.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 63.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 77.

Primeira árbitra

Ver “Primeiros jogos de futebol feminino”.

MATERIAIS

Primeiras bolas

Nos primeiros tempos, a bola era um artigo de luxo. Tão importante que... bem, vejamos esse interessante relato do *Jornal do Commercio* (apud Mazzoni), sobre o que aconteceu durante uma partida Germânia x Fluminense, em 1904:

“Um movimento de atenção correu por todos os espectadores que, ansiosamente, principiaram a esperar o sinal do referee para o início do jogo, mas o sinal não vinha. O tempo ia passando e a ansiedade crescendo. Por fim soube-se a razão da demora: não havia bola. Por uma distração, quase que íamos escrever imperdoável, o Germânia havia esquecido de trazer a bola. Foi preciso recorrer-se ao Athletic. Daí a demora.”

As primeiras bolas oficiais eram trazidas da Europa, pelo próprio esportista (Charles Miller, Oscar Cox etc.). Só depois passaram a ser importadas por comerciantes, como a Casa Fuchs (que vendia arreios ingleses para cavalos, artigos para pesca e esportes), em 1900. Então, falar sobre a primeira bola de futebol no Brasil seria voltar à discussão da primeira partida. Afinal, elas eram trazidas da Europa justamente para serem jogadas, certo? Mais ou menos... porque, como vimos, as primeiras bolas trazidas por Oscar Cox foram usadas no rúgbi pois, como o terreno disponível não era muito favorável à bola rolada, precisava ser carregada...

Então, para não repetirmos o capítulo “Primeiros jogos”, falemos sobre a primeira bola de futebol fabricada no Brasil. (Não estamos considerando, evidentemente, as bolas feitas para as práticas pré-esportivas.) Segundo John Mills, Marcelo Duarte e Ignácio de Loyola Brandão, as primeiras bolas foram fabricadas por um sapateiro muito popular, Caetano Lizzaroni, numa sapataria da rua Ipiranga, em São Paulo, a pedido de Antônio Casimiro da Costa e Alfredo Redondo. O sapateiro se especializou em artigos de futebol, os demais sapateiros perceberam o filão e entraram no ramo, tanto que o Brasil passou a exportar bolas de futebol para a Argentina e o Uruguai. Mas há outras versões.

José Nunes Orcelli conta que, em Jaguarão (RS), costumava-se jogar com bolas feitas com bexiga de porco, por um “correio da charqueada, habilidoso em fazer botas, chinelos e cintos para gaúchos”.

Segundo José Moraes dos Santos Neto, o padre jesuíta José Mantero, que introduziu o futebol no Colégio São Luís, de Itu, por volta de 1872 e 1873 (ver “Primeiros jogos – colégios”), trouxe duas bolas da Europa, chamadas pelos padres de “bola inglesa” ou *ballon anglais*: eram câmaras de ar sob um capotão de couro. Ocorre que, com o tempo, as câmaras importadas se deterioraram e os jesuítas as substituíram, com sucesso, por bexigas de boi. Mesmo assim, o capotão ainda era estrangeiro.

Por fim, de acordo com Mário Filho, em 1896, quando o padre Manuel Gonzales chegou ao Brasil para lecionar no Colégio Vicente de Paula, em Petrópolis (RJ), teve de fabricar bolas feitas de couro cru, mal curtido, as chamadas “peludas”. Para dos Santos Neto, as “peludas” de Petrópolis, feitas para que os alunos pudessem jogar futebol com padres de batinas arregaçadas, foram provavelmente as **primeiras bolas de futebol brasileiras**.

Quanto às primeiras bolas brancas, ver “Primeiros jogos noturnos”.

Fontes:

- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 30.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000. p. 23.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 536.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 52-3.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 50-1.
- MILLS, John. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda, 2005. p. 91.
- MILLS, John. *Memoriam SPAC*. São Paulo: Price Waterhouse, 1996. p. 48.
- ORCELLI, José Nunes. *Os 103 anos do futebol jaguareense*. Jaguarão: ed. do autor, 2005. p. 25-6.
- FERREIRA, Paulo E. Pinto. *A história do esporte em Petrópolis*. Petrópolis: ed. do autor, 2002. p. 25.
- HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 47.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 514.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000. p. 52.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 19.

Primeiras caneleiras

No início, as caneladas eram realmente acidentais. Costumava-se pedir desculpas, preferencialmente em inglês, e a questão estava encerrada. Depois, os jogadores começaram a se proteger, colocando algodão dentro das meias. Lembrando que, inicialmente, os jogadores tinham que usar meias femininas! Tomás Mazzoni informa que, em 23.12.1903, quando a Loja Pinto Moreira anunciou nos jornais que recebeu meias européias especiais para jogar futebol, todas foram imediatamente vendidas.

Segundo Mário Filho, para se proteger das contusões, Penaforte passava uma hora se arrumando para entrar em campo: trazia tanto algodão dentro das meias que parecia sofrer de elefantíase.

Ainda segundo o autor, as primeiras caneleiras foram trazidas por Harry Welfare, o “Tanque inglês” do Fluminense. O livro oficial do centenário do tricolor conta que uma das vezes que usou (pelo visto, não era sempre) foi na final do campeonato de 1919, para se prevenir das botinadas que previa. Resultado: 4x0 no Flamengo, em 21.12.1919, conquistando tricampeonato.

Fontes:

- FILHO, Mário (Rodrigues). *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 158.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 38.
- MENEZES, Pedro da Cunha e (org.). *Fluminense Football Club: 100 anos de glórias*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2002. p. 62.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 13.

Primeiras chuteiras

No início, o futebol era jogado com botinas. Mário Filho conta que a Casa Clark anunciava botinas pesadas, de bico quadrado, boas para chutes fortes, que eram moda na época.

Segundo um guia internacional de colecionadores de tênis, a tecnologia do uso de borracha vulcanizada para fazer solas de sapatos começou a ser experimentada desde o final do século XIX. Os primeiros tênis foram simplesmente uma maneira que os fabricantes descobriram de dar uma utilidade às sobras de borracha de suas outras linhas de produção.

As primeiras chuteiras, feitas especialmente para o futebol, são de 1912, obra do gênio de Belfort Duarte, novamente conforme Mário Filho. Com o tempo, as chuteiras brasileiras ganharam fama até mesmo entre os ingleses, que as consideravam bem leves e de couro muito macio.

Mas é claro que há gosto para tudo. O craque Reginaldo Duncann, filho do patriarca do futebol campista, John John Duncann, preferia jogar de sapatos – embora não dispensasse as tornozeleiras.

Fontes:

ARÊAS, Nilo Terra. *Almanaque esportivo jubileu de ouro do futebol campista*. Campos: Nilpress, 1962. p. 54-5.

ARÊAS, Nilo Terra. *Americano Futebol Clube*. Campos: ed. do autor, 1976. p. 70.

FILHO, Mário (Rodrigues). *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 156.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 243.

SNEAKERS: the complete collector's guide. Londres: Thames & Hudson, 2008. p. 8.

Primeiro juiz de tênis

Como bem observou Victor Andrade de Melo, os esportes, no Brasil, apresentaram duas tendências totalmente opostas quanto ao vestuário. De um lado, o remo permitia uma crescente liberação quanto às roupas, mais leves e curtas. De outro, o turfe exigia trajes luxuosos e pesados, para que a elite pudesse se exibir nos hipódromos. Vejamos a descrição de José de Alencar, no *Correio Mercantil* de 24.09.1854:

“Desde sete horas da manhã começaram a passar as elegantes carruagens, e os grupos dos gentlemen riders, cavaleiros por gosto ou por economia. Após o cupê aristocrático tirado pela brilhante parrelha de cavalos do Cabo, vinha a trote curto o cabriolé da praça puxado por dois burrinhos clássicos, os quais, apesar do nome, davam nesta ocasião a mais alta prova de sabedoria (...).”

No princípio, em termos de vestuário, por incrível que pareça, o futebol estava mais para o rigor do turfe. O jornal *O Comércio de São Paulo* de 21.10.1901 (*apud* Iorio), p.ex., assim descreve o vestuário do árbitro A. Lamont, no primeiro jogo entre as seleções carioca e paulista: “terno com colarinho e gravata, sapatos com lustre e chapéu coco”. Ou a descrição de Mário Filho: “o juiz, muito elegante, de paletó escuro, calça de flanela, o apito preso ao pescoço por uma fita fina, um cordão, feito uma medalha”. Ou

a de Luiz Fernando Bindi: “paletó, gravata, colete, bermuda longa, meias-calças e sapatos”.

Só para se ter uma idéia, segundo Rubens Ribeiro, em 13.10.1946, no jogo Ipiranga 1x1 Comercial, o árbitro Pedro Calil causou o maior escândalo por se apresentar trajando um calção, como faziam os jogadores. Até então, costumavam usar calças compridas, impecavelmente brancas.

Até os jogadores tinham que ser elegantes. O time do Fluminense, quando ia jogar em outra cidade, viajava de *smoking*. E os times em geral se apresentavam para o jogo com gravata, que tiravam para o início da partida. Em 1899, num jogo entre o Mackenzie e o time de Hans Nobiling, Augusto Shaw, que comandava aquele, quase barrou um jogador por causa de uma gravata mal ajustada. Apesar de todo esse cuidado, fora do campo, os uniformes dos times eram considerados um escândalo. P.ex., Valmir Storti e André Fontenelle contam que, em 1903, uma partida entre o São Paulo Athletic Club (SPAC) e o Club Atlético Paulistano atrasou 30 minutos porque um dos jogadores do SPAC foi parado na rua por um policial. Como o inglês mal sabia falar português, foi detido por “circular em trajes carnavalescos, fora de época, ofensivos ao pudor por deixarem à mostra as pernas em público, no centro da cidade”. Depois, diretores de ambos os clubes localizaram o atleta na delegacia, explicaram a situação e obtiveram sua soltura.

Dizem que o primeiro a começar a liberalização do uniforme do juiz, em São Paulo, foi Odylon Penteado. Somente a partir de 1918 que os juizes cariocas seguiram seu exemplo: calção meias, chuteiras e... paletó preto.

Só que, antes disso, em 20.09.1916, pelo campeonato carioca, no jogo Botafogo 0x1 America, em General Severiano, o árbitro Afonso de Castro se apresentou calçando tênis. Segundo Orlando Cunha, Fernando Valle e Roberto Mércio, essa iniciativa pioneira foi motivo para uma tentativa de anulação da partida...

Fontes:

- ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 22.
- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 81, 89.
- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 15.
- CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 92.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 45.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o mundo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 20.
- IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. *Rio Cricket e Associação Atlética*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008. p. 81.
- MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 116.
- MELO, Victor Andrade de. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e da década inicial do XX. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 56 e ss.
- MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985. p. 35.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 352, 558.

STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. *A história do campeonato paulista*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 1997.

Primeiro jogador de óculos

Como todos sabem, não é proibido jogar de óculos; o problema é que é muito arriscado não para os outros jogadores, mas para quem os usa, sob sua responsabilidade e risco.

Impossível dizer com precisão quem foi o primeiro jogador brasileiro a usar óculos durante a partida. Mário Filho conta que Mário Pinto Guimarães jogava de óculos, enquanto Nascimento, que era chamado de “ceguinho”, tinha vergonha e, no jogo, só “percebia a bola pela sombra”.

Ok que Mário Filho é um cronista, não um historiador – ver os livros de Marcelino da Silva, Fátima Antunes, Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares e Hugo Lovisoló. Brilhante nos exageros como o irmão, Nelson Rodrigues. Nem todas as suas histórias são reais. P.ex., a do sapo do Arubinha, que é uma lenda, um mito, embora repetido exaustivamente como fato histórico, quando seu valor é mais literário e folclórico.

Quem diz isso é João Antero de Carvalho: a lenda do sapo do Arubinha foi criada pelo médico, jornalista e tricolor Isaac Amar, presidente da Associação dos Cronistas Desportivos, no jornal *O radical*, no dia seguinte à goleada Vasco 12x0 Andaraí, em 1937. Arubinha, o ponta-esquerda do Andaraí, não contestou. Resultado: o Vasco perdeu o campeonato e os sete seguintes e Arubinha perdeu o crédito junto aos comerciantes portugueses. Detalhe: com essa lenda, que abalou psicologicamente o Vasco, Isaac acabou beneficiando o seu Fluminense, campeão em 1937.

No entanto, não posso deixar de mencionar o interessantíssimo caso de Osny, zagueiro do Botafogo. Ainda segundo Mário Filho, ele simplesmente jogava de *pince-nez*! Era considerado, pelos torcedores, um exemplo de afirmação do bom gosto e de amor ao esporte. Imagine a figura, correndo e procurando a bola com o *pince-nez* na mão... Para arrematar, ele jogava com uma toalha enrolada no pescoço, como um cachecol. Quando o atacante adversário se aproximava perigosamente, Osny arrancava a toalha e a atirava sobre a bola. O atacante chutava a toalha e perdia a bola para Osny. Uma das mais originais catimbas do futebol mundial, mérito de Osny (se for verdade) ou de Mário Filho (se não for).

Fontes:

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa: futebol e identidade nacional* em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 168-9.

BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 35.

CARVALHO, João Antero de. *Torcedores de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 1968. p. 102-3.

DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 183.

FILHO, Mário (Rodrigues). *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 105 e 158.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLÓ, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 96.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

Primeiras luvas de goleiro

Os goleiros sempre tinham tendência a diferenças de uniforme: gorros, fita na cintura e luvas. Fora a camisa de cor diferente.

Segundo Mário Filho, o primeiro goleiro a usar gorro foi um de nome complicadíssimo, que se pronunciava Cruken – já o primeiro jogador a usar lenço na cabeça teria sido o centro-avante João Del Nero, do America. A fita mais famosa foi indubitavelmente a roxa, de Marcos Carneiro de Mendonça, arqueiro do America, do Fluminense e da Seleção Brasileira. Diz Mário Filho que era uma gravata velha, que Marcos usava no lugar do cinto, para evitar a fivela.

As luvas eram comuns entre torcedores, nos primeiros tempos do futebol. A platéia era muito elegante, formada por “torcedoras de luvas” (ver “Primeiro torcedor”). Em campo, o primeiro goleiro a usar luvas, segundo todas as fontes consultadas, foi Jaguaré Bezerra de Vasconcelos, o “Dengoso”, do Vasco. A maioria diz que ele trouxe a novidade de uma excursão à Europa, em 1929. Luiz Fernando Bindi acha que foi em 1930, quando voltou com medo que estourasse uma guerra por lá. Paulo Guilherme afirma que foi em 1931, quando retornou da curtíssima temporada (menos de seis meses) em que ficou no Barcelona, na reserva de Ricardo Zamora. A maioria diz que as luvas eram de borracha, pretas por fora e vermelhas por dentro. Para Paulo Guilherme, porém, eram de couro.

Fontes:

BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 74.

DUARTE, Marcelo. *Guia dos craques*. São Paulo: Abril, 2000. p. 214.

DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 185.

FILHO, Mário (Rodrigues). *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 104-5, 157.

GUILHERME, Paulo. *Goleiros: heróis e anti-heróis da camisa 1*. São Paulo: Alameda, 2006. p. 65.

HENNINGSSEN, Hans. *Os melhores jogadores sul-americanos do século XX*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2002. p. 74.

NASSAR, Luciano Ubirajara. *Brasileiros, os melhores jogadores de futebol do mundo*. São Paulo: ed. do autor, 2004. p. 204.

PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 68.

POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. *Almanaque do futebol Sportv*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p. 220.

Primeira camisa dois

Eu ia chamar esse capítulo de “Primeira segunda camisa”, mas ficaria muito estranho. De qualquer modo, o propósito aqui é falar justamente sobre qual clube foi o primeiro a adotar um uniforme reserva.

A depender do relato de Mário Filho, o Flamengo já teria definido ambos os uniformes no próprio dia de sua fundação, em 1895, assim:

“O primeiro uniforme ficará vago. Assim: camisa de meia de seda – manda-se buscar na França uma azul e ouro, para ver se elas desbotam ou não – boné preto,

calça de brim branco, cinto branco e sapatos de lona branca, com sola de borracha preta. Isso tem por aí. O segundo uniforme pode ser de camisa de meia preta com duas âncoras vermelhas, cruzadas, boné preto, cinto branco e calção preto ou calça branca, à vontade.”

Só tem um pequeno detalhe: eram uniformes de regatas, não de futebol... Segundo Luís Miguel Pereira, o primeiro uniforme reserva do Flamengo, para o futebol, só foi criado em 1938, a pedido de Dori Krueschner: camisa branca com uma faixa rubronegra horizontal e o escudo no meio. Para o técnico húngaro, seria melhor de enxergá-la nos jogos noturnos e também em partidas contra outros times rubronegros. Involuntariamente, ele estava repaginando o uniforme da primeiríssima partida de futebol do clube – porque, na derrota de 5x1 para o CR Botafogo, em 1903 (ver “Primeiros clubes”), os remadores do Flamengo jogaram com camisas brancas e calções pretos.

Conforme Paulo Coelho Netto, em 26.12.1906, o Fluminense decidiu lançar, para o ano seguinte, uma camisa branca com faixa diagonal – ver “Primeiras camisas com faixa diagonal”. Segundo Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues, graças a essa decisão, o tricolor foi um dos primeiros clubes a adotar uma camisa dois. Só que o site do clube diz que ela não se somou à outra pois, na realidade, substituiu a anterior; que o clube decidiu mudar a camisa porque o uso repetido do tradicional uniforme tricolor de listras verticais estava descaracterizando as cores originais. De acordo com Antonio Carlos Napoleão, a camisa dois do Fluminense só foi instituída mesmo na década de 30.

Segundo o Guia oficial do campeonato paulista, o primeiro uniforme da Ponte Preta era constituído de camisas de listras verticais alvinegras, sendo que a camisa totalmente preta só era usada em solenidades e jogos festivos. Sendo assim, a primeira camisa dois do futebol brasileiro seria da Macaca.

Todavia, é difícil obter uma confirmação disso. Afinal, de acordo com Sérgio Rossi, André Pécora, Stephan Campineiro e José Bertazzoli, a camisa preta foi efetivamente o primeiro uniforme da Ponte, que jogou com ele até 1913. Isso porque, em 11.08.1913, no amistoso de aniversário do clube, quando empatou com o Ruggerone em 1x1, a camisa preta foi substituída pela camisa listrada alvinegra. Segundo Pécora e Campineiro, somente na década de 20 passou a ter dois uniformes: um listrado e um todo branco.

Nesse mesmo ano de 1913 quem lançou uma camisa dois foi o América Mineiro. Sua camisa um era branca com faixa diagonal verde e a dois era de listras verticais verdes e brancas.

Considerando o que foi dito acima e tendo por base o livro de Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues, há indícios de que o primeiro clube a lançar uma camisa dois foi o Atlético Mineiro, em 1910. Enquanto a camisa um era preta, a dois tinha listras verticais alvinegras. Em 1911, foi a vez do Internacional de Porto Alegre, com dois uniformes: uma camisa vermelha e outra branca.

Já que falamos em camisa dois, pelas informações desse mesmo livro, tudo indica que a **primeira camisa três** foi do Grêmio. De 1949 a 1955, a camisa um era listrada, a dois, branca e a três, azul.

Fontes:

BERTAZZOLI, José. *Ponte Preta 100 anos: luta, obstinação e vitória*. Campinas: ed. do autor, 2000.

COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 27-8.

- CUNHA, Loris Baena. *Flamengo: tua vida e tuas glórias*. Rio de Janeiro: Maanaim, 2002. p. 6.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *Histórias do Flamengo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1966. p. 66.
- GINI, Paulo; RODRIGUES, Rodolfo. *A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil*. São Paulo: Panda, 2009.
- HOJE em Dia*, Belo Horizonte, 25.05.2009. Caderno “América minha paixão”, p. 2.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 9.
- PÉCORA, André; CAMPINEIRO, Stephan. *Ponte Preta: a torcida que tem um time*. Campinas: Pontes, 2010. p. 37-40.
- PEREIRA, Luís Miguel. *Bíblia do Flamengo*. São Paulo: Almedina, 2010. p. 89.
- ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. 2ª ed. Campinas: R. Vieira, 1997. v. 1, p. 91-2, 94, 101-2.
- SANTOS NETO, José Moraes dos; CARVALHO, Djota. *Ponte Preta: 110 anos 110 fatos*. Campinas: AAPP, 2010.
- UNZELTE, Celso; DUARTE, Orlando; KUSSAREV, Rodolfo. *Campeonato Paulista: guia oficial 2009*. São Paulo: FPF, 2009. p. 13.

Primeiras camisas com faixa diagonal

A camisa de futebol com faixa diagonal não é muito comum no Brasil. Basta comparar quantos têm com quanto não têm. Qual foi o primeiro?

O Libermorro FC (AM) só teve camisa branca com faixa verde na década de 70. O Internacional de Porto Alegre usou camisa branca com faixa vermelha de 1953 a 1960, que voltou em 1995. Idem o Olímpico (AM), combinando com calção azul, na década de 40. E o uniforme original do EC Galícia (BA), fundado em 01.01.1933, tinha uma faixa diagonal que passava pelo ombro direito – ou seja, na mesma direção da faixa que corta o escudo do clube. Também têm ou tiveram faixa diagonal a AA Capapavense (SP), fundada em 1913, e o Luso SC (AM), fundado em 1912. O América Mineiro, também fundado em 1912, teve sua primeira camisa na cor branca com faixa diagonal verde sobre o ombro direito.

Mas há casos anteriores. P.ex., o Villa Nova AC (MG). Fundado em 28.06.1908, jogou até 1909 com uma camisa branca com uma faixa diagonal vermelha. Ao completar 95 anos de idade, relançou-a como camisa comemorativa mas, segundo Wagner de Freitas, não chegou a usá-la em nenhum jogo.

A Tuna Luso Brasileira foi fundada em 01.01.1903, mas não consegui descobrir desde quando usa a faixa diagonal. Só sei que começou a jogar futebol a partir da década de 1915. Manoel Oliveira publica uma foto dos remadores de 1921 sem faixa e uma foto do time campeão paraense de 1941 também sem faixa. Além desta, Ferreira da Costa publica outra do time campeão de 1948 com faixa. Diante disso, devo supor que a faixa surgiu na década de 40. Pela lógica, teria seguido o exemplo do Vasco. Falemos dele.

Em 1898 comemorava-se o quarto centenário da descoberta o caminho para as Índias, pelo navegador lusitano Vasco da Gama. Natural que o clube da colônia portuguesa no Rio de Janeiro escolhesse o seu nome para o Clube de Regatas que então se fundava. Natural, também, que o sócio-fundador José Lopes de Freitas sugerisse que o clube adotasse a cor preta “dos mares ignotos singrados pelo almirante” e uma faixa diagonal branca, representando a rota adotada por Vasco da Gama.

A bandeira do Vasco é preta com uma faixa branca diagonal branca, que parte do canto superior esquerdo (cf. art. 7º do Estatuto do Vasco) – provavelmente em alusão à rota do Atlântico, acompanhando a costa africana. (Se partisse do canto superior direito, representaria a rota de Cabral pelo Atlântico ou a de Vasco pelo Índico, o que não faria muito sentido.) As mesmas cores e direção da faixa foram usadas na camiseta dos remadores: preta com faixa diagonal branca passando pelo ombro direito e, no meio dela, a “Cruz de Malta” que não é de Malta, mas Pátea – como vocês podem ver em meu artigo “As cruces dos times de futebol”, na internet. Segundo o site oficial do clube, só a partir da década de 30 ela passaria pelo ombro esquerdo, como atualmente. Direção contrária à da bandeira – e à da rota do Atlântico.

Quando ingressou no futebol, em 1916, no entanto, o Vasco adotou uma camisa preta sem faixa. Herança do Lusitânia EC, que havia incorporado em 26.11.1915, junto com seu time de futebol. Segundo Mário Filho, o Lusitânia adotou o uniforme de um combinado português que jogou algumas partidas aqui no Brasil: camisa de casimira preta e, por escudo, as armas de Portugal. O Vasco manteve o preto: camisa de *louisine* preta e fustão branco, com a Cruz Pátea no peito.

Apenas em 16.01.1938, contra o Bonsucesso, o Vasco usou pela primeira vez, um segundo uniforme: uma camisa branca com faixa diagonal preta. A camisa um, preta, só ganhou uma faixa diagonal branca em 1944. Alguns (inclusive a Placar) dizem que por sugestão do técnico argentino Ondino Vieira, porque ele tinha sido treinador do River Plate, que também ostenta uma faixa diagonal. Pode até ter dado um empurrãozinho na idéia, mas isso não é suficiente para dizer que a faixa vascaína foi inspirada no time platino, já que, como vimos, ela tem raízes na camisa dos remadores e na própria fundação do clube.

Um ano antes, foi a vez da Ponte Preta. De acordo com André Pécora e Stephan Campineiro, a primeira vez que a Ponte usou uma camisa com faixa diagonal foi em 1937, quando foi tricampeã da Liga Campineira. A faixa descia do ombro direito, com o escudo fora dela (segundo José Moraes dos Santos Neto e Djota Carvalho, somente a partir de 1958 ela foi invertida para o padrão vigente até hoje). Conforme Pécora e Campineiro, a inspiração da faixa veio do remo vascaíno – já que o time de futebol do Vasco ainda não usava faixa, como vimos acima. Além das boas relações entre ambas as diretorias, a Ponte quis agradar ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, que nutria uma simpatia pelo clube da colina. A tática deve ter funcionado porque, em 1952, ele convidou a Ponte a participar do “Dia do Gaúcho” na Capital Federal (Rio de Janeiro), com as seguintes palavras: “Ponte Preta e Presidente Getúlio Vargas, uma história de luta e perseverança”.

Diante de todas essas datas acima apresentadas, parece que a primeira camisa com faixa diagonal a ser utilizada no futebol brasileiro foi do Fluminense. Como já dissemos em “Primeira camisa dois”, em 26.12.1906, o clube decidiu lançar, para o ano seguinte, uma camisa branca com faixa diagonal tricolor, que passava pelo ombro esquerdo. De acordo com o site oficial do clube, somente em alguns modelos a faixa passava pelo ombro direito.

Sessenta anos depois, a faixa diagonal retornou ao uniforme tricolor, passando agora pelo ombro direito, para dar espaço ao escudo. No dia da reestréia, em 11.09.1966, numa partida com o Olaria, alguns torcedores chegaram a pensar que o time entrou em campo com a faixa de campeão da Taça Guanabara... Depois ela voltou em 2009, passando novamente pelo ombro direito, sob forte crítica de parte da torcida que não gostava da semelhança com a camisa do Vasco.

Fontes:

- DUARTE, Marcelo (org.). *Enciclopédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Areté, 2001. v. 1, p. 260.
- FERREIRA DA COSTA, João Batista. *A enciclopédia do futebol paraense*. 4ª ed. Belém: ed. do autor, 2007. p. 22 e 26.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 120.
- FREITAS, Wagner Augusto Álvares de. *Villa Nova: 100 anos de glória em vermelho e branco*. Belo Horizonte: ed. do autor, 2008. p. 35.
- FREITAS, Wagner Augusto Álvares de; RODRIGUES, Rodrigo; RIBEIRO, Henrique. *Almanaque do Leão do Bonfim*. Belo Horizonte: ed. do autor, 2011. p. 18.
- GINI, Paulo; RODRIGUES, Rodolfo. *A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil*. São Paulo: Panda, 2009.
- HOJE em Dia, Belo Horizonte, 25.05.2009. Caderno “América minha paixão”, p. 2.
- OLIVEIRA, Manoel. *Tuna: sua vida e glória*. Belém: Smith, 2003. p. 41, 55-7.
- PÉCORÁ, André; CAMPINEIRO, Stephan. *Ponte Preta: a torcida que tem um time*. Campinas: Pontes, 2010. p. 41-5.
- PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 8.
- SANTOS NETO, José Moraes dos; CARVALHO, Djota. *Ponte Preta: 110 anos 110 fatos*. Campinas: AAPP, 2010.

Primeiras camisas numeradas

Segundo Dienstmann e Denardin, os primeiros clubes, no mundo, a utilizar camisas numeradas foram o Everton e o Manchester City, na final da Taça da Inglaterra de 1933. Mas a novidade só foi oficializada por lá em 1939.

No Brasil, Rubens Ribeiro conta que quem primeiro usou camisas numeradas foi a seleção carioca, num jogo no Pacaembu, em 08.12.1946. Entre os times, o primeiro foi o Corinthians, que copiou a idéia dos cariocas, num amistoso que disputou com o River Plate, em 22.12.1946.

Bem, não é essa a versão de Aidan Hamilton. Em sua pesquisa, o autor inglês descobriu que as primeiras experiências com camisas numeradas começaram na Inglaterra, em 1928. E que, em 1929, o Chelsea, da segunda divisão, usou-as numa excursão pela América do Sul. Quando ainda estava na Argentina, a *Gazeta Esportiva* de 10.06.1929 publicou uma foto do time e o seguinte comentário:

“O futebol inglês acaba de lançar a última novidade. Não se trata desta vez de modificação das regras ou da contagem de pontos, mas da numeração dos jogadores. A novidade apareceu em fins do ano passado, nos campos da Velha Albion, dizem, com sucesso.”

Hamilton não fala sobre o uniforme inglês da primeira partida no Brasil, em 28.06.1929, contra um selecionado carioca, no estádio das Laranjeiras, mas diz que na segunda, em 30.06.1929, novamente contra os cariocas e no mesmo campo, “os excursionistas entraram em campo com *short* preto e camisa azul numerada nas costas”.

Passadas essas experiências pioneiras, a novidade caiu em desuso por aqui. Até que, segundo Marcelo Duarte, foi retomada em 1949. Para que os brasileiros se acostumassem ao padrão Fifa de arbitragem, que seria adotado na Copa de 1950, a CBD “importou” árbitros ingleses para apitar no Rio de Janeiro e em São Paulo. Então, as camisas dos jogadores foram numeradas, para facilitar a identificação dos jogadores e as anotações dos árbitros ingleses.

Fontes:

- DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. *Um século de futebol no Brasil*. s/l: Aplub, s/d. p. 27-8.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 171.
- HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 190-6.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 558, 604.

Primeira camisa com patrocínio

Segundo Luís Miguel Pereira, a primeira camisa de clube brasileiro em que foi estampado o patrocínio de uma empresa, para jogos de futebol no Brasil, foi a do Flamengo. Ao firmar contrato com a estatal Petrobrás, o Flamengo estreou a camisa com uma propaganda da Lubrax em 08.04.1984, num 3x0 em cima do America, pelo Campeonato Brasileiro.

Só que, antes disso, há outros casos. Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues afirmam que um dos primeiros foi o patrocínio da Cofap na camisa do São Paulo, em 1982. No mesmo ano, o banco Credreal figurou na camisa do Atlético Mineiro. É difícil encontrar casos em anos anteriores porque foi somente em abril de 1982 que o Conselho Nacional de Desportos (CND) autorizou os clubes brasileiros a colocar patrocínio em suas camisas. Mas há, sim, um caso anterior: segundo Marcos Guterman, um mês antes de o CND liberar, o Bento Gonçalves (RS) já usava camisa com propaganda de uma fábrica de móveis.

Mesmo assim, me vem à memória a própria Seleção Brasileira, que, em 1981 e 1982, teve o patrocínio do Instituto Brasileiro do Café (IBC), uma autarquia federal. Aliás, foi tão radical que chegou ao próprio escudo da CBF, onde figurou um raminho estilizado de café, o logotipo do IBC. Pelo visto, foi aí que começou a cair o veto do CND.

Fontes:

- GINI, Paulo; RODRIGUES, Rodolfo. *A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil*. São Paulo: Panda, 2009. p. 19, 129 e 235
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 207-8.
- PEREIRA, Luís Miguel. *Bíblia do Flamengo*. São Paulo: Almedina, 2010. p. 70.
- RODRIGUES, Rodolfo. *Escudos dos times do mundo inteiro*. São Paulo: Panda, 2006. p. 34.

LANCES

Primeira tabelinha

Aidan Hamilton cita Cídio Carneiro, autor do artigo “Henry Welfare (o terror das defesas)”, publicado no *Almanaque dos desportos*, 2º sem. 1960, segundo o qual o inglês Harry Welfare, que jogou no Fluminense a partir de 1913, foi o pioneiro das tabelinhas. Ele combinava com o companheiro de equipe: “*me dá a bola no ‘buraco’ [espaço vazio] e corre para frente para recebê-la novamente*”.

No entanto, para Tomás Mazzoni, os inventores da tabelinha foram o escocês Archie McLean e o inglês Bill Hopkins, que jogaram juntos, a partir de 1914, na ala esquerda do Scottish Wanderers e da seleção paulista. Para Mazzoni, “era uma máquina,

essa ala esquerda”. Curiosidade: o apelido de McLean era “Veadinho”... devido à sua velocidade, já que, na época, essa expressão não tinha outro significado.

Fontes:

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 117, 133, 139.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 89.

Primeiro gol de bicicleta

Leônidas

Mário Filho afirma categoricamente: foi de Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”. Segundo Leonam Penna e Marcelo Duarte, seu primeiro gol de bicicleta foi marcado em 1931, pelo Bonsucesso, numa partida contra o EC Carioca.

Haroldo Maranhão e Rubens Ribeiro afirmam que foi em 1938, na Copa da França. Mas parece que o que aconteceu nesse mundial foi a consagração internacional, no empate de 1x1 com a Tchecoslováquia, em 12.06.1938. A primeira bicicleta numa Copa do Mundo. A bola não entrou, mas mesmo assim assombrou os torcedores europeus, que aplaudiram de pé.

Sérgio Cabral afirma que o nome “bicicleta” foi invenção de Ari Barroso. Já Luiz Mendes defende que a autoria é de Gagliano Neto (ver “Primeiras transmissões”). Ambos concordam que o nome surgiu para descrever as de Leônidas, “que foi o mais perfeito executor da acrobacia”.

A primeira fotografia de uma bicicleta, segundo Rubens Ribeiro, foi tirada em 13.11.1948, no jogo São Paulo 8x0 Juventus, pelo campeonato paulista. Foi um gol de Leônidas, registrado para a posteridade pelo repórter fotográfico da *Gazeta Esportiva*.

Conforme seu biógrafo, Leônidas já vinha praticando essa jogada desde criança, nas praias e ruas do Rio de Janeiro, o que torna impossível dizer qual foi sua primeira bicicleta. Pior: consta que o próprio Leônidas admitia a possibilidade de não ter inventado o gol de bicicleta.

Petronilho

De acordo com os jornalistas Adriano Neiva (*apud* Luciano Nassar e João Machado Pereira) e Luiz Mendes, a bicicleta foi inventada por Petronilho de Brito, do Minas Gerais (time do bairro do Brás), em partida contra o Villa Isabel, do Rio, em 01.01.1922. No empate em 4x4, marcou os 4 gols de seu time, sendo um desse jeito. No dia seguinte, o jornal *A Platéia* apelidou o lance de “bicicleta”, em virtude do movimento das pernas no ar.

Assim como Leônidas, Petronilho também era useiro e vezeiro da bicicleta. Detalhe curioso que une os dois “ciclistas”: quando jogava pelo Sírio (carioca), em 1930, após uma apresentação de gala contra o Botafogo, em Figueira de Melo, Leônidas foi chamado pela torcida de “novo Petronilho” e “Petronilho carioca”...

Rubens Ribeiro tem uma versão um pouco diferente, que, de certo modo, tenta conciliar os pioneirismos de Leônidas e Petronilho apelando para a distinção entre bicicleta e puxeta, também chamada de puxada. Na sua opinião, Leônidas deu a primeira bicicleta. Quanto à puxeta, diz que é um lance que sempre existiu no futebol, mas que Petronilho executava com rara perfeição no Minas Gerais e no Sírio (paulista), imortalizando-o no San Lorenzo de Almagro (ver “Primeiros afrodescendentes”).

Mas, afinal, qual é a diferença entre bicicleta e puxeta?

Na **bicicleta**, o jogador salta e fica quase paralelo ao solo, de costas para o chão; chuta a bola por cima da própria cabeça, sem usar um pé de apoio no chão (Leonam Penna, Geraldo Monteiro de Barros, José Maurício Capinussú, Haroldo Maranhão).

Já na **puxeta** ou puxada, o jogador chuta de costas para o gol, golpeando a bola para trás, com o pé alto, sem tirar o pé de apoio do chão (Tomás Mazzoni, Rubens Ribeiro, Barros, Capinussú). Haroldo Maranhão tem uma definição um pouco diferente: puxeta seria o lance em que o jogador joga a bola sobre a própria cabeça para retomá-la noutro ponto (digamos que seria um “auto-chapéu”).

Alguns chamam tudo a mesma coisa: bicicleta, puxeta e até o voleio (Carlos Alberto de Lima). Realmente, a rapidez do lance muitas vezes impede que o lance seja corretamente identificado, sem um videoteipe em câmera lenta. Leonam diz que **voleio** é o sem-pulo. Luiz Feijó também diz que é o sem-pulo, só que com um ou ambos os pés no ar. Contudo, salvo engano, não é essa a característica distintiva do lance: o voleio, ao contrário da bicicleta e da puxeta, é dado de lado (Barros, Capinussú, Lima).

Ramón Unzaga

Eduardo Galeano, o famoso autor do clássico *As veias abertas da América Latina*, afirma que a bicicleta foi inventada pelo chileno Ramón Unzaga, no campo do porto chileno de Talcahuano. Alex Bellos dá a data: 1914. Mas só em 1927 a jogada só ganhou o nome de “chilena”, pelo qual ficou conhecida nos países de língua espanhola, quando David Arellano a divulgou nos estádios da Espanha, durante uma excursão do Colo-Colo. (Detalhe: Arellano morreu nesse mesmo ano, no estádio Valladolid, após um choque com um zagueiro.) No Rio Grande do Sul, porém, “chilena” é uma jogada de calcanhar, cujo nome se deve a um tipo de esporra chilena.

Belfort Duarte

Para terminar, Sérgio Cabral defende que o verdadeiro inventor da bicicleta foi Belfort Duarte. Como Belfort jogou até 1915, não é impossível – aliás, é até bem provável – que sua invenção tenha surgido antes da bicicleta. De fato, o grande jogador do America inventou um lance que a torcida e a imprensa chamou de “belfort” ou “brefor”, no qual a bola é tocada, no ar, com um dos pés e chutada com o outro (cf. Barros). Nas palavras de Luiz Mendes: “rechaçar a bola no ar, trocando de pés antes do rechaço”. Será essa a descrição de uma bicicleta?

A descrição do lance por Tomás Mazzoni não ajuda a desvendar o mistério: “chute no ar, com um pé após ameaçar com outro”. Mas a definição de Rubens Ribeiro esclarece as diferenças entre o belfort e a bicicleta. Diz Ribeiro que o belfort era um chute dado na bola antes de ela tocar o chão (portanto, um “sem-pulo”), mas de frente, como numa rebatida – ao contrário da bicicleta, que é dada de costas. Para tanto, o jogador levanta uma perna para ganhar impulso e chutava com a outra, numa rápida inversão dos pés.

Assim, ao contrário da bicicleta, o belfort é um lance eminentemente defensivo. Por isso, falava-se que fulano “tirou de belfort”. Normal, pois Belfort Duarte era zagueiro.

Dadas essas características, Rubens Ribeiro define o belfort como um “irmão gêmeo” da bicicleta. Eu diria que na verdade era o irmão mais velho.

Fontes:

BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 22, 26, 38, 109, 130.

BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 42.

- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 52.
- CABRAL, Sérgio. *No tempo de Ari Barroso*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1993. p. 187.
- CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988. p. 39, 111, 123.
- DUARTE, Marcelo (org.). *Enciclopédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Areté, 2001. v. 1, p. 74, 95, v. 2, p. 324.
- DUARTE, Marcelo. *Guia dos craques*. São Paulo: Abril, 2000. p. 254 e 336.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 185.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre L&PM, 1995. p. 57.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 103, 182-3, 202.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 105-6 e 161.
- LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 20, 125.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 42, 68, 135, 215.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 121-2.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 112-3.
- NASSAR, Luciano Ubirajara. *Brasileiros, os melhores jogadores de futebol do mundo*. São Paulo: ed. do autor, 2004. p. 243 e 333.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 56, 172, 207.
- PEREIRA, João Machado Pereira. *Os que correm nos Maracanãs*. Joinville: Letradágua, 2005. p. 43-4.
- RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. p. 13, 90-1.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 209-10, 598.

Primeiro gol olímpico

O Hipódromo Guanabara foi inaugurado em 06.08.1961, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro. A arquibancada lotou. O primeiro páreo corrido, ao meio-dia e meia, em 1.400 metros e denominado “Initium de Potrancas”, foi vencido pela parelha “Gandaia” e “Guiné”. Pouco depois, no entanto, o Jockey Club Guanabara, seu proprietário, fechou as portas e o hipódromo foi comprado pela Associação Atlética Portuguesa, que o transformou no Estádio Luso Brasileiro.

Foi inaugurado como estádio no Campeonato Carioca: em 02.10.1965, uma derrota da Portuguesa por 2x0 para o “patrício” Vasco da Gama, perante um público de 8.565 pagantes. Os dois gols do alvinegro foram marcados pelo atacante Zezinho, que ironicamente tinha jogado antes na Portuguesa. O primeiro gol foi olímpico.

Será o único estádio do mundo inaugurado com gol olímpico? Não sei, mas não devem ser muitos. Não podemos esquecer que o Luso Brasileiro também é conhecido como Estádio dos Ventos Uivantes, devido às fortes ventanias que sopram no local. Talvez tenha ajudado no gol olímpico essa característica “eólica” do estádio – que também ajudou o goleiro Ubirajara Alcântara a marcar um gol de sua área, em 19.09.1970, num Flamengo 2x0 Madureira, também pelo campeonato carioca.

De qualquer modo, parece que o Vasco tem experiência nessa raríssima habilidade de fazer inaugurações com gols olímpicos. Os refletores de São Januário foram inaugurados em 31.03.1928 (ver “Primeiros jogos noturnos”), com gol olímpico do ponta-esquerda Santana, na vitória de 1x0 sobre o Wanderers, de Montevideu. Como o Wanderers é um time uruguaio e o Uruguai era campeão olímpico de então (aliás, ainda viria a ser bicampeão meses depois, ainda em 1928 – ver “Primeira volta olímpica”), teria sido esse o dia em que nasceu o nome “gol olímpico”. Essa é a versão do Vasco.

No entanto, segundo muitos autores, o primeiro gol olímpico foi marcado em 02.10.1924 (no dia anterior, segundo a *Placar Tira-Teima*), no Centro Sportivo Barracas, em Buenos Aires. Quando, nesse ano, os uruguaios voltaram da Olimpíada de Paris com a medalha de ouro no peito, foram convidados pela Argentina para um amistoso comemorativo. Pois bem, quando o placar estava 1x1, o ponta-esquerda argentino Cesáreo Onzari assombrou o público que assistia no Centro Sportivo Barracas com um gol marcado diretamente da cobrança do escanteio. Segundo o uruguaio Eduardo Galeano, primeiro seus conterrâneos ficaram mudos. Em seguida, reclamaram de falta sobre o goleiro Mazali. Por fim, alegaram que Onzari não teve a intenção de acertar o gol, que tinha sido obra do vento (que o diga o Luso Brasileiro) – o que obrigou o jogador a passar o resto da vida dizendo que não foi sem querer. Como o Uruguai havia conquistado o ouro olímpico, a imprensa argentina chamou-o, por homenagem ou ironia, de *gol olímpico*.

Parece que essa foi a data em que surgiu o nome “gol olímpico”, mas há outras opções. Uma delas, p.ex., é “gol de corner direto”, termo cuja paternidade Mário Filho (*apud* Haroldo Maranhão) atribui ao romancista tricolor Octavio de Faria, em carta escrita de Paris a Pedro Galotti, em 02.03.1939.

Mas tudo indica que também não foi esse o primeiro gol marcado diretamente da cobrança de escanteio. Segundo os sites www.11v11.com e <http://footiehistory.blogspot.com>, o primeiro gol olímpico foi marcado por Billy Alston, num jogo entre St. Barnards x Albion Rovers, em 21.08.1924, pela segunda divisão escocesa. Podemos dizer que foi o primeiro gol *válido* porque, dizem os autores, até dois meses antes, os gols marcados diretamente da cobrança de escanteio eram anulados.

Só que, antes disso, consta ainda um gol olímpico (sem esse nome, ainda) marcado pelo atacante Formiga, do Ypiranga, em 30.09.1917, na Chácara da Floresta, no empate em 1x1 com o Paulistano, pelo campeonato paulista. Mas o gol não foi anulado...

Em 26.05.1918, o ponta-esquerda Antenor, do Bangu, fez uma proeza ainda mais sensacional que um olímpico. No jogo São Cristóvão 3x4 Bangu, em Figueira de Melo, pelo campeonato carioca, Antenor simplesmente bateu escanteio e ele mesmo marcou de cabeça. Paschoal José Granado diz que ele conseguiu a façanha por chutar a bola bem alto, o que deu tempo para correr para a área e marcar o gol. Isso, certamente, não era ilegal.

Esse gol inacreditável podia ser chamado de “olímpico”? Do ponto de vista histórico, claro que não, já que o Uruguai ainda não tinha sido campeão olímpico. Mas se fosse marcado hoje?

Para responder a essa questão, é preciso definir o que é um “gol olímpico”. Segundo Carlos Alberto de Lima, é o “gol marcado por um jogador, ao cobrar um escanteio, quando a bola entra direto no gol, sem tocar em nenhum outro jogador”. Diante desse conceito, o incrível gol de Antenor poderia ser chamado de olímpico.

No entanto, pelo conceito mais divulgado, olímpico é o gol marcado diretamente da cobrança de escanteio (Penna, Barros e Capinussú), quando a bola faz uma trajetória em curva (Maranhão). Certamente não foi o caso de Antenor. Digamos então que ele marcou um “olímpico em dois tempos”.

Fontes:

- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 92.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 62, 76.
- CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988. p. 86.
- CARVALHO, Ney O.R. *Rio de Janeiro: um século e meio de turfe*. Rio de Janeiro: Jockey Club Brasileiro, 1998.
- DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. *Um século de futebol no Brasil*. s/l: Aplub, s/d. p. 27.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 185.
- EMEDÊ. *Loucuras do futebol*. 3ª imp. São Paulo: Panda, 2005. p. 66.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre L&PM, 1995. p. 55.
- GRANADO, Paschoal José. Um gol de superplaca, *Bangu em Revista*, Rio de Janeiro, 1966, p. 4-5 – *apud* MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Brasília: ed. do autor, s/d. p. 59-60.
- LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 65-6.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 135.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 34-5.
- MÉRCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 1985. p. 55.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 166.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 119.
- PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 68.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 168.
- RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 143.
- SANTOS, Newton Ernesto Pacheco dos. *Palco das emoções: uma pequena enciclopédia dos estádios*. Curitiba: ed. do autor, 2005.
- STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. *A história do campeonato paulista*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 1997. ref. ano 1917.
- WIKIPEDIA.

Primeira Domingada

Domingada é um lance que deve seu nome a Domingos da Guia, o Divino Mestre, considerado por muitos o melhor zagueiro brasileiro de todos os tempos e pai de Ademir da Guia. Ambos revelados pelo Bangu.

A controvérsia já começa quanto ao próprio conceito de Domingada. Para uns (como Eduardo Galeano, Hans Henningsen, Luiz Feijó, Haroldo Maranhão, Nei Lopes e Sérgio Miranda Paz), é uma jogada de sangue frio, a arte de sair da própria área com

calma, preferencialmente com um drible brilhante sobre atacantes rivais, para desespero da torcida. Porque Domingos tinha tanta categoria que simplesmente não dava chute. Nesse sentido, não existe uma “primeira Domingada”, simplesmente porque era o estilo de jogo do Divino Mestre. Como bem observou o Professor Luiz Cesar Saraiva Feijó, em e-mail, o sufixo “-ada” costuma acrescentar ao radical uma noção de abundância, como quantidade física. P.ex., boiada, filharada e – é claro – goleada. No caso de Domingada, é como se o sufixo derramasse sobre o radical a abundância do talento de Domingos da Guia.

Para outros (p.ex., Ari Riboldi, Gustavo Poli, Lédio Carmona, Leonam Penna, Marcelo Duarte e a *Placar Tira-Teima*), porém, Domingada é uma jogada infeliz da zaga. P.ex., quando o zagueiro perde a bola por excesso de confiança. Nesse sentido pejorativo, a primeira Domingada tem registro de nascimento: semifinais da Copa, 16.06.1938. O Brasil perdia por 1x0 quando, aos 17 do 2º tempo, Domingos perdeu a bola inexplicavelmente, caiu na provocação do atacante italiano Piola e cometeu, nele, um pênalti infantil, devidamente convertido. Final de jogo, 2x1, Itália na final.

Luiz Mendes, José Maurício Capinussú e Carlos Alberto de Lima apresentam uma variação interessante desse conceito negativo da jogada. Dizem eles que a Domingada ocorre quando um zagueiro tenta fazer uma jogada difícil na defesa (i.e., tenta imitar a arte do Divino Mestre) mas acaba cometendo um erro na execução. Mendes inclusive critica o fato de o nome de Domingos ser lembrado nos lances infelizes, quando deveria ser justamente nos que deram certo.

Salvo engano, quando se parte de uma pessoa (p.ex., cafajeste, palhaço, trapalhão, pixote) para, mediante derivação sufixal, criar um substantivo terminado em “-ada”, esse substantivo designará uma ação típica, característica, daquela pessoa. P.ex.: cafajestada, ato típico de um cafajeste; palhaçada, ação digna de um palhaço; trapalhada, ato característico de um trapalhão; pixotada, ação infantil, típica de um pixote (criança) – coincidência ou não, todos esses exemplos têm um caráter pejorativo.

Seguindo essa linha de raciocínio, Domingada seria uma ação típica, característica, de Domingos da Guia. À primeira vista, lance digno do Divino Mestre é aquele em que o zagueiro atua com habilidade. Em tese, considerar que o lance infeliz da zaga é típico de Domingos também é possível, se nós nos apegarmos ao triste episódio da Copa de 1938; no entanto, é uma grande injustiça à sua memória, no que concordamos totalmente com Luiz Mendes.

A princípio, creio poder estimar, com pequeno risco de erro, que o caráter elogioso, depreciativo ou axiologicamente neutro da palavra terminada em “-ada” depende não do sufixo, mas da raiz da palavra. Isso na linguagem em geral. Porque, mais especificamente no jargão do futebol, acho que o sufixo “-ada”, quando utilizado para formar um substantivo, tende a conferir à palavra um tom pejorativo. Em consulta ao “dicionário” da gíria futebolística utilizada em 1918, publicado na obra de Tomás Mazzoni, encontro os seguintes substantivos terminados em “-ada” e seus respectivos significados: chamada (entrada agressiva), chapada (chute espetacular), martelada (cabeçada forte), pelada (futebol de rua), pisada (lance desleal), pixotada (erro grosseiro, infantil – ver “Primeiro frangueiro”), puxada (chutar de costas para qualquer direção), ripada (jogo violento) e tourada (jogo bruto generalizado).

Nos significados trazidos por Mazzoni, a par os termos neutros e um francamente positivo (chapada), me parece que, no geral, o sentido é negativo. Assim como bobeada, cachorrada, presepada, burrada, fora outros tantos trazidos por Daniela Favero Netto. Obs.: goleada é ambígua, já que só é boa para quem a aplica...

Fontes:

- CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988. p. 68.
- DUARTE, Marcelo. *Guia dos craques*. São Paulo: Abril, 2000. p. 141-2.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 125.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre L&PM, 1995. p. 82.
- HENNINGSSEN, Hans. *Os melhores jogadores sul-americanos do século XX*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2002. p. 48.
- LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 48.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. Rio de Janeiro: Selo Negro, 2004. p. 241.
- LOPES, Nei. *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*. Rio de Janeiro: Dantes, 2001. p. 171.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 97.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 120-2.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 171.
- NASSAR, Luciano Ubirajara. *Brasileiros, os melhores jogadores de futebol do mundo*. São Paulo: ed. do autor, 2004. p. 198-9.
- NETTO, Daniela Favero. *Um estudo de -ada, -aria e -agem em dicionários gerais*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- PAZ, Sérgio Miranda. *O Futebol como patrimônio cultural do Brasil: estudo exploratório sobre possibilidades de incentivo ao Turismo e ao Lazer*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2006. p. XI, 35-6.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 89.
- PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 95.
- POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. *Almanaque do futebol Sportv*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p. 108.
- RIBOLDI, Ari. *Cabeça-de-bagre: termos, expressões e gírias do futebol*. Porto Alegre: AGE, 2008. p. 73.
- UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002. p. 536.

Primeiro carrinho

Segundo Ruy Castro, Altair, lateral esquerdo que jogou no Fluminense de 1957 a 1971, “era especialista numa jogada então pouco comum, o carrinho, embora sempre visasse a bola”. Sendo especialista numa jogada incomum, seria possível deduzir que foi seu o primeiro carrinho, certo?

Não, necessariamente. Porque Rubens Ribeiro aponta Junqueira, do Palestra Itália, como perito no lance, a ponto de ser conhecido como o “Rei do Carrinho”. Como esse zagueiro, que raramente cometia falta, atuou no Palestra e no Palmeiras de 1929 a 1946, certamente fez carrinhos antes de Altair.

Luiz Mendes reconhece que Altair usava constantemente esse lance. Diz que um dos primeiros carrinhos que viu foi de Bigode, nos anos 40 e 50 (Bigode, lateral esquerdo crucificado pelo “Maracanazo” de 1950, jogou no Fluminense de 1943 a 1949). Conta que o primeiro carrinho de que teve ciência foi de um jogador conhecido como “Engrenagem” (porque perdeu o dedo numa), que jogou no São Luiz, de Ijuí (RS), de 1940 a 1942. No entanto, em sua opinião, o carrinho existe desde que o futebol

existe, tanto que “figura até nas primeiras regras do futebol e aparece sob a grafia inglesa ‘carring’”.

Com o devido respeito ao mestre, não posso deixar de fazer algumas observações. Em primeiro lugar, pesquisei no que considero o mais completo dicionário da língua inglesa (o *Webster’s Unabridged*) e não encontrei nele a palavra “carring”, mas “carrying”. Em segundo lugar, “carrying” significa normalmente “levar, transportar, carregar, conduzir” e ações semelhantes, mas também pode significar “tomar, conquistar, capturar, vencer, ganhar”. Ou seja, até seria possível que, um dia, “carrying” significasse a tomada da bola do adversário mediante um carrinho. Só que, em terceiro lugar, no vocabulário estabelecido pela Associação de Cronistas Esportivos de São Paulo para substituir os termos em inglês, em julho de 1920, a palavra “carrying” corresponde a “sobrepasso”. Por fim, em quarto lugar, Luiz Feijó esclarece que a palavra “carrinho”, no futebol, é uma metáfora plástica, não um estrangeirismo. Quer dizer: ela é usada porque o jogador escorrega na grama como se pilotasse um carrinho de rolimã, não por semelhança com o termo inglês “carrying”.

Assim, podemos concluir que “carrying” e “carrinho” são o que os tradutores chamam de “cognatos enganadores” ou “falsos amigos” (de quem traduz): palavras de idiomas distintos que são semelhantes na forma mas diferentes no significado. Nesse sentido, o “carrying” a que se refere Mendes não significa carrinho, mas “carregar” a bola; é a infração cometida pelo goleiro que dá sobrepasso. Por isso estava nas primeiras regras.

Não queremos com isso negar que o carrinho já existia desde os primeiros jogos, mas certamente não com esse nome. Tanto que, no “dicionário” da gíria futebolística utilizada em 1918, publicado na obra de Tomás Mazzoni, não existe a palavra “carrinho”.

Fontes:

- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 117.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. 13ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 212.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 113, 342.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 60-1, 237.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 120-2.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 128-30.
- NASSAR, Luciano Ubirajara. *Brasileiros, os melhores jogadores de futebol do mundo*. São Paulo: ed. do autor, 2004. p. 23-4, 55, 226-7.
- NOVO *Michaelis*: dicionário ilustrado. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968. v. 1, p. 160.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 70, 186, 220.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 210.
- RÓNAI, Paulo. *Guia prático da tradução francesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. VIII e ss.
- SANTOS, Agenor Soares dos. *Guia prático de tradução inglesa*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980. p. XVIII e ss.

STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. *A história do campeonato paulista*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 1997. ref. ano 1920.

THE American Heritage Dictionary. Boston: Houghton Mifflin, 1976. p. 243.

WEBSTER'S New Universal Unabridged Dictionary. New York: Dorset & Barber, 1979. p. 277-8.

Primeiro gol de letra

Campeonato carioca, 02.08.1942 (José Rezende e Raymundo Quadros dizem que foi em 03.08.1942), Fluminense 1x4 Madureira (Mário Américo diz que foi 0x4), em Álvaro Chaves. O tricolor sem seu titular, Batatais, contava com outro paulista, Romualdo Sperto, conhecido como “Gijo”, que jogou nas Laranjeiras de 1942 a 1943. O centro-avante Isaías, do Madureira, entrou na área do Fluminense e driblou Gijo. Diante da meta vazia, em vez de chutar direto para as redes, tripudiou: cruzou o pé direito por trás do esquerdo, como se formasse um “x” ou “y”, para então tocar para o gol. Por formar uma letra, Mário Filho deu esse o nome de “gol de letra”.

Claro que esse tipo de lance pode ter sido jogado antes, mas foi este, de Isaías, que deu origem ao nome “gol de letra” e, portanto, foi o primeiro a soletrá-lo.

Fontes:

BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 75-6.

FILHO, Mário (Rodrigues). *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 147.

MATTEUCCI, Henrique. *Memórias de Mário Américo*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986. p. 39, 43-4.

MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 113.

NASSAR, Luciano Ubirajara. *Brasileiros, os melhores jogadores de futebol do mundo*. São Paulo: ed. do autor, 2004. p. 198-9.

REZENDE, José; QUADROS, Raymundo. *Vai dar zebra*. Rio de Janeiro: ed. do autor, s/d. p. 204.

ROCHA, Antônio Carlos Teixeira. *Fluminense: as conquistas imemoriais*. Juiz de Fora: Editar, 2006. p. 43.

ROCHA, Antônio Carlos Teixeira. *Os goleiros do Fluminense*. Juiz de Fora: Editar, s/d. p. 23.

Primeira folha-seca

Não se discute que o inventor da folha-seca foi Valdir Pereira, o famoso Didi – ou “Príncipe Etíope de Rancho”, segundo Nelson Rodrigues. Difícil é dizer qual foi o seu primeiro gol desse jeito, em que, na cobrança de falta, a bola cai depois da barreira, na direção do gol, feito uma folha morta.

O gol de folha-seca mais famoso foi marcado por Didi no jogo Brasil 1x0 Peru, em 21.04.1957, no Maracanã, nas eliminatórias da Copa do ano seguinte, para perplexidade do goleiro Asca. Segundo João Máximo (*apud* Ribeiro), foi aí que o frango perdeu o *status* de frango. Muitos autores, como Roberto Porto, consideram esse o primeiro gol de folha-seca. Mas Didi treinava esse tipo de chute desde o início da década de 1950, quando estava no Fluminense.

Muita gente diz que Didi marcou o primeiro gol de folha-seca no Maracanã, na Copa Rio, torneio internacional que o Fluminense venceu em 1952 e, juntamente com o Palmeiras, campeão no ano anterior, requer seja considerado um título mundial. A

divergência é quanto à partida. Uns dizem que foi na segunda partida da final, empate de 2x2 com o Corinthians, no primeiro gol do tricolor, aos 10 do 1º tempo. Outros dizem que foi na 1ª semifinal, em 23.07.1952, 1x0 contra o Áustria de Viena, aos 30 do 2º tempo. Por fim, Carlos Heitor Cony defende que Didi marcou o primeiro gol de folha seca na 1ª fase do torneio, na vitória de 1x0 contra o Grasshopper, da Suíça, em 17.07.1952.

Há versões anteriores. Há quem diga que foi no Brasil 4x2 Uruguai, pelo Panamericano do Chile, em 16.04.1952, cuja vítima foi Máspoli. Outros dizem que foi num Fluminense 5x3 Bangu, pelo campeonato carioca, em 23.09.1951. Ou antes, num Fluminense 1x0 Botafogo, pelo campeonato carioca, em 16.09.1950. Antes ainda, seria justamente o gol inaugural do Maracanã, em que os cariocas perderam para os paulistas por 3x1, em 16.06.1950.

Mas qual é a versão do próprio artista? Ela foi obtida pelo biógrafo Pêris Ribeiro. Segundo Didi, o gol inaugural do Maracanã foi fruto de uma troca de passes, um chute quase rasteiro. No jogo contra o Bangu, também não foi de bola parada, mas um chute por cobertura, resultado de uma tabela com Orlando Pingo de Ouro. Nos jogos contra o Botafogo e contra o Uruguai, o mestre reconhece que havia alguns ingredientes de folha-seca mas, naquele, ainda não tinha aperfeiçoado a batida e, neste, ele botou muito efeito no chute. Por fim, no jogo contra o Áustria de Viena, ele disse que o “mérito” foi mais do goleiro Sweeda que, preocupado em armar a barreira, se adiantou e acabou se distraindo.

Didi entende que seu chute só se aperfeiçoou mesmo em 1955. Isso porque, em 28.08.1955, numa disputa com o centromédio Ivan (America 4x0 Fluminense, no Maracanã, pelo campeonato carioca), Didi levou a pior e ficou de molho por um tempo, durante o qual treinou um tipo de pontapé que não prejudicasse sua recuperação. Depois de muito testar com os goleiros tricolores Castilho e Veludo, a folha-seca foi oficialmente inaugurada em 31.10.1955, no estádio Leônidas da Silva, da rua Teixeira de Castro, pelo campeonato carioca, Bonsucesso 0x1 Fluminense. Sob um calor de mais de 40 graus, o goleiro Julião pensou ter visto coisas...

Se não bastasse toda essa polêmica sobre em qual dia Didi marcou a primeira folha-seca, também há quem diga que o primeiro não foi ele, mas Luis Antonio Reis da Cunha, o “China”, grande meia-esquerda campeão paraense pela Tuna Luso em 1948, 1951, 1955 e 1958. Ferreira da Costa diz que “os antigos” contam que foi de China a invenção, mas não diz quando. Bem, considerando que China começou a jogar em 1945, em times do bairro São Braz (Bacurau EC e Ancorino FC), em Belém, e passou para o time titular da Tuna em 1947, é cronologicamente possível que tenha sido sua a primazia do lance. Mas infelizmente faltam mais detalhes, em especial a data da façanha.

Tão controversa quanto o primeiro gol assim marcado é a autoria desse genial nome, “folha-seca”. A suposta autoria já foi creditada a Nelson Rodrigues, Mário Filho, Armando Nogueira, João Saldanha, Sandro Moreyra, Luiz Mendes e Waldir Amaral. Mas Didi achava que seu autor foi Oduvaldo Cozzi.

Fontes:

ARÊAS, Nilo Terra. *Almanaque esportivo jubileu de ouro do futebol campista*. Campos: Nilpress, 1962. p. 81.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 325.

BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 68.

- CONY Carlos Heitor. Eu vi nascer a folha-seca. *Revista do Fluminense*, nº 210, p. 17, abr. 1983.
- COSTA, João Batista Ferreira da. *A enciclopédia do futebol paraense*. 4ª ed. Belém: ed. do autor, 2007. p. 117-9.
- DUARTE, Marcelo. *Guia dos craques*. São Paulo: Abril, 2000. p. 134-5.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 123.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 63.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 109-11.
- PORTO, Roberto. *Didi: treino é treino, jogo é jogo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 51-2.
- RIBEIRO, Péris. *Didi: o gênio da folha-seca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009. p. 109 e ss.

Primeira paradinha

Há quem atribua a Pelé – p.ex., Leonam Penna, Geraldo Monteiro de Barros, Carlos Alberto de Lima. No entanto, Armando Nogueira e Ruy Castro dizem que o mérito é de Didi. Palavras de Nogueira (*Jornal do Brasil*, 18.10.1995, *apud* Maranhão):

“A paradinha é uma criação brasileira. Mais precisamente é uma pícara invenção de mestre Didi. Foi ele, e não Pelé, como já andei lendo, quem primeiro enfeitou a cobrança do pênalti com uma doce pontuação.”

Bem, na verdade, o próprio Pelé dá o crédito a Didi, que teria criado a paradinha num treino da seleção brasileira, em 1959. Ele corria para a bola mas, antes do chute, dava uma olhada para que lado o goleiro estava de movimentando. O Rei gostou da idéia.

Só que, segundo ele, Didi nunca tinha feito a paradinha durante um jogo oficial. Pelé, ao contrário, sim – apesar de não ser o cobrador oficial de pênaltis, nem do Santos nem da seleção brasileira. Sua mais famosa paradinha foi a do milésimo gol, em 19.11.1969, contra o Vasco, no Maracanã.

Fontes:

- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 100.
- BASTHI, Angélica. *Pelé: estrela negra em campos verdes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 106.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. 13ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 102.
- LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 95.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 195.
- NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé: a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 167, 170.
- PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 162.

Primeiro soco no ar

À primeira vista, a autoria é fácil: Pelé. Contudo, não é tão simples assim.

Rubens Ribeiro interpretou um comentário de Tomás Mazzoni para concluir que a primeira comemoração com soco no ar foi de outro santista, Rui, na derrota do Peixe para o São Paulo por 6x1, de virada, em 16.05.1943. Eis o comentário de Mazzoni (*apud* Ribeiro), que mais parece uma narração feita por... sei lá, acho que outro Rui, o Barbosa:

“Todo o flanco de Rui está desguarnecido e o couro vai ganhar a área. King se decide a sair, mas é lento, muito ‘platônico’ e quando chega ao bico da área, já com atraso, Rui, com grande presença de espírito, toca a bola, encobre-o e o couro viaja ‘burlescamente’ às redes! Que golpe! Curiosa atitude de Rui que cumprimenta o seu feito como um pugilista que saúda o seu público no ringue!”

Com o devido respeito, discordo que esse trecho descreva um gesto como o de Pelé, que consiste em, na corrida, dar um salto e um soco no ar. A mim, parece que Rui se limitou a levantar um ou ambos os braços com o punho fechado. Assim, retornemos do Rui ao Rei.

Pois bem, consta que a primeira comemoração com soco no ar (que Geraldo Monteiro de Barros chama de “soco de Pelé”) foi feita por Sua Majestade naquele que foi considerado o mais belo gol de seu reinado. Pelo campeonato paulista, em 02.08.1959 (é a data que consta inclusive no painel que homenageia o lance, mas Newton Santos e a Enciclopédia Lance dizem que foi 02.11.1959), Juventus x Santos, na rua Javari. Aos 36 do segundo tempo, depois de receber um cruzamento de Dorval, Pelé dá um chapéu em Julinho, outro em Homero, outro em Clóvis, outro no goleiro Mão-de-Onça e, sem deixar a bola tocar o chão, marca de cabeça o quarto gol do Peixe. Em comemoração, corre em direção ao alambrado dando saltos e socos no ar, sob aplausos de ambas as torcidas.

Falando nisso, segundo Luís Miguel Pereira, a **primeira coreografia** comemorativa de gol foi feita pelo atacante Caio, do Flamengo, em 1972. Até então, ele comemorava com um “soco de Pelé”, ou estendido no chão, esmagado sob uma pilha de companheiros de equipe. Foi aí que, em 03.12.1972, num 5x2 sobre o Fluminense, após marcar o segundo gol rubronegro, Caio correu em direção à torcida dando cambalhotas seguidas. Ele ainda repetiu o gesto nos outros dois gols que marcou. A cena inusitada revolucionou as comemorações a partir de então, inaugurando a moda das coreografias. E garantiu ao seu inventor o apelido que o consagraria: Caio Cambalhota.

Fontes:

- BARBULHO, Euclides. *Mooca 450 anos*. São Paulo: Edibarb, 2006. p. 231.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 118.
- DUARTE, Marcelo (org.). *Enciclopédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Areté, 2001. v. 2, p. 321, 481.
- PEREIRA, Luís Miguel. *Bíblia do Flamengo*. São Paulo: Almedina, 2010. p. 53, 108.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 515.
- SANTOS, Newton Ernesto Pacheco dos. *Palco das emoções: uma pequena enciclopédia dos estádios*. Curitiba: ed. do autor, 2005. p. 37.
- TONETO, Bernardete. As aventuras do Moleque Travesso. In: KÜNSCH, Dimas A. (org.). *Casa de taipa: o bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem*. São Paulo: Salesiana, 2006. p. 196-7.

Primeiro fair-play

São muitos os exemplos de *fair-play* no futebol. Pode-se dizer que o introdutor do *fair-play* no jogo brasileiro foi João Evangelista Belfort Duarte. É famoso o caso em que ele cometeu um pênalti, o juiz não viu e ele foi avisá-lo da infração. Não à toa, virou nome de um prêmio que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) conferia a todo jogador que ficasse 10 anos sem punição na Justiça Desportiva em mais de 200 jogos a partir de 16.01.1946, cf. art. 31 do Código Brasileiro de Futebol de 16.08.1945. Na antiga TV Rio, o beque Moisés disse que “zagueiro que se preza não ganha o Prêmio Belfort Duarte”. Uma frase para a posteridade, mas bons zagueiros como Alcir (Fluminense) e Zózimo (Bangu) também foram premiados. De qualquer modo, Luiz Mendes sugere o Prêmio Belford Roxo (cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro) para os que distribuem hematomas – ia sobrar candidato.

Outra forma de *fair-play* é bater propositalmente para fora um pênalti mal marcado pelo juiz. Inimaginável hoje em dia? Pois Rubens Ribeiro conta que aconteceu duas vezes no mesmo ano: Giby, da Portuguesa, na vitória de 4x3 contra o Ipiranga, em 19.06.1927; e Friedenreich, do Paulistano, no empate em 2x2 com o Independência, em 05.07.1927.

Atualmente, o *fair-play* mais comum tem sido retirar a bola de jogo na contusão do adversário, com devolução da bola em seguida. Segundo Ruy Castro, o primeiro jogo em que isso aconteceu foi num Clássico Vovô, em 27.03.1960, pelo Torneio Rio – São Paulo. Aos 3 do segundo tempo, numa dividida com Quarentinha, o tricolor Pinheiro caiu com distensão muscular e a bola sobrou para Garrincha. Em vez de correr pelo terreno livre em direção ao gol, Mané jogou para a lateral. Mário Filho, que assistia ao jogo das tribunas, comemorou exultante, gritando: “é o Gandhi do futebol, o Gandhi!”.

Mas o espetáculo não tinha terminado. Na hora de bater o lateral, Altair (ver “Primeiro carrinho”) ficou na dúvida: moralmente, aquela bola não era do Fluminense. Então, jogou a bola de modo a quicar de volta para fora. Todos entenderam o *beau geste*. Uma partida dessas só poderia terminar empatada: 2x2.

Fontes:

BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 129.

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. 13ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 212, 502.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o mundo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 20.

MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 120.

PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 95.

RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 281.

Primeiro gol de placa

Em 05.03.1961 (é a data que consta na placa, embora haja quem diga que foi no dia 25), placar final Fluminense 1x3 Santos. Pelé, após driblar seis adversários mais o goleiro, marcou o que foi considerado o mais belo gol já visto no Maracanã. Contudo, não foi filmado. Então, para imortalizá-lo, Joelmir Betting, então repórter esportivo do jornal paulista *O Esporte*, sugeriu homenageá-lo com uma placa de bronze, que foi instalada no Maracanã, em que está escrito exatamente o seguinte:

“Neste campo, no dia 5-3-1961, Pelé marcou o tento mais bonito na história do Maracanã. O Esporte – São Paulo.”

Daí em diante, gols espetaculares como esse foram considerados dignos de uma placa. Resumindo, gols de placa.

Fontes:

BASTHI, Angélica. *Pelé: estrela negra em campos verdes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 83.

FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 151.

LIMA, Carlos Alberto de. *Novo dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2006. p. 65.

MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 34.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé: a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 120.

PENNA, Leonam. *Dicionário popular de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 118.

PLACAR *Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 96.

COMUNICAÇÃO

Primeiros nomes do jogo

A expressão “fut balle” foi inventada pelos ingleses há mais de quatro séculos. Shakespeare, p.ex., a utilizou em duas peças de teatro. No ato 2, cena 1, da *Comédia dos erros*, de 1593, Drômio de Éfeso pergunta para Adriana: “Serei por acaso redondo, para você me chutar, sem mais nem menos, como se eu fosse uma bola de futebol? Se continuar, terá de me cobrir de couro.” (Mais de três séculos depois, os divertidos dadaístas concordariam, ao afirmar que “cada um é a sua própria bola de futebol”...)

Já no ato 1, cena 4, da peça *Rei Lear*, de 1605, Oswald, após apanhar do rei Lear, diz não concordar que batam nele. Então, o conde de Kent pergunta ao ofendido: “nem que lhe dêem um pontapé, meu jogador de futebol?” – e aplica-lhe um chute. Cartão vermelho para o conde!

O jogo de futebol, como conhecemos hoje, nasceu com nome e sobrenome: “football association”, que consta até hoje no próprio nome da Fifa: Fédération Internationale de Football Association.

Alguns países que importaram o jogo criaram suas próprias palavras para nomeá-lo. Quase sempre, utilizando a combinação de pé e bola. P.ex.:

- Croácia – “nogometni”
- República Tcheca – “kopaná”
- Polônia – “pilka nozna”
- Arábia Saudita – “korat al-kadam”
- Coreia do Sul – “chuk gu”
- Espanha – “balompié”

Casos especiais são da Itália e dos EUA. A Itália tomou de empréstimo o nome de uma batalha urbana medieval, o “calcio”. Já o “soccer”, derivado de “association”, era a palavra utilizada inicialmente pelos ingleses para designarem os jogadores de futebol, mas depois os americanos a elegeram para distinguir o jogo inglês do “football” americano.

Outros países não tiveram dificuldade para traduzir, pois tinham palavras similares às inglesas para se referirem a pé e bola, p.ex.:

- Alemanha e Suíça – “fussball”
- Holanda – “voetbal”
- Suécia – “fotboll”

Outros, nem sequer se deram o trabalho de traduzir. P.ex., a França e os países de colonização francesa. Justamente a França, tão ciosa de sua língua? Sim, mas consta que foi uma opção política, para obter o apoio inglês para a fundação da Fifa em Paris.

Muitos, porém, adotaram variações da palavra inglesa, com o som adaptado a suas línguas. P.ex.:

- Ucrânia – “futbola”
- Sérvia – “fudbal”
- Países de língua espanhola na América Latina – “fútbol”
- Japão – “futtoboru”, mas também “sakka” (de “soccer”)
- Brasil, Portugal e Angola – futebol

Se dependesse dos intelectuais avessos a estrangeirismos na língua portuguesa, o Brasil não estaria nesta última lista. Em vez de palavras importadas, eles preferiam criar, com base em radicais latinos e gregos, novas palavras (os chamados “neologismos”) para substituí-las e, assim, garantir a “pureza” da língua.

Em 1906, p.ex., o filólogo carioca Antônio de Castro Lopes – que teve sucesso ao criar a palavra “cardápio”, para substituir o francês “menu” – propôs o neologismo “ludopédio”. Não colou. Alcides d’Arcanhy – que não conseguiu emplacar “anidropodoteca” para substituir “galocha” (francamente...) – propôs “balípodo” em 1917 e, segundo Mário Filho, lutou por ela durante quarenta anos. Em vão.

Na imprensa, alguns escritores tentaram “bolapé”, que parece inspirada no “balompié” espanhol. Sem contar “podosfera” e “podobálio”. Paulo de Magalhães, jornalista e autor do hino oficial do Flamengo, propôs “pebol”; outros tentaram “pebola” e até “pedibola”. Essas propostas talvez tenham dado origem à palavra “pebolim”, que designa o famoso jogo de mesa também conhecido como “totó”, “pacau”, “fla-flu” e até “pingolim”; “fútbolín” na Espanha, “metegol” na Argentina e “taca” no Chile; trazido ao Brasil por um espanhol de nome Casternal, na década de 1950 (cf. Marcelo Duarte, Gustavo Barreto, Poli, Carmona e Schott).

Mas não teve jeito. A popularização do jogo era acompanhada, de perto, pela da palavra inglesa. Ela desembarcou no Brasil dividida: “foot-ball” ou “foot ball”. E assim permanece, com ou sem hífen, no nome de muitos clubes fundados no início do século XX, como o America Foot-Ball Club e o Coritiba Foot Ball Club. Depois passou a ser utilizada a versão unificada: “football”, ainda presente nos nomes de outros tantos clubes, como Fluminense Football Club.

O último passo foi aportuguesar. Inicialmente, havia também “futibol”. Sem contar os erros de ortografia, como os do jornal *O Paiz* de 1904, que publicou as aberrações “foat-boal” e “boof-ball” (cf. Pereira). No final das contas, acabou vingando “futebol”, por uma iniciativa da Associação de Cronistas Esportivos de São Paulo, que, em julho de 1920, “decretou” quais seriam os termos, em português, que substituiriam o vocabulário inglês que ainda era adotado. Mesmo assim, também são oficialmente reconhecidas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras: balípodo, bolapé, ludopédio, pedibola e podosfera. Afinal, dá-lhe que alguém resolve usar...

Fontes:

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5ª ed. São Paulo: Global, 2009.

- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 15.
- BARRETO, Gustavo. Futebol com as mãos. *Revista Gol*, nº 99, p. 46, 2010.
- BARROS, Geraldo Monteiro de. *Dicionário ilustrado do futebol*. São Paulo: Placar, 1980. p. 17, 88.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. *O clube como vontade e representação*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009. p. 97.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 545.
- FEIJÓ, Luiz Cesar Saraiva. *Futebol falado*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 2010. p. 141-3.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 64.
- GEHRINGER, Max (org.). *Pílulas de sabedoria instantânea da Professora Etelevina*. São Paulo: Globo, 2009. p. 67-9.
- GUIMARÃES ROSA, João. Hipotrérico. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2, p. 583-7.
- MAGALHÃES JR., R. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1977. p. 206.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 35, 199-200.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 76-7.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 31, 307.
- POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. *Almanaque do futebol Sportv*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p. 28.
- RICHTER, Hans. *Dada 1916 – 1966*. Munique: Goethe-Institut, 1984. p. 9.
- SCHOTT, Ben. *A miscelânea de esportes, jogos & ócio de Schott*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. p. 30.
- SHAKESPEARE, William. *Complete Works*. Londres: Oxford University Press, 1969. p. 103 e 914.
- STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. *A história do campeonato paulista*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 1997. ref. ano 1920.

Primeiras publicações

As primeiras publicações de futebol trazidas ao Brasil foram as seguintes:

- em 1894, Charles Miller trouxe um livro de regras, comprado numa loja de Southampton;
- em março de 1897, Hans Nobiling trouxe uma cópia dos estatutos do SC Germania, de Hamburgo; e
- em 1990, Antônio Casimiro da Costa trouxe uma cópia dos estatutos da Liga Helvética (suíça) e Johan Christian Moritz Minnemann trouxe para Rio Grande um protótipo de estatuto de um clube de Hamburgo.

Não é por acaso que Miller introduziu o futebol no São Paulo Athletic Club, Nobiling fundou o SC Germânia e Casimiro liderou a fundação da Liga Paulista de Football, da qual foi o primeiro presidente. Afinal, como diria o poeta Mário Quintana, “livros não mudam o mundo; livros mudam pessoas; pessoas mudam o mundo”.

Segundo Penna Marinho, o primeiro livro de educação física publicado no Brasil foi o *Tratado de educação física-moral dos meninos*, de 1828, de Joaquim Jerônimo Serpa. Mas qual seria o primeiro de futebol?

Gilmar Mascarenhas aponta o *Guia Football Association* como um dos primeiros livros brasileiros dedicados exclusivamente ao futebol. Foi publicado pela Livraria Universal, de Pelotas, em 1912. Só que há registros de publicações anteriores. Começando pela tradução das regras do jogo.

Luciano Nassar diz que a primeira tradução das regras foi de Belfort Duarte. Segundo Rodolfo Rodrigues, foi Belfort quem oficializou as regras do futebol no Brasil. No entanto, para Tomás Mazzoni e Rubens Ribeiro, são de Mário Sérgio Cardim as primeiras traduções para o português das regras do jogo e das instruções para a arbitragem. Trazidas por Charles Miller, em edição de 1902, foram traduzidas e publicadas, junto com um resumo histórico do futebol na Inglaterra e outros textos, no *Guia Sportivo* da Casa Vanorden, de 1903, a “primeira publicação desse gênero impressa no Brasil”.

José Moraes dos Santos Neto concorda, mas diz que a primeira publicação de futebol, no Brasil, é o *Guia de football* (Rubens Ribeiro chama de *Guia Sportivo*), de Cardim, que teve as edições de 1904, 1905, 1906 e 1908. Luiz Henrique de Toledo, por sua vez, afirma que a série *Guia de football* começou em 1903 e que continha recomendações, tabelas, resultados, estatutos da Liga, lista dos clubes participantes, regras, trechos dos tratados e manuais importados, nomes dos jogadores, propagandas e até horários dos bondes que atendiam aos campos.

Tudo isso leva a crer que essa publicação de 1903, intitulada *Guia Sportivo* ou *Guia de football*, foi a primeira publicação brasileira sobre futebol.

Todavia, Aidan Hamilton lembra que, em 13.07.1902, por ocasião de um jogo entre o Paulistano e um selecionado carioca, no Velódromo, o Paulistano distribuiu, como lembrança, um “carnet” (hoje chamaríamos provavelmente de “folder”) com os nomes dos jogadores, a explicação de alguns termos do jogo (como pênalti e off-side – impedimento) e um diagrama do campo de jogo com as posições dos jogadores. É possível considerar isto como uma “publicação”? Se sim, foi a primeira.

Fontes:

AUGUSTO, Gilberto de Palma Augusto (org.). *Álbum do centenário do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: Alameda, 1999. p. 22.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!* Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 53-4.

MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. São Paulo: RT, 1952. v. 2, p. 68.

MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física no Brasil*. São Paulo: Cia. Brasil, s/d. p. 33, 47, 50.

MARINHO, Inezil Penna. *História geral da educação física*. São Paulo: Cia. Brasil, s/d. p. 158.

MASCARENHAS, Gilmar. Cluster esportivo-recreativo de Pelotas e Rio Grande – RS, 1880-1920. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 59.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 34.

MILLS, John. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda, 2005. p. 45, 81, 90.

MILLS, John. *Memoriam SPAC*. São Paulo: Price Waterhouse, 1996. p. 30, 42-3, 48.

- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 36.
- RAMOS, Miguel Glaser. *S.C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro*. Rio Grande: Furg, 2000. p. 13.
- RIBAS, Mário Graco. *História do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: ECP, 1968. p. 16.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 43, 213.
- RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 165.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000. p. 57.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 89-90.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 13-4, 40-1, 75.
- TOYOSHI, Cláudia (org.). *Esporte Clube Pinheiros 110 anos*. São Paulo: ECP, 2009. p. 16.
- VIANA, Alceu de Mello. *Germânia, Pinheiros: IX décadas*. São Paulo: Alameda, 1992. p. 17.

Primeiras transmissões

De som

Antes do rádio, as transmissões de jogos de futebol eram feitas por telégrafo ou telefone. Desde 1917, o telefone já tinha boa fama. Chegou até a virar letra de música: *Pelo telefone*, gravado neste ano. A história oficial diz que essa obra de Ernesto Joaquim Maria dos Santos (o Donga) e Mauro de Almeida (o “Peru dos Pés Frios”) foi o primeiro samba gravado no mundo. No entanto, como diria aquele personagem do Francisco Milani, “há controvérsias”. Juridicamente, eles são os autores, porque registraram na Biblioteca Nacional, mas dizem os especialistas que a música é de autoria coletiva (das rodas de samba da casa de Tia Ciata). Dizem também que não foi o primeiro samba gravado: o *Samba Roxo*, de Edu das Neves, foi gravado em 1915, pela Odeon. Por fim, parece que *Pelo telefone* nem samba é, mas maxixe. Mesmo assim, pode-se dizer que foi a primeira gravação de sucesso de uma música auto-intitulada “samba”. Ufa!

Pois bem, nesse mesmo ano de *Pelo telefone*, para o jogo Fluminense 3x1 America, pelo Campeonato Carioca, a companhia telefônica, para demonstrar eficiência, instalou dois aparelhos em Campos Sales e colocou um empregado encarregado de prestar as informações, para que os torcedores pudessem acompanhar o andamento da partida sem ter que se deslocar até o estádio. Data do jogo? 14.07.1917, segundo Roberto Assaf e Clóvis Martins, ou 13.07.1917, segundo Orlando Cunha.

Transmissões interestaduais por telefone? Não sei qual foi a primeira. Mas o que encontrei foi a informação de Roberto Sander de que, quando o Brasil conquistou o título do Campeonato Sul-Americano (atual Copa América) de 1919, o resultado foi passado por telefone para São Paulo. Dias depois, as filmagens do jogo eram exibidas nas (lotadas) salas de cinema de outras cidades, como Belo Horizonte.

Poucos anos depois, segundo Rubens Ribeiro, a Sorveteria Meia-Noite, do Vale do Anhangabaú, ofereceu um “super-serviço” para atrair clientela: afixou um enorme quadro na porta do estabelecimento, onde eram anotadas as principais informações sobre os jogos do Campeonato Paulista, que eram passadas por telefone.

Isso no ano da primeira transmissão oficial de rádio no Brasil, que ocorreu em 07.09.1922: um discurso do presidente Epitácio Pessoa, na abertura da Feira-Exposição Mundial, comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Sua voz foi ouvida em grandes alto-falantes em Niterói, Petrópolis e São Paulo, para espanto e incredulidade do público presente. (Há notícia de transmissões extra-oficiais anteriores: para Luiz Camargo, a primeira transmissão falada, sem fios, por ondas eletromagnéticas, foi feita em 1893, pelo padre e cientista Roberto Landell de Moura, do alto da avenida Paulista para o alto de Sant'Ana, em São Paulo.)

Pouco depois, em 17.09.1922, começou o Campeonato Sul-Americano de futebol, no estádio do Fluminense. Tomás Mazzoni informa que, por iniciativa do jornal *A Gazeta*, os jogos desse torneio foram transmitidos para o público paulistano por meio de alto-falantes instalados no Vale do Anhangabaú.

No entanto, o futebol demorou a invadir o rádio. O meio de informação continuava a ser o telefone. Em Pernambuco, segundo Givanildo Alves, tudo começou com o jogo Bahia 7x2 Pernambuco, pelo Campeonato Brasileiro de Futebol (leia-se: de seleções estaduais), disputado em 30.12.1924, no Estádio da Graça, em Salvador. O *Diário de Pernambuco* organizou um “serviço especial de informações” com a Western Telegraph e a Pernambuco Telephone Company. De três em três minutos, o andamento do jogo era passado por telefone e divulgado por alto-falante diante do prédio do jornal, para duas mil pessoas.

Em 1925, quando as duas seleções estaduais se reencontraram na Bahia, o serviço foi retomado, dessa vez pelo *Jornal do Commercio*, na janela de seu edifício. Depois, para melhorar o conforto dos ouvintes, que até então ficavam de pé, chegaram a ser instalados alto-falantes no interior do Teatro Santa Isabel, onde os torcedores passaram a assistir sentados à narração do jogo pelo locutor oficial, José Vasquez. Com informações dadas de três em três minutos, é claro.

Também em 1925, a excursão do Paulistano pela Europa (ver “Primeiros jogos com times estrangeiros”) mereceu transmissão, digamos, “ao vivo”. Ao longo das partidas, cabogramas eram enviados a cada gol feito. Ignácio de Loyola Brandão conta que o placar do jogo era atualizado mediante placas afixadas pelo jornal *O Estado de São Paulo*, na praça Antônio Prado. A multidão assistia à evolução dos números e torcia em silêncio, explodindo em comemoração a cada gol do Paulistano.

Em Santos, Hamleto Rosato conta que o jornal *A Tribuna* costumava receber as informações e as divulgava mediante cartazes que ia afixando na porta do jornal, no transcorrer dos jogos que acompanhava. Até que Giusfredo Santini, Francisco Paino e Perilo Prado tiveram a idéia de chamar o electricista Carlos Fonseca, que instalou um alto-falante na sacada do jornal. O sistema foi experimentado pela primeira vez em 13.11.1927, na final do Campeonato Brasileiro de Seleções, em São Januário, o maior estádio brasileiro de então, inaugurado em 21.04.1927. Lembrando que os paulistas abandonaram o jogo a 12 minutos do fim, quando empatavam em 1x1 com os cariocas, por discordarem da marcação de um pênalti. Segundo Mário Filho, o presidente da República, Washington Luís, que estava na tribuna de honra, ordenou que o jogo continuasse. Ao que o jogador Feitiço, da seleção paulista, respondeu que o presidente podia mandar lá em cima, mas cá embaixo quem mandava era ele. Resultado: o juiz mandou bater o pênalti assim mesmo e encerrou o jogo em 2x1, cf. Tomás Mazzoni.

O sistema de transmissão dessa conturbada final funcionou assim: Paino, do Rio, usava o telefone; Alcino Rollemberg recebia telegrama pelo telefone, datilografava a descrição feita, passava-a a Perilo que entregava a Santini, que narrava com voz “calma, segura e bem clara”, no alto-falante. Foi um sucesso, para a multidão que tomou conta da rua General Câmara, desde a Martim Afonso até a Augusto Severo.

Pelas histórias acima coletadas (pode ser que haja outras, é claro), concluímos que a primeira transmissão por telefone foi a do Rio, em 1917, mas de curta distância. De longa distância, a primeira parece ter sido a de Bahia a Pernambuco, em 1924.

Por fim, a **primeira transmissão de uma partida de futebol pelo rádio**. A transmissão que entrou para a história como a primeira foi a do jogo Seleção Paulista 6x4 Seleção Paranaense, no antigo campo da chácara Floresta, pelo Campeonato Brasileiro de Seleções. Há divergência quanto à data: 19.06.1931 segundo a revista *Placar*, a *Enciclopédia Lance*, o *Almanaque* da Sportv e a revista *Língua Portuguesa*; ou 19.07.1931, segundo Valmir Storti, André Fontenelle, Fábio Franzini, Heriberto Ivan Machado e Levi Mulford Chrestenzen. Ou ainda um São Paulo 10x1 Paraná, pelo campeonato brasileiro de seleções, em 27.10.1929, segundo Rubens Ribeiro.

Independentemente da data e do placar, a partida foi narrada por Nicolau Tuma, pela Rádio Educadora Paulista (que depois mudou de nome para rádio Gazeta). Antes de o jogo começar, foi aos vestiários prestar atenção nas características físicas dos jogadores para identificá-los, já que os uniformes não tinham números nas costas (ver “Primeiras camisas numeradas”). No início da transmissão, o locutor teve que descrever os lados do campo e fez isso comparando-o com uma caixa de fósforos:

“Coloque na sua frente uma caixa de fósforos. Se não tiver uma caixa de fósforos, faça assim um retângulo na sua frente. Está pronto o retângulo, pronta a caixa de fósforos: Muito bem: eu estou bem no meio da caixa de fósforos; do lado esquerdo está jogando o clube paulista, do lado direito o representante do Paraná. Então, está claro que agora vocês estão tendo assim uma noção quase que visual daquilo que eu vou anunciar.” (apud Franzini)

Depois, ele viria a ser considerado o maior locutor esportivo das décadas de 30 e 40 e conhecido como “Speaker Metralhadora”, porque era capaz de pronunciar até 250 palavras por minuto. Nicolau, primo do falecido senador Romeu Tuma, foi deputado federal e, na Rádio Record de São Paulo, leu a proclamação da Revolução Constitucionalista, em 09.07.1932.

No entanto, o pioneirismo dessa famosa transmissão é contestado. Luiz Mendes afirma que, já na década de 20, Armando Pamplona narrava partidas de futebol em São Paulo, pela Rádio Educadora. E o *Correio da Manhã* de agosto de 1930 (apud Franzini) também noticia transmissões anteriores à de Nicolau Tuma: “*O Rádio Clube do Brasil, única estação de broadcasting carioca, que vem desde muito tempo transmitindo as principais partidas de football que se realizam nesta capital, São Paulo e Montevideu, vai agora adotar um novo sistema de descrição, como já se faz no Uruguai e na Argentina*”. O detalhe é que a Rádio Clube distribuía aos seus ouvintes “*um croquis do campo dividido em trinta quadros, pertencendo quinze quadros a cada team. Esses quadros servirão de referência para a detalhada descrição do jogo, podendo assim cada ouvinte saber, pela inspeção do croquis, a posição exata da bola*” (apud Franzini).

Apesar das primeiras transmissões, ainda não era comum o rádio acompanhar as partidas. Então, aconteciam situações curiosas, como a do America, que só soube que era o campeão 20 minutos depois de estar sacramentado o título, em campo. Aconteceu em 20.12.1931. Os rubros venceram o Bonsucesso por 3x1, mas dependiam de um revés do Vasco, que jogava no mesmo horário com o Botafogo. Só depois de 20 minutos aguardando em Campos Sales é que os americanos souberam, por telefone, da vitória botafoguense por 3x0 e puderam comemorar seu quinto título carioca.

A primeira transmissão internacional de rádio foi do Campeonato Sul-Americano de 1936. Diretamente de Buenos Aires, com narração de Gagliano Neto. Segundo Luiz Mendes (apud Claudio Nogueira), foi nessas transmissões que estreou o

primeiro comentarista: o jornalista Ari Lund, que atuou nos intervalos dos jogos. Antes, os intervalos entre primeiro e segundo tempos eram preenchidos com música.

De imagem

Segundo Ricardo Pizzotti, em 1939 foi feita a primeira transmissão televisiva no Brasil, embora em circuito fechado, na Feira de Amostras do Rio de Janeiro. Anos depois, ocorreu uma transmissão experimental de um jogo de futebol, em Juiz de Fora, tendo por cinegrafista Olavo Bastos Freire. Carlos Molinari dá os detalhes do jogo: Tupi 3x2 Bangu, amistoso disputado em 21.05.1950. O problema é que no site www.cinemateca.gov.br consta que o jogo foi filmado em 35mm, uma produção de João Gonçalves Carriço. Afinal, foi uma gravação em 35mm, uma transmissão de TV, ou a partida foi simultaneamente filmada por um equipamento e transmitida por outro, já que ainda não existia o videoteipe?

Pouco depois, em 18.09.1950, ocorreu a primeira transmissão comercial televisiva no Brasil, com a inauguração da TV Tupi de São Paulo. Na programação desse primeiro dia, o locutor Aurélio Campos explicou, com auxílio de uma mesa de futebol de botão, como seria uma narração pela televisão. No mês seguinte, foi a vez da primeira transmissão comercial esportiva da TV brasileira: Palmeiras 2x0 São Paulo, direto do Pacaembu, em 15.10.1950, pelo Campeonato Paulista. (Para Rodolfo Rodrigues, foi Portuguesa 3x1 Palmeiras, em 10.12.1950, também pela Tupi.)

Claudio Dienstmann e Pedro Denardin dizem que o primeiro televisionamento de um jogo no Brasil ocorreu em 14.09.1951, pela TV Tupi carioca, America 1x3 São Cristóvão, última partida de Heleno de Freitas, então no time rubro, e também sua única partida no Maracanã. Ocorre que, segundo Assaf, Martins e Marcos Eduardo Neves, essa partida foi disputada em 04.11.1951. Embora realmente transmitida, não foi a primeira no Rio de Janeiro, que, conforme Almeida Castro, foi feita pela mesma TV Tupi, só que em 11.11.1950 (data cf. Assaf e Martins): um Flamengo 1x2 Olaria, direto do Maracanã, pelo Campeonato Carioca, narrado por Antônio Maria – ele mesmo, o futuro compositor do samba-canção *Ninguém me ama*, de 1952, com Fernando Lobo. Detalhe: essa transmissão ocorreu ainda na fase experimental da emissora, que só foi oficialmente inaugurada em 20.01.1951.

Segundo Mario Sampaio, a primeira transmissão externa ao vivo na TV brasileira foi feita pela TV Record, com a exibição do jogo Santos x Palmeiras, diretamente da Vila Belmiro para São Paulo, em 18.09.1954 (quarto aniversário da inauguração da TV comercial brasileira). Talvez seja a primeira transmissão intermunicipal, já que transmissões externas a TV Tupi fazia desde 1950, como vimos acima.

Já a primeira transmissão interestadual foi o amistoso Brasil 2x0 Itália, transmitido do Maracanã para São Paulo, da TV Rio para a TV Record, com narração de Leo Batista e Luiz Mendes. No livro da Globo sobre o cinquentenário da TV brasileira consta que a partida foi em 01.07.1956, enquanto no *Almanaque* da Sportv consta que foi em 10.07.1956. Naquele tempo, as emissões eram limitadas a um sentido: ou os paulistas assistiam aos cariocas, ou vice-versa.

O videoteipe só começou a ser utilizado, no Brasil, a partir de dezembro de 1959, na TV Continental (mesmo ano em que Carlos Niemeyer lançou o inesquecível cinejornal Canal 100, em filmes de 35mm). Antes desse recurso, tudo na televisão era ao vivo e não havia *replay*. Então, como mostrar os gols no intervalo? Segundo o narrador Rui Viotti (*apud* Almeida Castro), ainda em 1957, a TV Rio teve uma idéia interessante: tirava fotografias dos gols com câmera Polaroid (porque dispensa

revelação em laboratório) e depois as colocava numa estante em frente da câmera, onde eram exibidas no intervalo.

Depois, Viotti, o chefe de reportagem e cinema Maurício Dantas e o laboratorista Afonso convenceram o diretor geral Almeida Castro a fazer uma experiência na TV Tupi: filmar os gols em 16mm. Para isso, montaram um pequeno laboratório no Maracanã. O filme era revelado ali mesmo, estendido num improvisado tambor giratório, movido manualmente, e secado no calor de uma fogueirinha feita com álcool, em latas de filmes vazias. Depois, um projetor de 16mm reproduzia o filme numa tela e a câmera da TV captava a imagem para transmissão. Só tinha um pequeno problema: devido ao tempo despendido na operação, era possível mostrar apenas os gols marcados até os 42min do primeiro tempo.

Segundo Ruy Castro, a primeira vez que o videoteipe foi utilizado para esclarecer um lance de jogo foi em 1962, na *Grande Resenha Facit* (ou *Grande Revista Esportiva Facit*, cf. Luiz Mendes), da TV Rio. Idealizada por Luiz Mendes, aprovada por Walter Clark, produzida por Augusto Melo Pinto e patrocinada pela Facit, fabricante de máquinas de escrever e de calcular, foi a **primeira mesa-redonda** com transmissão regular pela TV brasileira (Ruy Castro diz que foi a primeira do mundo). Pois bem, discutia-se um suposto pênalti não marcado em favor do Flamengo, num Fla-Flu, pelo juiz Airton Vieira de Moraes, o “Sansão”. O mediador Luiz Mendes, solenemente, mandou rodar o teipe. Todos acharam que tinha sido pênalti. Menos Nelson Rodrigues, que soltou a pérola: “*Câmera em mim! Se o videoteipe diz que foi pênalti, pior para o videoteipe. O videoteipe é burro! É só.*”

Falando em mesa-redonda, parece que um dos **primeiros palavrões** que foram ao ar na TV brasileira foi proferido pelo jornalista Geraldo Bretas, ao vivo, durante uma discussão futebolística com João Saldanha, em 1970.

A primeira transmissão via satélite para o Brasil ocorreu em 28.02.1969, quando o locutor Hilton Gomes falou direto de Roma, via Intelsat III, para a TV Globo.

Até então, os brasileiros tinham que se contentar em ouvir as Copas pelo rádio, o que foi possível a partir de 1934, quando quem tinha receptores de ondas curtas podia acompanhar a Copa da Itália pelas emissoras italianas e inglesas. Rádios brasileiras só começaram a transmitir Copas do Mundo a partir de 05.06.1938, Brasil 6x5 Polônia, em Estrasburgo, que foi narrado por Gagliano Neto para a Buynnton, uma rede com emissoras no Rio, São Paulo e Santos. Quanto às imagens, o brasileiro só podia assistir depois, nos cinemas, que lotavam, dois a três dias depois – a partir da Copa de 1958, podia ver na TV mesmo, mas com pelo menos um dia de atraso. (Se hoje achamos estranho o *delay* de alguns segundos, que acontece nas transmissões internacionais ao vivo, imaginem um *delay* de três dias...) Para compensar a ausência de imagem ao vivo, Sérgio Miranda Paz, Gustavo Poli e Lédio Carmona contam que, para a Copa de 1966, foi montado um painel de lâmpadas, na Praça da Sé, centro de São Paulo, em que era mostrada a posição da bola, conforme informações recebidas pelo rádio (parece inspirado nas transmissões da Rádio Clube do Brasil, com o tal *croquis*). O que a TV transmitiu ao vivo para os torcedores brasileiros foi a imagem desse painel...

Finalmente, a Copa de 1970 foi a primeira com transmissão ao vivo, via satélite, para o Brasil. Até aí, tudo bem. O problema é que muitos dizem que foi a primeira transmissão em cores, no Brasil. Será?

Na realidade, as fontes consultadas informam que o Telesistema do México, de fato, gerava e transmitia as imagens em cores, pelo sistema americano NTSC (National Television System Committee) – o Brasil viria a adotar uma variação do alemão PAL (Phase Alternative Line), o famoso “PAL M”, único no mundo, para evitar um *boom* de importações de televisores.

Ou seja, o sinal realmente chegava em cores, na estação da Embratel em Itaboraí (RJ). Ocorre que, como não havia equipamentos para retransmissão nem televisores para recepção em cores, um *pool* de três emissoras retransmitia em preto e branco mesmo e foi assim que a quase totalidade da população assistiu ao tricampeonato brasileiro. Segundo Lycio Vellozo Ribas, alguns privilegiados puderam assistir em cores. Quem seriam eles? Pelo livro da Globo, seriam os felizes proprietários de aparelhos adaptados. Já segundo Ana Maria Bahiana, seriam os convidados VIPs que foram a um auditório especialmente montado pela Embratel.

As transmissões em cores, no Brasil, começaram na década de 60, quando a TV Tupi fez algumas experiências com o famoso seriado *Bonanza*, em sistema NTSC (cf. Renato Cruz). A inauguração oficial das transmissões em cores, no Brasil, só ocorreu em 31.03.1972 (cf. Bahiana e Sampaio), com a transmissão de um desfile de carros alegóricos e artistas da TV, durante a XII Festa da Uva de Caxias do Sul (RS). Era o ano do Sesquicentenário da Independência, i.e., meio século passado da primeira transmissão oficial de rádio. Por que essa data? Porque era o aniversário do golpe de 1964 (cf. Bahiana). Por que esse evento? Porque era a cidade natal do ministro da Comunicação, Hygino Corsetti (cf. Cruz).

O primeiro jogo de futebol transmitido no Brasil, em cores, foi Seleção de Caxias do Sul 0x0 Grêmio Portoalegrense, um amistoso que fez parte da citada Festa da Uva. Há alguma divergência entre as fontes sobre a data dessa partida, mas aparentemente foi um pouco antes da inauguração, em 19.02.1972, transmitida em caráter ainda experimental pela TV Difusora de Porto Alegre e retransmitida para a TV Rio e para a TV Record de São Paulo.

Fontes:

- ALENCAR, Edigar de. *O carnaval carioca através da música*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. v. 1, p. 117-23.
- ALMEIDA CASTRO, José de. *Tupi: pioneira da televisão brasileira*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000. p. 76, 113, 115, 127, 148-9.
- ALVES, Givanildo. *História do futebol em Pernambuco*. 2ª ed. Recife: Bagaço, 1998. p. 135-9.
- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 83-4, 163, 296-300.
- BAHIANA, Ana Maria. *Almanaque anos 70*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 174-5.
- BINDI, Luiz Fernando Bindi. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda, 2007. p. 78.
- BONI, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, dito (org.). *50 anos de TV no Brasil*. São Paulo: Globo, 2001. p. 297, 299, 302-3.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000. p. 46.
- CAMARGO, Luiz Octávio Lima de. O lazer na cidade de São Paulo – SP. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 536.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 332-3.
- CRAVO ALBIN, Ricardo (org.). *Dicionário Houaiss ilustrado da música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Paracatu, 2006. p. 19 e 244.
- CRUZ, Renato. *TV digital no Brasil*. São Paulo: Senac, 2008. p. 36 e ss.
- CUNHA, Orlando. *Cronologia de uma odisséia*. Rio de Janeiro: s/n, 2001. p. 5.

- CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 175.
- DIENSTMANN, Claudio; DENARDIN, Pedro Ernesto. *Um século de futebol no Brasil*. s/l: Aplub, s/d. p. 28-9.
- DINIZ, André. *Almanaque do samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 32-3.
- DUARTE, Marcelo (org.). *Enciclopédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Areté, 2001. v. 2, p. 500, 505-7 e 517.
- DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos: esportes*. 3ª ed. São Paulo: Panda, 2009. p. 212.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 158-9.
- FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 128.
- FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-7.
- MACHADO, Heriberto Ivan; CHRESTENZEN, Levi Mulford. *Futebol do Paraná: 100 anos de história*. Curitiba: ed. dos autores, 2005. p. 633.
- MARCONDES, Marcos Antônio (org.). *Enciclopédia da música brasileira*. São Paulo: Art, 1977. v. 1, p. 19 e 236.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 167, 204-6.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999. p. 55, 64-7.
- MOLINARI, Carlos. *Almanaque do Bangu*. www.bangu.net.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 237 e ss., 299.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 171-2, 208.
- Ó, Marcelo do. Com o gol no gogó. *Língua Portuguesa*, ed. esp. “Futebol e Linguagem”, abr. 2006, p. 48.
- PAZ, Sérgio Miranda. *O Futebol como patrimônio cultural do Brasil: estudo exploratório sobre possibilidades de incentivo ao Turismo e ao Lazer*. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2006. p. 124 e ss., 129 e ss.
- PIZZOTTI, Ricardo. *Enciclopédia básica da mídia eletrônica*. São Paulo: Senac, 2003. p. 254 e 257.
- PLACAR Tira-Teima*, nº 1, nov. 1997, p. 67.
- POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. *Almanaque do futebol Sportv*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009. p. 270 e ss.
- RIBAS, Lycio Vellozo. *O mundo das Copas*. São Paulo: Lua de Papel, 2010. p. 159.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. São Paulo: CNB, 2000. v. 1, p. 224-5, 558, 625.
- RODRIGUES, Edson. TV Tupi: glória e derrota de uma pioneira. <http://retrotv.uol.com.br>.
- RODRIGUES, Rodolfo. *O livro das datas do futebol*. São Paulo: Panda, 2004. p. 29, 77, 173.
- ROSATO, Hamleto. Há 66 anos “A Tribuna” inaugurava a era dos alto-falantes no Brasil. *A Tribuna*, Santos, 08.08.1993, p. C-4.
- SAMPAIO, Mario Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. p. 94-5, 206-7, 268.
- SANDER, Roberto. *Sul-Americano de 1919*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009. p. 77.

- SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 118 e ss.
- SILVA, Luís Sérgio Lima e. *TV Tupi do Rio de Janeiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 25.
- STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. *A história do campeonato paulista*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 1997.
- VAMPRÉ, Octavio Augusto. *Raízes e evolução do rádio e da televisão*. Porto Alegre: Feplam, 1979. p. 29-30, 222.
- VIANNA, Luiz Fernando. *Geografia carioca do samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004. p. 23 e ss.